



**UFCE – UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ - INSTITUIÇÃO ASSOCIADA: UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA – JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP DE MARÍLIA**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília

SIMONE CRISTINA DOS SANTOS

**Antropologia visual e o olhar dos estudantes para os direitos humanos:
uma experiência sociológica no Laboratório de Ciências Humanas
numa escola pública periférica**

UNESP-FFC
Marília- 2023

SIMONE CRISTINA DOS SANTOS

Antropologia visual e o olhar dos estudantes para os direitos humanos:
uma experiência sociológica no Laboratório de Ciências Humanas numa
escola pública periférica



Dissertação como parte da experiência para a conclusão da Pós – graduação do programa de Mestrado em Rede Nacional - Profsocio, sob orientação da Prof.(a) Dr.(a): Ana Paula Cordeiro. Área de concentração: Ensino de Sociologia. Linha de pesquisa: juventude e questões contemporâneas. **Submetida à apreciação da UFCE– Universidade Federal do Ceará – Instituição associada:** UNESP – Universidade Estadual Paulista de Marília “Júlio Mesquita Filho”-SP.

S237a	Santos, Simone Cristina dos Antropologia visual e o olhar dos estudantes para os direitos humanos: : uma experiência sociológica no Laboratório de Ciências Humanas numa escola pública periférica / Simone Cristina dos Santos. -- Marília, 2023 140 p. : tabs., fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientadora: Ana Paula Cordeiro 1. Laboratório. 2. Antropologia Visual. 3. Juventude e Direitos Humanos. 4. , interculturalidades. 5. Escola Pública. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SIMONE CRISTINA DOS SANTOS

Antropologia visual e o olhar dos estudantes para os direitos humanos: uma experiência sociológica no Laboratório de Ciências Humanas numa escola pública periférica

Dissertação como parte da experiência para a conclusão da Pós – graduação do programa de Mestrado em Rede Nacional - Profsocio, sob orientação da Prof.(a) Dr.(a): Ana Paula Cordeiro. **Submetida à apreciação da UFCE– Universidade Federal do Ceará – Instituição associada:** UNESP – Universidade Estadual Paulista de Marília “Júlio Mesquita Filho”-SP.

Área de concentração: Ensino de Sociologia.
Linha de pesquisa: juventude e questões contemporâneas.

BANCA EXAMINADORA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Sociologia em Rede Nacional, área: Ensino de Sociologia pela Comissão Examinadora:

Prof(a). Dr(a). ANA PAULA CORDEIRO
Departamento de Didática / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof(a). Dr(a). ALEXANDER MAXIMILIAN HILSENBECK FILHO
Ciência Política e Comunicação / Faculdade Casper Líbero

Prof(a). Dr(a). MARCIO JEAN FIALHO DE SOUSA
Comunicação e Letras / Universidade Estadual de Montes Claros

Marília, 29 de maio de 2023

Dedicatória

Aos meus avós Maria Luiza e Joaquim O. da Fonseca e José C. dos Santos e Maria Alves Chaves que através de meus pais Evanete O. dos Santos e Luciano Chaves dos Santos que me educaram com princípios éticos dos quais me fizeram optar pelos trabalhos com educação, artes, segurança pública e direitos humanos, só tenho a agradecer pelo amor, apoio e inspiração;

À Jailson Moreira dos Santos, pelo amor, afeto e presença constante, pelo companheirismo nas ações de desenvolvimento de metodologias ativas e interdisciplinares em ciências humanas, ações sociais, arte, cultura e educação.

Em especial ao irmão Silvio, pelo companheirismo sempre me incentivando à produção fotográfica poética e filosófica.

Aos irmãos Paulo e Janaina pelo carinho e incentivo à área de Sociologia da educação.

Aos irmãos Silas, Daniel, Letícia e Matheus pelos olhares sensíveis à fotografia que me ajudaram a desenvolver uma metodologia para o trabalho de campo com crianças e adolescentes.

Aos filhos (as): Luís Moreira, Thainá Ianaiê, Talita Ariadne, Yosef e Lúrian pelo amor, curiosidades artísticas, apoio, paciência, companheirismo e afetos sem fim.

Aos familiares e sobrinhos pelo apoio e carinho nesta trajetória, em especial Sofia pelo amor e dedicação e inspiração à fotografia.

Aos estudantes participantes das eletivas e oficinas de fotografias pelas escolas por onde andei, em especial aos participantes das oficinas de sociologia imagética e antropologia visual.

Aos estudantes e professores das escolas estaduais, municipais, públicas e particulares por onde passei e me reinventei na educação, em especial a escola estadual, localizada na diretoria de ensino sul 3 da capital paulista, na qual me fixei desde 2014 e tive a oportunidade de vivenciar companheirismo com professores, com os estudantes e a trajetória do nascimento do Laboratório de Ciências Humanas, do Centro de Documentação e Memória Calasans e do Observatório de Direitos Humanos- Marielle Franco, dedico com amor e carinho este trabalho, que sem a participação intensiva dos professores de humanas, estudantes, gestões do grêmio (Revolução Estudantil, Ubuntu e Mandela estudantil), coletivo vanguarda, coletivo de mulheres- não é não e coletivo esse tal do oprimido. Agradecimentos à gestão pedagógica da escola e o grupo de fotografia protagonistas da liberdade, que surgiu em 2015, sem eles nada seria possível.

Este trabalho é dedicado aos amantes da fotografia, da arte, da educação e da liberdade.

Agradecimentos

À orientação de Ana Paula Cordeiro, pelo carinho e sensibilidade.

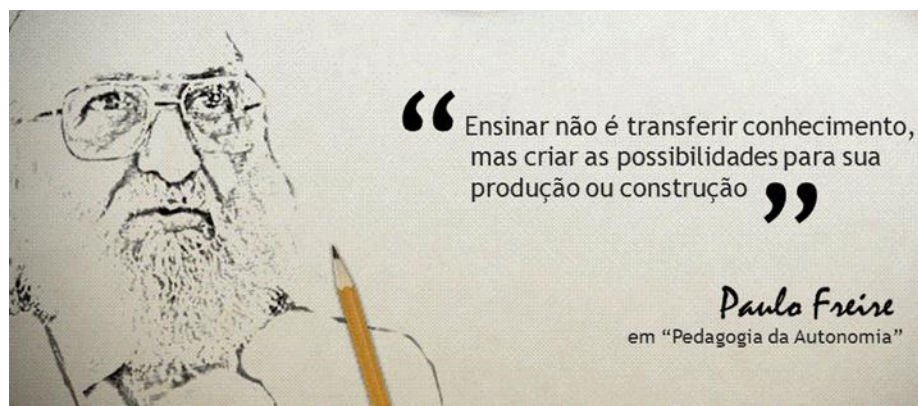
À UNESP pela oportunidade da realização do PROFSOCIO, a CAPES pela bolsa de estudos em apoio à pesquisa e em especial às professoras coordenadoras do curso de pós graduação em Sociologia em Rede Nacional das turmas de 2021- Dra. Sueli Guadalupe de Lima Mendonça e Dra. Maria Valéria Barbosa pela oportunidade de realização desta pesquisa. "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Aos estudantes e aos professores de turma Profsocio de 2021 que através da participação as aulas, eles tornaram este espaço uma riqueza imensa teórica e prática. Em especial aos amigos Beth, Alcir, Juliana, Tamires, Priscila, Débora, Adriano, Diego, Fabrício, Gisele, Camila e Henrique. Em especial aos professores: Sueli, Valéria, Totti, Luís Antônio, Rosângela, Henrique e Angélica.

Em especial agradecimentos sem fim à Maria Moreira e Natal Castro pelo carinho, amor e dedicação.

Aos amigos(as) das Ciências Humanas de sempre da diretoria de ensino sul 3, agradeço carinhosamente o núcleo pedagógico e os professores Eduardo, Osvaldo e Vanessa- PCNPs que formam incluindo os direitos sociais e humanos, e, vivem essa inquietude auxiliando na formação de professores da diretoria, formação esta que proporcionou e motivou parte deste trabalho na escola, nós aprendemos juntos teoria e prática, gratidão sem fim pelo apoio pedagógico e dedicação constante nos últimos anos.

Agradecimentos especiais aos professores que fizeram parte da banca de qualificação deste trabalho e da banca de conclusão da dissertação pelas contribuições que ajudaram na construção do conhecimento para finalização desta etapa. Muito obrigada pelas orientações, indicações de estudo, pesquisa e práticas de ensino. Estima e gratidão à Dr.(a) Ana Paula Cordeiro- Orientadora- Departamento de Didática da UNESP; Dra. Rosângela de Lima Vieira- Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP; Dra. Luciana Aparecida Araújo- Departamento de didática da UNESP; Dr. Alexander Hilsembeck Maximiniano Filho- Departamento de Ciência Política e Comunicação da Faculdade Casper Líbero; Dr. Márcio Jean Fialho de Souza- Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros e Dra. Ligia Wilhelms Eras- Instituto Federal de Santa Catarina- Câmpus Xanxerê



O ser humano aprende a ser humano aprendendo as significações que outros humanos dão à vida, à terra, ao amor, à opressão e à libertação. Paulo Freire, 1997)

RESUMO

Na sociedade brasileira ressignificar a democracia e exercitar o diálogo interdisciplinar para uma formação sociológica é uma tarefa árdua. O objetivo geral da pesquisa de campo foi compreender se as representações imagéticas e iconográficas produzidas pelos estudantes através da Antropologia Visual, junto ao Laboratório de Ciências Humanas (LACH) no ano de 2022 expressavam narrativas que aprimorariam o ensino-aprendizagem e se tais recursos auxiliariam no desenvolvimento do olhar sociológico e numa cultura de direitos humanos na escola. Fez parte dos objetivos específicos, o desenvolver a partir das técnicas de produção de imagens leituras de mundos despertando a narrativas antirracistas, de respeito às diversidades religiosas e de gênero. Refletiu-se conjunturas das experiências cotidianas e fatos sociais que expressaram violações dos direitos humanos e debateu-se as novas narrativas que contrapõem a comunicação violenta, os discursos racistas, homofóbicos, xenófobos e misóginos dinamizando oficinas de direitos humanos e produtos finais tecnológicas (portifólios, blogs, etc). Fortaleceu-se a área de Ciências Humanas contrapondo através de sua produção antropológica os vazios deixados nos conteúdos sociológicos por competências e habilidades aprovados na nova BNCC e sua aplicabilidade para o novo ensino médio. O diálogo com os campos das Artes, Linguagens, Tecnologia, Matemática, Geografia e História motivaram os(as) estudantes, que deixaram de ser os “agentes passivos” receptores dos conteúdos instrumentalizados e tornaram-se “agentes ativos” produtores do conhecimento. A compreensão das imagens, das subjetividades e potencialidades, se tornou rica fonte de memória e história em movimento. A metodologia participante trouxe reflexões dos atores sociais (estudantes) e seus espaços interculturais. O Laboratório de Ciências Humanas (LACH) buscou parcerias com linguagens e códigos para trabalhar o Slam resistência, os saraus de canto e poesia para as interlocuções dos jovens artistas na expressão de seus talentos poéticos e literários. Tanto as poesias quanto as fotografias, vídeos, teatros ou diários de campos fizeram parte de um leque de possibilidades e recursos. Durante a pesquisa houve a opção de priorizar os recursos da fotografia na área da antropologia visual para o desenvolvimento deste projeto. Os resultados deste projeto foram surpreendentes. Os desafios dos direitos humanos sensibilizaram a produção iconográfica e visual tornando as representações, referências estéticas e cognitivas, que se transformaram em recursos para o debates e reflexões sociológicas. A iconografia estudantil é um recurso importantíssimo em ciências sociais para sensibilização e desenvolvimento do olhar sociológico. As visitas aos museus ampliaram a formação, vivência e convivência humana e social entre estudantes e professores. A Organização do acervo, memória e banco de imagens da escola foi uma conquista relevante. Assim como, o fortalecimento de argumentos para o enfrentamento dos discursos e narrativas extremistas. A juventude defensora dos direitos humanos, se organizou com representantes de todas as turmas, se reúne duas vezes por mês e de forma autônoma. Para além dos objetivos, o surgimento do Observatório dos Direitos Humanos- Marielle Franco, as Comissões de Direitos Humanos dos professores e a Comissão Gremista dos Estudantes acompanhada pela gestão da escola. O fazer antropológico descrito nesta dissertação legitimou aprendizagens humanizadas que puderam refletir as demandas, os desafios e as problemáticas que trazem a educação pública na atualidade.

Palavras-chaves: Laboratório, Antropologia Visual, Juventude, Direitos Humanos, interculturalidades, Escola Pública

ABSTRACT

In Brazilian Society, re-signifying democracy and exercising interdisciplinary dialogue for sociological training is a arduous task. The general objective of the research was to understand if the imagery and iconographic representations produced by the students through visual anthropology, together with the Human Sciences Laboratory (LACH) expressed narratives that would improve teaching-learning and if such resources would help in the development of the sociological look and in a culture of human rights at school. It was part of the specific objectives, to develop from the techniques of production of images, readings of worlds, awakening anti-racist narratives, of respect for religious and gender diversities. Conjunctions of everyday experiences and social facts that expressed violations of human rights were reflected and new narratives that oppose violent communication, racist homophobic, xenophobic and misogynistic speeches were discussed, promoting human rights workshops and technological final products (portifólios, blogs, etc.). The area of Human Sciences was strengthened, Opposing through its anthropological production the gaps left in the sociological contents by competences and abilities approved in the new BNCC and its applicability to the new high school. The dialogue with the Fields of Arts, Languages, Technology, Mathematics, Geography and History motivated the students, who ceased to be "passive agents" receivers of instrumentalized contents and became "active agents" producers of knowledge. The understanding of images, subjectivities and potentialities, became a rich source of memory and Moving history. The participatory methodology brought reflections from social actors (students) and their intercultural spaces. The Human Sciences Laboratory (LACH) sought partnerships with languages and codes to work on SLAM resistance, singing and poetry soirées for the interlocutions of young artists in the expression. Of their poetic and literary talents. Both poetry and photographs, videos, theaters or field diaries were part of a range of possibilities and resources. During the research there was the option to prioritize the resources of photography in the field of visual anthropology for the development of this Project. The results of this Project were amazing. The challenges of human rights sensitized the iconographic and visual production, making the representations aesthetic and cognitive references, which became resources for debates and sociological reflections. Student iconography is a very important resource in social sciences for raising a awareness and developing a sociological perspective. The visits to the museums expanded the training, experience and human and social coexistence between students and teachers. The organization of the school's collection, memory and image bank was a relevant achievement. As well as strengthening arguments to confront extremist discourses and narratives. The Youth defender of human rights, organized with representatives of all classes, meet twice a month and autonomously. In addition to the objectives, the emergence of the Human Rights Observatory- Marielle Franco, the Human Rights Commissions of teachers and the Gremista Students Commission accompanied by school management. Anthropological work legitimized humanized learning that could reflect the demands, challenges and problems that present public education today.

Keywords: Laboratory, Visual Anthropology, Youth, Interculturalities, Human Rights, Public School

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

RESUMEN

Em la sociedade brasileira, ressignificar la democracia y ejercer el diálogo interdisciplinario para la formación sociológica es una ardua tarea. El objetivo general de la investigación del campo fue comprender si las imágenes y representaciones iconográficas producidas por los estudiantes a través de la Antropología Visual, em conjunto com el Laboratorio de Ciencias Humanas (LACH), expressam narrativas que mejoren la enseñanza- aprendizaje y si tales recursos ayudarían em el desarrollo de la mirada sociológica y em uma cultura de derechos humanos em la escuela. Formaba parte de los objetivos específicos, desarrollar desde las técnicas de producción de imágenes, lecturas de mundos, despertar narrativas antirracistas, de respeto a as diversidades religiosas y de género. Se reflejaron coyuntura de experiencias cotidianas y hechos sociales que expresaban violaciones a los derechos humanos y se discutieron nuevas narrativas que contraponen discursos comunicativos violentos, racistas, homofóbicos, xenófobos y misóginos, promoviendo talleres de derechos humanos y produtos tecnológicos finales (portifólios, blogs, etc), Se fortaleció el área de Ciencias Humanas, contraponiendo a través de su producción antropológica los vacíos dejados em los contenidos sociológicos por competências y habilidades aprobadas em el nueva BNCC y su aplicabilidade al nuevo bachillerato. El diálogo com los campos de las Artes, las Lenguajes las Tecnología, las Matemáticas, la Geografía y la História motivo a los estudiantes, que dejaron de ser “agentes passivos” receptores de contenidos instrumentalizados para convertirse em “agentes activos” produtores de conocimiento. La comprensión das imágenes, subjetividades y potencialidades, se convirtió em uma rica fuente de memória e história conmovedora. La metodología participativa trajo reflexiones de los actores sociales (estudiantes) y sus espacios interculturales. El Laboratório de Ciências Humanas (LACH) buscó alianzas con lenguajes y códigos para trabajar la resistencia al SLAM, veladas de canto y poesias para las interlocuciones de jóvenes artistas em la expresión de sus talentos poéticos como la fotografia, el vídeo, el teatro, el diário de campo formaban parte de um abanico de posibilidades y recursos. Durante la investigación se tuvo la opción de priorizar los recursos de la fotografia em el campo de la antropología visual para el desarrollo de este proyecto. Los resultados de este proyecto fueron assombrosos. Los desafios de los derechos humanos sensibilizaron la producción iconográfica y visual, haciendo de las representaciones referentes estéticos y cognitivos, que se convirtieron em recursos para debates y reflexiones sociológicas. La iconografia estudantil es um recurso muy importante em las ciencias sociales para crear consciência y desarrollar una perspectiva sociológica. Las visitas a los museos ampliaron la formación, la experiencia y la convivência humana y social entre alumnos y professores. La organización de la colección, memoria y banco de imágenes de la escuela fue um logro relevante. Así como fortalecer argumentos para confrontar discursos y narrativas extremistas. Los jóvenes defensores de los derechos humanos, organizados com representantes de todas las clases sociales, se reúnen dos veces al mês y de manera autónoma. Además de los objetivos, ele surgimento del Observatório de Derechos Humanos- Marielle Franco, las Comisiones de Derechos Humanos de docentes y la Comisión de Estudiantes Gremistas acompañados de la dirección escolar. El trabajo antropológico nesta dissertacion legitimó um aprendizaje humanizado que pudiera reflejar las demandas, desafios y problemas que presenta la educación pública em la actualidad.

Palabras claves: Laboratorio, Antropología Visual, Jóvenes, Interculturalidades, Derechos Humanos, Escuela Pública

SUMÁRIO

Introdução	12
CAPÍTULO I O LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS NA ESCOLA	17
1.1- Concepção do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola pública	26
1.2- Identidade e princípios de uma metodologia freiriana no (LACH).....	29
1.3- Eixos, projetos, eletivas, ações e parcerias do (LACH).....	35
1.4- Centro de documentação e memória dos estudantes e da escola	44
CAPÍTULO II O ENSINO DE SOCIOLOGIA E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA NO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS (LACH).....	47
2.1- Diagnóstico social da realidade dos estudantes de 2022.....	50
2.2- A ressignificação da área de Humanas a partir da experiência laboral.....	62
2.3- A escuta ativa e o Observatório de Direitos Humanos (Marielle Franco).....	73
CAPÍTULO III A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO PRÁTICO NA ESCOLA E OS DIÁLOGOS COM A ANTROPOLOGIA VISUAL	80
3.1- A Fotografia como instrumento de pesquisa em Ciências Sociais.....	87
3.2- A Antropologia visual como prática e a metodologia de pesquisa participante.....	98
3.3- Os direitos humanos e as fotos poéticas nas representações iconográficas.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
Referências Bibliográficas.....	116
ANEXOS 1- Autorizações de uso de imagem.....	121
ANEXOS 2- Portifólios- FOTOS:(Simone Santos)/ Registro de oficinas	122
ANEXOS 3–Registros de Oficinas- divulgação em TV e Concurso de fotografia.....	130
ANEXOS 4– Documentos de planejamentos de ações	138

Introdução

[Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas. Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto] (DESPALAVRAS- de Manoel de Barros)

A motivação inicial deste trabalho de pesquisa foi a possibilidade de fortalecimento de um Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola pública e a oportunidade de produção etnográfica no campo da escola pública. Refletir se a fotografia e iconografia produzidas pelos estudantes através da metodologia participante na área de Antropologia Visual poderiam ter seus status enquanto recursos, narrativas e documentos históricos para as Ciências Sociais. Nossas questões primordiais foram: pode a fotografia e demais linguagens imagéticas serem recursos válidos para o trabalho de campo? Como pensá-las enquanto tais e quais são os problemas que elas colocam para os (as) professores pesquisadores? Partimos do princípio que utilizar os recursos visuais como instrumentos de pesquisa em Ciências Humanas é desenvolver documentos históricos que contenham informações baseadas na interpretação da realidade fornecida pelos autores das imagens (SANTOS, 2001 p.8). Os estudantes de escolas públicas da zona sul de SP o que teriam a dizer através das iconografias?

As imagens são utilizadas pelos (as) fotógrafos (as) como mecanismo através do qual eles podem contar histórias com as fotos. Isto é, como um modo de narrar algo ou escrever as suas reflexões a partir da linguagem fotográfica. A primeira experiência de produção de imagens com adolescentes num território vulnerável na metrópole de São Paulo levou à experiência de um olhar para o território e a importância das imagens para a contação de histórias de produção de imagens e a história do território, seus primeiros moradores e desafios, as mulheres neste contexto e a valorização de suas atuações no território.¹ Assim sendo, os historiadores como Kossoy (1985) trazem questões a se pensar:

[se as fotografias podem ser usadas na pesquisa como instrumento para reconstituição e análise de estruturas sociais? Uma vez que a imagem tem, ela própria, uma linguagem com funcionamento próprio. De certo modo, podemos pensar que as artes visuais iconográficas têm sempre o caráter de uma investigação participante. A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos

¹ A inspiração para esse trabalho está no anexo pg 171, página seguem imagens do concurso de fotografia onde os estudantes ganharam os 10 primeiros lugares do concurso, das oficinas de fotografias, bem como, o projeto fotográfico com seus temas e a premiação dos estudantes do território do pedreira no período de 2006 a 2009.

aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta de acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada]. (Kossoy: 1989;22)

Abordar o uso da fotografia como documento histórico e tal fonte torna-se o produto final, memória e testemunho de uma realidade passada e vivida num tempo e espaço. “Kossoy (1989) observa que alguns elementos constituem a construção e criação de uma imagem fotográfica e estes podem ser divididos em três momentos: o primeiro é a intenção de se constituir uma imagem; o segundo momento é o ato do registro que cristaliza a imagem, materializando-a; o terceiro é, para o autor, o olhar constituído e espectador da imagem, aquele que se transfere da emoção para sua concretude. Para sua constituição, entretanto, são necessários os seguintes elementos: o assunto – fragmento do mundo exterior/objetivo; o(a) fotógrafo(a) – personagem do processo; e a tecnologia”(...) não menos importante, observa, são as coordenadas da situação, como o espaço geográfico e o tempo (cronológico, época) sob a ação do homem que – neste determinado espaço e tempo – opta por um assunto, emprega recursos oferecidos pela tecnologia de sua época. Esse produto final, que para o autor é a fotografia, torna-se um registro visual fixo de um fragmento do mundo exterior, um conjunto de elementos icônicos que compõem o conteúdo. Tais informações contidas nas imagens são conectadas “interligadas” e importantes para serem detectadas nos estudos históricos. (SANTOS, 2001)

Boris Kossoy (1985) e March Bloch (1974), no livro *A Introdução a História*, de 1974 trazem a ideia que, a fotografia tem a sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um dado aspecto do real, a partir de determinado lugar e época, onde o homem em si mesmo e suas inúmeras manifestações e atividades, constituem a essência do visível fotográfico. Nessa perspectiva entendemos ser o estudo das imagens uma necessidade, um caminho que só teria a complementar e fornecer mais elementos para a elucidação do passado e do presente humano, pois, como observa o historiador March Bloch (1974) é o presente em transformação (SANTOS, 2001 p.10).

As iconografias e fotografias estudantis são ricas fontes de memória e História parafraseando Bloch (1974): O autor diz que o passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas, o conhecimento do passado é coisa em progresso e se transforma e se aperfeiçoa”. Na interpretação de Kossoy(1985) pode-se dizer que as imagens vêm, com certeza, fornecer mais conteúdo para elucidar esse passado humano e

ajudar na construção de um olhar cotidiano. As reflexões etnográficas foram recursos fundamentais para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Buscou-se no capítulo I trazer o contexto histórico da Ciências Humanas e a conjuntura política e histórica do início do projeto e a concepção do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola pública e, desde a origem para a transição de uma conquista de um espaço físico dentro de uma escola periférica, a identidade e princípios de uma metodologia na perspectiva freiriana se tornou parte deste projeto. Elaborar os eixos e princípios que seriam contextualizados neste laboratório, os novos projetos interdisciplinares e transdisciplinares, as eletivas dialogando com a área de Humanas, os desafios propostos pelos itinerários, as parcerias com os coletivos de direitos dos bairros que estão no entorno da escola e a rede de conectividade comunitária com os participantes, tudo isso trouxe desde o primeiro instante uma dinâmica de atuação diferenciada dentro da escola a partir do nascimento do Laboratório de Ciências Humanas (LACH). É importante ressaltar que outra importante conquista foi o Centro de Documentação e Memória dos estudantes e da escola. Tal centro de memória se mostrou uma necessidade anos antes. A produção do documentário dos 50 anos da escola organizou a seleção de imagens significativas para a comunidade ².

No capítulo II, o ensino de Ciências Sociais e a transversalidade em Direitos Humanos na escola e no LACH, as matrizes de formação e identidades étnico-raciais da cultura brasileira, resignificando o povo brasileiro à luz de autores como Darcy Ribeiro (2002) e Florestan Fernandes (1977) na desconstrução do mito da democracia racial, a lei História da África (10.639/2003) e suas temáticas nas perspectivas decolonizadoras são parte das bases curriculares para o desenvolvimento do ensino aprendizagem. Num momento de reformas do “novo” ensino médio, “nova” BNCC e “nova” adaptação ao ensino integral, se tornou fundamental a resignificação da área de Humanas a partir da experiência laboral, dos princípios, dos eixos que norteiam os conteúdos, dos objetivos, diagnósticos e perspectivas. Esse capítulo aprofunda os conceitos e conteúdos de sociologia trabalhados no LACH, se encerra com a escuta ativa do Observatório de

² O documentário dos 50 anos da escola foi organizado pelo professor de História (Adilson Calasans) que lecionou nesta escola por cerca de 30 anos até a sua aposentadoria. Os depoimentos do documentário trazem estudantes da escola que depois se tornaram professores da escola. Parte das imagens para a produção do documentário e várias fotografias antigas estavam sendo cuidadas pelo professor Adilson Calasans. Segue o link do documentário de 50 anos da escola na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=3kjQxVdwcKs>

Direitos Humanos, os coletivos organizados na escola dialogando com a comunidade e as comissões de Direitos que se constituíram na escola.

No capítulo III, a experiência do trabalho prático e os diálogos com Antropologia Visual proporcionaram na escola uma prática educativa onde a fotografia foi usada como recurso e instrumento de pesquisa em Ciências Sociais. As aulas transversais, interdisciplinares e as avaliações disruptivas. A metodologia participante, o olhar sociológico e etnográfico. Buscamos neste trabalho provocar o leitor sobre duas questões: a primeira foi a utilização da fotografia neste trabalho de pesquisa problematizando a sua utilização e o envolvimento de sua técnica com o sujeito aqui documentado, num segundo momento refletir os sujeitos sociais nesse processo de produção de imagens, os estudantes e professores como os atores sociais que transformaram fotos em narrativas e refletiram o olhar receptor das imagens produzidas.

Sebastião Salgado (2000), fotógrafo documentarista disse numa entrevista que recomendaria a alguém que estivesse começando no mundo da fotografia, um livro de economia mundial, um de antropologia e um de história, ao invés de um manual de fotografia. Essa é uma discussão iniciada pelo fotógrafo e historiador Paulo Humberto Porto Borges (1999), que se completa ao dizer que ao vivermos numa sociedade imagética, onde a maioria das informações nos chegam via imagem, seja na embalagem de biscoito, seja no outdoor, na rua, na televisão, nas exposições de fotos em galerias ou museus. Para ele, a maioria dos fotógrafos amadores e iniciantes estão muito mais preocupados com o desenvolvimento da técnica do que com a sensibilidade e, sobretudo, de se perguntar o porquê da imagem e quais são os motivos que as justificam (SANTOS, 2001)

As imagens são utilizadas pelo fotógrafo como mecanismo através do qual ele pode contar histórias. Isto é, como um modo de narrar alguma coisa, ou escrever as suas reflexões. Salgado acredita na força da fotografia como um instrumento para criar discussão e levar as pessoas a olhar suas imagens e refletir sobre o que está ocorrendo. Salgado (2000) e Borges (1999), problematizam aqui o que se refletiu neste trabalho sobre a nossa compreensão de fotografia e de sua utilização nas Ciências Sociais, cuja técnica se torna um instrumento que complementa o aprendizado (SANTOS, 2001).

Os desafios antropológicos contribuíram para a compreensão das imagens, das subjetividades e potencialidades, sendo rica fonte de memória e história em movimento. A metodologia participante trouxe reflexões dos atores sociais e seus espaços interculturais. A pesquisa participante inclui as iconografias estudantis, seus anseios e

sonhos, intervenções culturais e estéticas que dialogam com os direitos fundamentais. A rede de solidariedade dentro da escola se consolidou, a formação em Ciências Humanas, bem como, os conceitos e experiências de atuação dos professores contribuem para uma formação integral mais humanística e conceitual na área, o nascimento crítico e necessário do Observatório de Direitos Humanos (Marielle Franco) e a produção iconográfica e etnográfica estudantil possibilitaram mais ações que sensibilizaram o olhar jovem para ver a educação e escola como patrimônio cultural, legitimando as aprendizagens humanizadas e um olhar mais contundente para a área de Ciências Sociais e os Direitos Humanos.

CAPÍTULO I | O LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS NA ESCOLA

Os diálogos contemporâneos no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) possibilitaram uma experiência sociológica que segue o seguinte pressuposto ³:

A educação torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico é requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (Declaração de Hamburgo, 1997).

Os temas geradores de rodas de conversas⁴ e para reflexão em Direitos Humanos ampliaram o interesse dos estudantes em leitura de textos, contação de histórias e narrativas populares sobre os fatos sociais cotidianos que muitas vezes motivam as rodas de conversas e dialogam interdisciplinarmente com políticas públicas educacionais e culturais ou referências estéticas, éticas e cognitivas ampliando as narrativas que se transformam em recursos para produção etnográficas, iconográficas e debates através dos recursos da Antropologia Visual.

O Laboratório de Ciências Humanas (LACH) surge num momento de reflexão profunda sobre as mudanças na educação que denominadas o “novo ensino médio”, os professores conversavam sobre o “novo” não ser tão novo assim, o ensino por habilidades e competências já era proposto na década de 60, 70 em meados da ditadura militar no Brasil. Nos encontros e manifestações de professores durante a greve de 2015, a área de

³ Diálogos Contemporâneos foi um projeto em conjunto com o Prof. Adilson F. Calasans de História que lecionava quase 30 anos na escola, também em conjunto com o professor Jailson Moreira dos Santos de filosofia que atuava em 2 escolas particulares e 3 públicas naquele contexto do ano de 2015 que tivemos a maior greve de professores do Estado, também com os Professores Luiz Marcelo de Paula, Cláudio Itihara e Maria Clemente que atuavam em 3 escolas públicas e desenvolviam os seus projetos nas áreas de ciência política, cultura brasileira e direitos humanos, as Professoras Vanessa Souza e Regina Silva que atuavam nas áreas de história, ciência política e cultura brasileira em 2 escolas públicas, o Professor Levi de Filosofia e Cícero de História também atuavam e apoiavam as ações interdisciplinares. Em Maio de 2015 apresentamos no VII - Congresso ICLOC - Práticas na sala de aula (https://issuu.com/icloc/docs/7congresso_icloc) sendo o primeiro projeto coletivo dos professores de humanas da escola em parceria com escolas do entorno da mesma região referente a iniciativa de diálogos e possíveis ações conjuntas dos professores de História, Filosofia, Geografia e Sociologia impactando no território. Neste ano de 2015, durante a maior greve dos professores do Estado de SP surgiu a possibilidade de realizarmos as aulas em praças fazendo os cafés filosóficos e proporcionando diálogos com os estudantes e com a comunidade.

⁴ No ano seguinte, em maio de 2016, o VIII- Congresso ICLOC- Saberes da docência (https://issuu.com/icloc/docs/8congresso_icloc) trouxe a versão do projeto que visava trabalhar em conjunto alguns temas geradores em Direitos Humanos e fazendo as rodas de conversas em várias escolas ao mesmo tempo.

Ciências Sociais, Filosofia, História e Geografia dialogavam sobre o processo de colonização e a história brasileira, os 21 anos de ditadura e as relações sociais cotidianas que reproduzem a casa grande e a senzala⁵, o crescimento das violências no país e da violência letal e necropolítica, as relações do poder de Estado com as periferias, a falta de políticas públicas e a criminalização dos movimentos sociais, os discursos de ódio, o crescimento dos movimentos conservadores de juventude, manifestações nazifascistas já observados nas ruas e nas escolas pelos professores, estudantes defendendo o que se dizia indefensável, o junho de 2013⁶ e as manifestações de juventude para os direitos básicos e a conquista do passe livre estudantil nas grandes capitais do país, a copa do mundo de 2014 e as megas construções para as olimpíadas gerando as denúncias de corrupção dos governos e manifestações contra os gastos excessivos com os esportes e o clima que começava para o impeachment que se efetivou em 2016, o clima para as eleições de 2018 e crescimento das pautas conservadoras no país. Todos esses fatos históricos na sociedade direcionavam os professores de humanas na rede pública e particular de ensino para a análise de conjuntura e avaliação de teoria e prática. Pois, do ponto de vista classista e do ponto de vista social a sociedade brasileira é uma sociedade de opressão.

É uma sociedade que para alguns intelectuais orgânicos, atuantes na luta contra a violência, não teve muitos avanços desde o século XIX quanto às relações sociais e políticas. Avalia-se a punição de forma discriminatória e preconceituosa. “Que sociedade é esta que legitima a violência e que acha que todo mundo tem que apanhar mesmo e que bandido bom “é bandido morto”.⁷ Eis uma sociedade classista-sectária amparada numa condição problemática histórica com sérios enclaves de consolidação democrática. Nesta experiência com Direitos Humanos no trabalho com análise das denúncia de torturas no sistema prisional, antes de atuar na educação pública estadual, foi possível perceber que a violência naturalizada e simbólica possui uma imagem impactante para a sociedade. Neste sentido, a violência e especificamente a tortura é uma prática enraizada na nossa cultura que beira a legalidade. Para Fernando Salla (2006)⁸ e Marcos Alvarez(2006)⁹ as raízes profundas estão “...no processo de tomada de território, na colonização e em uma imposição econômica violenta de dominação sobre os indígenas e

⁵ Os conceitos do autor Gilberto Freire estão sendo explicado nas páginas seguintes.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=InR56yKO5X4> Junho de 2013.

⁷ Padre Gunther Zgubic já observava essa narrativa em reunião de Direitos Humanos em abril de 2007.

⁸ Sociólogo e Pesquisador Sênior do Núcleo de Estudos e de Violência da USP.

⁹ Prof.de Sociologia da FFLCH-USP e Pesquisador Sênior do Núcleo de Estudos da Violência da USP.

os negros trazidos da África¹⁰. Para os autores, ainda havia historicamente a destruição sistemática de grupos humanos e suas culturas. Por outro lado, a sociedade legitima o seu passado carrasco dentro de normas de conduta cuja matriz ainda consiste em relações escravistas. Quando o policial espanca um bêbedo¹¹ publicamente dentro de um ônibus com armas nas mãos e é aplaudido pelas pessoas ele acaba legitimando o que a sociedade quer e acredita que está cumprindo, sua função legalmente oficializada na representação da lei e da ordem que essa sociedade busca.¹² Neste sentido, é possível descobrir quais são as raízes desta violência e, sobretudo, a necessidade de autoafirmação social e política ordenada. O diálogo com a Antropologia traz as raízes históricas e os problemas estruturais referentes à questão da tortura e da violência na sociedade brasileira.

O processo de colonização foi marcado por assassinatos, perseguições, escravidão indígena e mortes. O Brasil é marcado por períodos históricos determinantes na formação da identidade nacional¹³. Para Gilberto Freire (1987) no seu livro *Casa Grande e Senzala*, 25ª Edição, naquele momento as etnias não entendem a unidade nacional, entendem territórios diferenciados, terra de Kaingang, terra de tupinambás é de tupinambá. Para Darcy Ribeiro(2002) em seu livro *O povo Brasileiro*, o começo do sentido de Brasil, traz a na raiz de sua história, o país que é formado por bandidos da Europa que são erradicados pra cá, por indígenas cativos (o cativo em virtude das atividades não massificadas era diferenciado do apresamento dos negros)¹⁴ e por negros, ele denomina a sociedade brasileira como de mestiços.

O processo de escravidão negra foi marcado por uma cultura discriminatória, racista e sectária. Há militantes de Direitos Humanos que afirmam que há uma tradição e cultura de espancamento, consequentemente submissão do povo. Podemos dizer que houve

¹⁰ Fernando Salla e Marcos César Alvarez no artigo: “Apontamentos para uma história das práticas de torturas no Brasil”- págs. 277 a 308 da Revista Brasileira de Ciência Criminais nº 63- Editora Revista dos Tribunais- IBCCRIM- Dezembro de 2006- ano 14.

¹¹ Caindo de bêbedo que nem sabe onde está e como está. Alienado pela drogadição e impossibilitado de reagir.

¹² Situação vivenciada em novembro de 2008 na linha de ônibus praça da sé - IV Centenários- SP

¹³ Podemos dizer que a identidade nacional começa a se formar na década de 50 no Brasil, do ponto de vista institucional Getúlio Vargas legaliza e institucionaliza a não prática da escravidão, insere todo o povo na ideia da unidade nacional. Havia 6 milhões de indígenas no Brasil, hoje não há mais que 800 mil, pressupõe-se um processo de genocídio indígena, resistência de algumas etnias e não de submissão. Houve vá rios levantes no Brasil durante o período de colonização, haja vista os guerreiros Kaingang que quase expulsaram os portugueses.

¹⁴ A igreja naquele período teve um papa que considerou os indígenas como ser humanos de segunda classe- O filme “A missão”- especifica um pouco isso, as diferenças entre os cativos dos indígenas e dos negros, no cativo era pego o índio no mato colocado num regime de trabalho e educadamente ia destituindo a cultura deste indígena. (<https://www.youtube.com/watch?v=FCY2DmMhjy0>)

submissão do povo em virtude do colonialismo¹⁵, da escravidão¹⁶, da dominação econômica e do militarismo¹⁷? Para Gilberto Freyre (1987) as relações incestuosas da casa grande e senzala desdobravam em uma sexualidade coletiva. O senhor de escravos é o senhor da fazenda, senhor feudal, ele é poligâmico, além da esposa oficial tem as negras. Ele diz:

[No Brasil, as relações entre brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica- a monocultura latifundiária; do outro, pela escassez de mulheres brancas entre os conquistadores] (FREYRE, p.10. 1987)

A alegoria da fazenda como ele descreve, além das relações cordiais que o senhor da casa grande tinha com o pároco, com os comerciantes, ele descreve a relação com os escravos, a “comunhão” da alimentação de brancos e negros no mesmo espaço, os brancos comendo na mesa, davam uma ração para os negros e o negro de elite tem um acesso maior ao senhor da casa grande, observa o senhor se alimentar e recebe os restos dessas comidas sentados no chão como um cão. O povo absorve os comportamentos que foram embutidos ao longo da formação da identidade nacional¹⁸. Nesse processo da formação da identidade nacional o negro vai acreditando psicossocialmente que o negro é um cidadão inferior.

Para Darcy Ribeiro (2002), o apresamento dos negros é um ponto determinante no processo de violência da sociedade, os negros tinham o apresamento forçado e de forma muito violenta, o negro era forçado a não ter uma língua, era machucado, espancado e violentado em todos os pontos de vistas, inclusive não era considerado humano. Para o autor, a formação do Estado brasileiro se dá pelo banditismo, pelo cativeiro dos indígenas, pelo apresamento dos negros, do estupro de mulheres indígenas e negras e do estupro e casamentos forçados de órfãos portuguesas¹⁹. Ambos têm em comum a etnografia da formação do Brasil, cabe ressaltar que os autores destacam a formação da identidade brasileira a partir de uma relação violenta com as etnias que aqui estavam e com os grupos

¹⁵ Havia 6 milhões de índios no Brasil, hoje não há mais que 800 mil, pressupõe-se um processo de resistência e não de submissão.

¹⁶ Os povos aqui escravizados mostram que não eram submissos em virtude da quantidade de quilombos existentes (houve um momento na história em que havia mais negros nos quilombos do que negros cativos). Os quilombos revelam uma resistência contra o opressor na medida em que não falam a mesma língua e tão pouco se conheciam, mas se unem em prol da liberdade.

¹⁷ O militarismo e a consolidação do Estado autoritário tiveram a sua origem num momento histórico de levante popular.

¹⁸ Por exemplo, os negros nas novelas, profissões que representavam condições escravagistas

¹⁹ Os casamentos forçados no por volta de 1570 no país é um dos temas aprofundado no obra *Desmundo* pela historiadora Ana Miranda.

afros que chegaram²⁰, tamanha relação violenta que se tornou hoje uma marca estrutural a ser superada.

Por outro lado, podemos dizer que a legitimação da violência física e psicológica como prática de correção comportamental é uma estratégia para manter sob controle o poder vigente sobre o povo? Salla (2006) e Alvarez(2006) defendem que as relações sociais se estruturaram por esta matriz da violência, eles refletem que:

[as relações entre proprietários de terras e seus empregados, entre os patrões e operários nos centros urbanos, estão fortemente marcadas por aquela matriz, mesmo em nossa história recente] (SALLA e ALVAREZ, p.282, 2006)

Os autores relatam a historiadora Maria Odila(1995) ao pesquisar a cidade de SP no século XIX, destacando a vida cotidiana menciona como um juiz de paz da cidade em 1834 considerava bem merecidos os maus tratos e as pancadas que alguém poderia ter recebido nos cárceres, justificando a péssima conduta do encarcerado e as desordens causadas na sociedade. Para eles, a sociedade brasileira além de hierarquizada, não há a tradição de reconhecimento da cidadania, ela é marcada pela violência como elemento constitutivo das relações sociais.

Não dá para pensar as questões de direitos humanos²¹ no país sem refletir sobre a questão da propriedade no Brasil. A luta pela terra no Brasil revela o quanto na sociedade brasileira não se tem o reconhecimento de uma luta por cidadania. Para Gilberto Freyre(1987):

[a “Casa-grande” venceu a igreja , nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro Dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso período feudal. “Feias e fortes”. Paredes grossas. Alicerces profundos. Óleo de baleia. Refere uma tradição nortista que um senhor de engenho mais ansioso de perpetuidade não se conteve: mandou matar dois escravos e enterrá-los nos alicerces da casa. O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase fortaleza”. (FREYRE, p.19. 1987)

A fortaleza referida reflete um domínio sobre o território existente, este senhor da casa-grande também era o senhor da terra, o autor fala que o senhor da terra leva a igreja para dentro de casa submetendo a igreja sob o seu jugo, havendo um jogo de interesses nesta relação. O senhor de engenho que controla o pensamento psicossocial das religiões, dos escravos e dos cativos. A história da casa-grande é a história íntima de quase todo

²⁰ Cerca de 300 anos depois do processo de colonização.

²¹ Principalmente questões de violências física e psicológicas

brasileiro para Gilberto Freyre (1987) e ela está muito presente na história de luta pela terra no Brasil e revela por outro lado uma violência no campo que apresenta números de mortes assustadores²². No Brasil essa violência foi denunciada ao mundo devido aos tristes fatos das chacinas, como em Corumbiara em Rondônia - RO, que foram assassinados 13 sem-terra e diversos ficaram feridos, onde a polícia utilizou práticas de tortura, obrigando as mulheres e as crianças a comerem o cérebro dos homens, amarrando as pessoas em árvores e torturando na frente das crianças, além de cortarem as cabeças de alguns líderes do movimento de luta pela terra, onde até hoje existem vários desaparecidos. Esse método foi parecido com o método aplicado em Canudos na Bahia na transição para a República. E, Eldorado de Carajás, no Pará, onde dezenove sem-terra foram executados pela polícia militar, em abril de 1996.

[A verdade é que quando o Estado não consegue, por via da polícia que mata não só o nosso povo, mas estão na caça dos nossos líderes, eles permitem que os fazendeiros contratam pistoleiros de aluguel que são infiltrados na ocupação da terra pra realizar o serviço. Nem a ditadura brasileira matou tanto. Somente na década de 90 foram mortos 370 dirigentes do MST no país, mais gente do que 281 vítimas assassinadas no regime militar...”²³] (SANTOS, 2001)

Para os participantes de uma ocupação do Movimento Social dos Trabalhadores Rurais de Luta por Reforma Agrária- MST a tensão é presente o tempo todo, de forma que na estrutura do acampamento, o movimento se organiza em comissões e equipes. Há uma equipe de segurança que vive em constante agonia, percebendo todo o espaço da área acampada, utilizando estratégias para descobrirem infiltração de pistoleiros, e são responsáveis para não permitir a entrada da polícia em um acampamento sem mandado judicial.

O Estado autoritário no Brasil teve a sua origem num momento histórico onde o militarismo teve sua raiz fortalecida numa sociedade cujas as bases estavam estremecidas²⁴. A tortura tornou-se um método violento de interrogatório em 1964.

²² 1.634 feridos do ano de 1985 pra cá e 1.884 mortes (dados da revista Caros Amigos/nº 6 de 10/2000). Esses dados foram relatados até o ano 2000.

²³ Revista Caros Amigos especial –MST- 10/2000. AF- coordenador de frentes de massa e acampamentos na região de Promissão-SP. O MST se posiciona como um movimento social de luta pela terra, cuja luta é uma luta política e legítima. SANTOS. S,C- Título: *Um olhar aprendiz para a reforma agrária*-organizador (a) e orientador (a): Prof(a) Dr(a) Célia Aparecida Tolentino-UNESP-Marília - Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais- 2001- Cap II- das condições dos acampamentos.

²⁴ O Governo novo de Getúlio Vargas foi formado entre a oligarquia rural e os industriais emergentes e dentro de um pacto com os grandes detentores do poder. Essa Aliança que era Aliança Liberal faz com que o aparelho militar em torno de Getúlio se torna o principal meio de consolidação de seu governo.

[Se a tortura pôde se transformar em fato cotidiano da vida nacional é porque todas as estruturas do Estado passavam por um processo correspondente de endurecimento e exclusão do direito de participa. A imagem do brasileiro, conformado, acomodado, submisso que sempre se procurou vender não corresponde ao registro da história]. (ARNS, p.53. 1985)

O Livro *Brasil Nunca Mais* revela que na história brasileira a tortura e os maus tratos foram fortalecidos nos momentos em que a sociedade se organizava contra as opressões estabelecidas. Já no período Monárquico ocorreram inúmeros episódios de levantes populares em defesa da soberania nacional e contra a opressão política: A confederação do equador (1924²⁵- Pernambuco liderada por Frei Caneca que foi executado); A Cabanagem (1835²⁶ a 1840²⁷- Pará- onde a repressão matou metade da população da província); A Guerra dos Farrapos em Santa Catarina²⁸ e no Rio Grande do Sul (1835²⁹- foi sufocada em dez anos); A Sabinada na Bahia³⁰ (em 1837 e 1838); a Balaiada no Maranhão³¹ (1838 a 1841); A Revolta Liberal em São Paulo e Minas Gerais (1842)³² e a Revolução Praieira em Pernambuco (1848)³³; Para combatê-las foi criada em 1831 a Guarda Nacional, cujo o objetivo competia a repressão aos opositores internos”(ARNS, p. 53 e 54, 1985).

Em 1888 na passagem do séc. XIX para o séc. XX São Paulo busca melhorar o seu aparato policial, os autores Salla e Alvarez mencionam que “buscava-se uma melhor preparação das forças policiais” esse processo envolvia a Força Pública, cuja burocratização e profissionalização da corporação influenciavam nomeações de chefes de polícias, delegados, etc “...um instrumento político que garantia por exemplo, o voto de cabresto” (SALLA e ALVAREZ, p.282 e 283, 2006). E faziam valer os interesses das elites locais. Por outro lado, mesmo neste processo de profissionalização houve elementos que indicaram a utilização ilegal de meios de violência e abuso de poder. Os autores citam a história de João Antônio de Oliveira, o “Tenente Galinha³⁴”. Ele foi nomeado para comandar uma “escolta de capturas”, agia com autonomia não devendo satisfação a

²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=B_-Lwk83Z0A

²⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=eYdPnucPmsw>

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=8Dsw7T6ilx4>

²⁸ https://www.youtube.com/watch?v=X3_o0t1oUPo

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=ifYTrXZfRZw>

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=ZvIFLqgNMso>

³¹ <https://www.youtube.com/watch?v=m9KAvvgaKzA>

³² <https://www.youtube.com/watch?v=CDYPMZ1Rxlg>

³³ <https://www.youtube.com/watch?v=AbPiz9wEmxA>

³⁴ Foi nomeado para este cargo por ser alguém de caráter desvirtuado, com maus procedimentos, cujo o perfil deveria ser de alguém que exercesse a autoridade com extrema violência. Era ignorante, violento e o caçador de homens. O esquadrão da Morte da época. (Salla e Alvarez)

nenhuma autoridade local, somente da Capital. Capturava bandidos, executava-os e por onde passava violentava inclusive sexualmente as pessoas que ele achasse que poderia proteger um bandido. Os autores parafraseavam Figueiredo³⁵ dizendo que o Tenente Galinha era “a lei, o juiz e o carrasco” . Torturava sem piedade, seu grupo na caça ao banditismo e aos escravos que fugiam aterrorizava por onde passava no interior paulista ganhava presentes dos fazendeiros e na sua morte revelou-se o seu prestígio entre a elite brasileira. Atuando por cerca de 25 anos, morreu assassinado em 1913, apesar de punido por suas atrocidades. Compareceram o Secretário de Justiça e de Segurança Pública, o representante do Presidente do Estado, oficiais da missão francesa que treinava a Força Pública do Estado, o alto comando da Força Pública, inúmeros delegados.

Durante o período escravista houve participação dos militares na repressão das lutas sociais, no início da república a ação repressiva do exército foram contra Canudos (1897)³⁶ e Contestado (1912)³⁷, na década de 1930 há o registro de corrupções entre os generais e altos oficiais com o poder latifundiário local, os militares organizaram-se com seus tenentes³⁸ e a Coluna Prestes empolgou o país entre (1924 a 1927)³⁹. Em janeiro de 1935 se forma a Aliança Nacional Libertadora por comunistas e intelectuais que ganhou as ruas e quartéis num grande crescimento a partir de comícios e manifestações, esta conjuntura foi proibida por Getúlio Vargas e a partir do levante do Partido Comunista em novembro de 1935 o exército teve sua força anticomunista e tal violência “não se tratava apenas de castigar os revoltosos” ou os defensores da Reforma Agrária, da independência e da distribuição de renda⁴⁰. Mais do que isso, as elites representadas no Governo sentiram chegada a hora de, aproveitando o pretexto, golpear as conquistas democráticas. Deve-se lembrar na memória e história que o Estado Novo de 1937 de Getúlio Vargas foi uma ditadura instaurada em torno de Governo e que neste período de 2º Guerra Mundial a cúpula das Forças Armadas Brasileira comemoravam as vitórias Nazistas.

³⁵ Adherbal Oliveira Figueiredo- 1965- Jornalista que escreveu sobre a história de Tenente Galinha.

³⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=UCicCcFJPns>

³⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=066HNpxaGR4;>
<https://www.youtube.com/watch?v=FYSXN5YhHqA>

³⁸ O tenentismo foi um movimento com bandeiras simpatizantes da classe média urbana que lutavam pela democratização do voto e a dignidade nacional (págs. 55 - Brasil Nunca Mais). Comissão Nacional da Verdade: <https://www.youtube.com/watch?v=Duzkd-j-2bc>- Tenentismo

³⁹ Vale ressaltar que o tenentismo não foi um movimento que se uniu ao movimento operário, destaca-se que foi um levante da categoria. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=1u02uqMK6Ek>- O Velho- a História de Prestes; <https://www.youtube.com/watch?v=hkj43oZFXWE>- Documentário

⁴⁰ Aliança Nacional Libertadora.

Os anos de 1962 a 1964 foram anos de crescimento das lutas populares. Ascensão de Goulart através do plebiscito para derrubar o parlamentarismo, a luta pró “Reformas de Base” e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) provocou na direita brasileira um espanto de uma provável revolução comunista no Brasil. Em 1º de abril de 1964, legaliza-se um golpe militar no país, fortalecendo o aparato repressivo, sobretudo, uma alteração da estrutura jurídica, modificações entre o Executivo, Legislativo e Judiciário, segundo Arns:

[Em outras palavras: foi necessário um Estado cada vez mais forte, apesar de se manterem alguns disfarces da normalidade democrática. Em 1969 milhares de cidadãos foram presos e torturados e “o assassinato tornou-se uma rotina” o Brasil segue com uma imagem no interior como um país de torturas, perseguições, exílios e cassações]⁴¹. (ARNS, p.60 a 63. 1985)

Falar de violência e Direitos Humanos no Brasil ainda é um tabu, um Estado forte não pode significar ditatorial ou repressor, pois estabelecer políticas públicas e acessos aos direitos básicos da população fortalece o papel do Estado e reduz violências, por muitas vezes esta violência que se mostra em face simbólica e algo informal, é um tema permanente e relevante desde o período de consolidação democrática até a contemporaneidade. Os 21 anos de regime militar⁴² revelaram que havia mais de cem modos de torturas diferentes, habilidades foram desenvolvidas na prática da violência física para não se deixar marcas nos corpos. Com o desenvolvimento dos órgãos de segurança autônomos infelizmente a tortura física e psicológica instauram novas formas de violências e violações, os assassinatos se tornaram um método comum no cotidiano exercido como prática de resolução de conflitos. As raízes da violência no Brasil estão emaranhadas na nossa cultura e se fortaleceram com a ditadura militar, que só veio legalizar e aprimorar estes métodos há muito tempo utilizados no país⁴³. As Ciências Humanas foram creditadas as responsabilidades de compreender as causas dos problemas sociais, como se reproduzem na sociedade e de que forma os simbolismos da violência estão nos cotidianos e nas relações sociais. É necessário criar nos espaços de educação, cultura e segurança pública condições de refletir novas práticas e novos paradigmas que superem as práticas historicamente vivenciadas e marcadas a ferro e fogo na sociedade.

⁴¹ Até o fim do Governo Médice, este governo “*representa o período de maior repressão, violência e supressão das liberdades civis da nossa história republicana*”- Brasil Nunca Mais.

⁴² <https://www.youtube.com/watch?v=ItawI64zBEo> – O dia que durou 21 anos- Documentário

⁴³ No Cap II- O depoimento do militante C relata sobre a Lei Fleury criada no período da ditadura militar no Brasil e sobre a criação do Esquadrão da Morte- o comando de caça aos comunistas.

Na sequência segue um pouco da origem do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola pública periférica e sua relevância para a construção de novos olhares sobre os conceitos filosóficos, sociológicos, históricos e geográficos e a importância da reconstrução da memória da escola e da comunidade.

1.1- |Concepção do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola pública

O Laboratório de Ciências Humanas (LACH) surgiu no contexto de 2015, ano em que as escolas públicas da rede estadual passaram por 92 dias de greve dos professores. Considerada a maior greve de professores da história do país, o governo de São Paulo anunciou o fechamento de salas de aulas num processo de reorganização escolar. Na escola que se fixou o Laboratório de Ciências Humanas houve o fechamento de 11 salas de aulas no ano de 2015. No ano seguinte, em 2016, o projeto de reorganização escolar pretendia separar em algumas escolas os ensinos fundamental 1 e 2 e o ensino médio, locomover cerca de 300 mil estudantes, retirando vinculação dos seus bairros e pretendia fechar 92⁴⁴ escolas. Também proporcionar que o ensino básico fosse atribuição do município. O projeto de reorganização escolar foi questionado pela categoria e sindicatos de professores e pelos movimentos estudantis⁴⁵, as ocupações das escolas⁴⁶ começaram a ocorrer com o apoio das comunidades, dos artistas e dos movimentos culturais⁴⁷.

A escola periférica situada na zona sul de São Paulo, território da região do Grajaú, que no contexto atendia cerca de dois mil e oitocentos estudantes de ensino médio, é o local onde está localizado o Laboratório de Ciências Humanas (LACH) atualmente. Entre 2015 e 2016, o período que teve o fechamento de 11 salas de aulas, vários professores atribuíram aulas em 2 ou 3 escolas diferentes, alguns chegaram a assumir aulas em 6 escolas diferentes. O contexto da greve em 2015 e das ocupações de escolas pelo movimento estudantil em 2016 proporcionou vários debates sobre metodologias de educação e qual escola queremos ter.

Os sujeitos sociais (professores e estudantes) propunham ações que mobilizavam e articulavam conceitos da área de humanidades que desafiam as áreas de humanas a repensar seu papel na educação e na escola, a tomar decisões éticas e socialmente responsáveis, na compreensão identitária, nos conflitos trabalhistas, nas relações de

⁴⁴ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/10/politica/1449777218_852412.html

⁴⁵ Documentário Lute como uma menina: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&t=1s>; A estudante que calou o parlamento- <https://www.youtube.com/watch?v=aNo8BjBObXY&t=154s>

⁴⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw&t=10s>- Acabou a paz- Isso aqui vai virar o Chile

⁴⁷ https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM- ninguém tira o trono do estudar

poder, nas relações de consumo responsável, nas linguagens artísticas, corporais e verbais, no respeito às diferenças e diversidades, no exercício do diálogo, do conhecimento científico, da atuação social, da consciência antirracista, antifascista e da arte como um recurso de expressão, autonomia, interpretação de mundo e interlocução social. Os professores e estudantes repensavam a área de humanas como um fio condutor crítico para mobilizar a escola e a educação no território.

Nas aulas que aconteciam antes da greve e, depois do período de greve, no momento de reposição dos dias paralisados, a junção de salas e os diálogos compartilhados dos professores favoreceram a organização de um trabalho interdisciplinar e a união de turmas para reflexão de temas geradores em direitos humanos. Vários professores que se conheciam se encontravam nas mesmas escolas. Uniam-se em rodas de conversas para o debate dos casos de racismo, violências cotidianas e necropolítica. Havia a intenção de fortalecer a organização do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) em várias escolas. Pois, ele se justificava através de uma metodologia diferenciada para o aprofundamento de conceitos sociológicos, históricos, filosóficos e geográficos numa perspectiva histórico cultural. O espaço físico do Laboratório de Ciências Humanas nesta escola da zona sul de São Paulo se deu com a participação dos estudantes, insistência dos professores de sociologia e negociação política dentro da unidade escolar.⁴⁸

O Laboratório de Ciências Humanas (LACH) é desenvolvido juntamente com estudantes de ensino médio numa escola que já tem 65 anos de história nesta região e está localizada na região do Grajaú, zona sul da cidade de São Paulo, território de contradições sociais, econômicas e dilemas identitários marcantes. Território que, segundo a subprefeitura de Capela do Socorro atende 180 bairros, cercado pelo ciclo dos rios e represas da zona sul, conhecidas como represa do Guarapiranga, represa Billings e rio Jurubatuba.

⁴⁸ Negociação Política que demandou 3 anos, num primeiro momento se buscava uma sala ambiente para a disciplina de sociologia, depois incluiu-se a filosofia, na sequência uma professora de linguagem Maria Felles (in memoriam na pandemia) aceitou ajudar-me a desocupar uma sala cheia de carteiras e cadeiras quebradas, onde limpamos essa sala e continuamos a solicitar a sala ambiente de sociologia. Com a aposentadoria da diretora e a troca de diretores foi possível utilizar a sala, que o diretor em 2017 queria transformar em sala de vídeo. Com a vinda da nova diretora efetiva em 2018. Foi possível oficializar o Laboratório de Ciências Humanas em reunião de conselho de escola no fim do ano de 2019. 2020 e 2021 vieram a pandemia e fizemos várias lives interdisciplinares.. Em 2022, a escola se tornou integral e o LACH em atividade com atendimento remoto no período pandêmico.

A região da Cidade Dutra tem 4 escolas consideradas de passagem, as escolas atendem há décadas a juventude trabalhadora da região e de Santo Amaro, que não consegue chegar a tempo em seus bairros para ir à escola. Território marcado culturalmente pelas comunidades indígenas⁴⁹ que o habitavam e se afastaram para dar lugar à indústria e o fluxo de circulação de trabalhadores para as fábricas e comércio local. Território importante para os trabalhadores ativistas, organizados em lutas sindicais e marcado também pelo assassinato do sindicalista Santo Dias da Silva.⁵⁰ Politicamente dinamizado pelos movimentos operários, sociais e ambientais e por uma diversidade grande de coletivos de direitos que têm em suas pautas: a moradia, a arte, a água, a saúde, o feminino, o movimento LGBTQIA+ e a luta por uma educação emancipatória.

As oficinas formativas e artísticas em 2022 trouxeram uma nova dinâmica para a escola, os estudantes que fortalecem a produção etnográfica e iconográfica para a construção de potencialidades pedagógicas, contrapondo o falso protagonismo proposto pelo novo ensino médio, que vem comprometido à submissão da juventude a uma condição de quarentena pós pandêmica e moratória social. Fala-se de juventude em contextos importantes a especificar, segundo o historiador Philippe Ariès (1960), no seu livro: *História Social da Criança e da Família*, a invenção da infância e da juventude proporciona-se a esta categoria uma ideia de submissão à infância, tira-se destas pessoas a capacidade de questionar a política porque este é o mundo dos adultos, a moratória seria uma suspensão da condição de sujeitos da própria história direcionando os jovens a uma disciplina cotidiana onde os sentidos da juventude se voltam para o mercado de trabalho.

Apesar das atuais reformas da educação não atenderem às necessidades educacionais e sociais dos estudantes e as expectativas das famílias e comunidades escolares se fez necessário metodologias atrativas como por exemplo, o Laboratório de Ciências Humanas (LACH), que possam contrapor aos esvaziamentos dos conteúdos das Ciências Humanas nas escolas públicas. Urgentemente é preciso criar alternativas que motivem os interesses da juventude na escola e na educação. Quais os impactos este Laboratório de Ciências Humanas (LACH) através de seus projetos podem ter para melhorar a educação e interação na participação dos estudantes?

⁴⁹ As aldeias Krukutu e Morro da Saudade foram demarcadas na região de Parelheiros pela prefeita e psicanalista Marta Suplicy em gestão no período de 2001 e 2004. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/parelheiros-abriga-2-aldeias-indigenas>

⁵⁰ Santo Dias da Silva, metalúrgico brasileiro, ativista da Pastoral Operária, aos 37 anos foi assassinado no dia 30 de Outubro de 1979 em frente à fábrica Sylvania região de Santo Amaro. <https://www.youtube.com/watch?v=ZUMtXPt6Z-0>- Documentário sobre Santo Dias

O desemprego dos familiares obrigou vários adolescentes ao mundo do trabalho rapidamente e às condições do trabalho informal, subemprego e condições precárias dos motoristas de aplicativos. E, aqueles que não se adequam às regras morais familiares, na realidade da metrópole paulistana, muitos adolescentes e jovens foram colocados para fora de casa, excluídos da família foram tentar a vida à própria sorte. A falta de apoio familiar e social, a falta de políticas públicas para a prevenção das violências contra crianças e adolescentes, a desistência dos estudos, as perdas de familiares com a pandemia e as necessidades humanas sociais e individuais foram causando uma evasão enorme na educação pública.

O acesso escolar garantidos pelas leis educacionais no período de democratização da educação pública no país pós ditadura militar⁵¹, as leis constitucionais já não estão assegurando o direito à educação pública e de qualidade. O novo ensino médio pós pandêmico e as reformas das políticas educacionais não atenderam as demandas da educação pública hoje, não resolvendo o aumento da evasão escolar. É possível acreditar que através de uma interação entre professores e estudantes, metodologia interdisciplinar há um aumento do interesse estudantil para os conteúdos de humanidades, que busca conexões temáticas que sensibilizem os (as) estudantes para os conceitos sociológicos na perspectiva histórico cultural e decolonial.⁵²

1.2- Identidade e princípios de uma metodologia freiriana no (LACH)

A criação de um comitê de professores⁵³ que denominamos Paulo Freire foi o primeiro passo para a oficialização e necessidade de fixação de um Laboratório numa escola para a organização de ações que pudessem fortalecer a área de Humanas e Direitos

⁵¹ A Ditadura Militar no Brasil foi consolidada a partir de um golpe militar na madrugada de 31 de março de 1964 e durou 21 anos impactando as reformas de base no governo João Goulart (Jango) desde 1962.

⁵² Essa linha de pensamento nas áreas de Humanas e Sociais visa dar voz aos colonizados, busca-se uma releitura crítica dos conceitos e da perspectiva eurocêntrica da História.

⁵³ Os participantes do comitê de professores Paulo Freire se reuniram pós a greve de 2015, em meados de 2016 pós as ocupações das escolas feitas pelo movimento estudantil para pensar em ações conjuntas nas escolas que estavam. Os debates, comunicados, ações conjuntas são definidos até hoje no espaço de um grupo de WhatsApp onde atua-se coletivamente em ações, rodas de conversas, cafés filosóficos, análises de conjunturas em algumas escolas ao mesmo tempo. Estamos atualmente na definição de um fórum acadêmico e comunitário em uma das escolas que atuamos. A diretora desta escola se mostrou receptiva desde o final de 2022 para a organização deste fórum acadêmico, com a participação dos movimentos sociais e coletivos comunitários da zona sul de SP. A princípio a ideia do fórum era trazer o filósofo Safate para fazer a abertura e pensarmos os GTs que dialogassem com os representantes das áreas de educação, cultura, saúde e segurança pública. Como é um evento de maior ousadia, ainda pensando se é possível a realização numa escola ou na casa de cultura do Grajaú.

Humanos nesta escola. O Comitê de Professores tem a participação de professores engajados em outras escolas e diretorias, da rede pública e privada e em comum realizam-se cafés filosóficos em parcerias com as universidades nas escolas que se tem mais abertura para a realização dos eventos.

A união que buscava motivação em tempos confusos na educação e de grandes perdas, tanto de pessoas (pós pandemia) e de direitos quanto do espaço conquistado pela ciência na educação pública. O fazer científico desapareceu dos conteúdos disciplinares com as novas reformas. As disciplinas que todos (as) lecionavam e o papel dos professores ficou como um espaço vago e vazio. Para o Comitê de Professores, esse lugar existencial do professores é um lugar fundamental para o desenvolvimento de boas práticas educacionais. Aos encontros eventuais e não por acaso, para além dos debates através grupos e redes sociais, o comitê de professores trazia à tona não somente a memória de Paulo Freire, mas sua metodologia em vários diálogos e reflexão das práticas, ações e dificuldades dos professores nas suas escolas de atuação, alguns professores foram atuar no sindicato, no grupo de oposição a gestão sindical, outros desistiram das escolas estaduais e ficaram somente nas municipais.

Em busca dos sentidos e significados da educação e da escola num contexto de precarização do ensino em âmbito nacional, onde as consequências previstas de tais precarizações não temos a dimensão de tal impacto pós um contexto pandêmico, é através das narrativas estudantis que os professores e estudantes da escola perceberam que a juventude no cotidiano trouxe motivação e dedicação às temáticas de Humanas, que fazia muito sentido para eles, indo ao encontro de uma realidade muitas vezes ocultada, como por exemplo, as violências que vivem no cotidiano social.

A pandemia do covid-19 em 2020 agravou a evasão escolar e o acesso à escola trazendo novos desafios pedagógicos aos professores, que através de estratégias e metodologias buscam manter e contribuir para uma educação pública que traz mais desafios e complexidades. O aumento do isolamento social trouxe novas formas de depressões estudantis, agressividades e dificuldades de sociabilidade, os conflitos familiares e a violência doméstica se intensificaram. Tais questões possuem um limite de atuação da escola e no âmbito familiar são muito complexas, elas impactam na vida dos estudantes de tal forma que muitos estão desistindo de estudar. O professor Paulo Freire (1967) em Pedagogia do Oprimido nos diz, que:

[Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim sua convivência com a opressão]. (Freire, 1967)

Parafraseando Freire, já sabemos que ninguém liberta ninguém, mas também que ninguém se liberta sozinho e sozinha. Neste aspecto há a capacidade de organização dos professores, seja por via sindical ou coletivos de professores e cabe repensar quais os sentidos da educação? Até que ponto a sociologia na escola contribui para uma melhora da escola, da educação na sociedade brasileira? Pois, a educação se tornou ela própria mercadoria de mercantilização. Dialogando com o Florestan (1977) sobre pensar as escolhas individuais e coletivas, a formação da personalidade é uma das concepções norteadoras do ensino de sociologia contra a posição dominadora e simbólica do capital. A questão que fica é: Quais são os limites da narrativa das habilidades e competências? Principalmente, as questões que envolvem adaptabilidade à essa conjuntura do mundo do trabalho atual, responsabilidade social, cidadania, a relação público e privado e o conceito de protagonismo, que aparece de forma superficial? Como diz Mendonça (2011) em seu texto ao questionar a crise de sentidos e significados da escola:

Para que serve a escola na sociedade capitalista? A escola nasce do capitalismo, atendendo as necessidades e demandas capitalistas. Cujas a grande contradição está no não acesso da informação que também prejudica o próprio mercado” (Mendonça,p.341,2011). Os conteúdos tecnicistas para a autora criaram um sistema para atender a demanda do mercado. O currículo não é somente uma seleção de conteúdos em si, mas também as práticas que formam o cotidiano dentro da escola. E, aos educadores se torna fundamental questionar se tais práticas favorecem as aprendizagens.

As reflexões provocadas pela socióloga e pedagoga Sueli Mendonça (2011) nos fazem pensar no currículo que foi imposto numa política vertical e sem discussão com a base para as novas reformas e implementações do “novo ensino médio”, e neste caso, os materiais didáticos se tornaram instrumentos perigosos, pois direcionam a juventude para uma prática que a torna responsável para transformar uma realidade que não é transformada por falta de políticas públicas. Tais habilidades e competências podem levar estes jovens a se frustrarem em relação à realidade vivenciada e se não conseguirem tais habilidades em tão pouco tempo, não correspondendo às expectativas familiares, educacionais e profissionais esperadas socialmente, tais sentimentos podem aumentar as sensações de impotência diante da realidade e ampliar os problemas familiares e emocionais num contexto pós pandêmico.

Naturaliza-se na escola os fenômenos sociais e mostra-se uma realidade de inclusão da juventude negra e periférica no mercado de trabalho através de um vídeo, currículo e de habilidades formativas que serão adquiridas na escola para atender a demanda de mercado. Na educação, não aponta nada a respeito dos tipos de empregos, do emprego informal, do desemprego, das dificuldades de acessos tecnológicos, das dificuldades de acesso ao transporte público e, sobretudo, dos direitos trabalhistas, nem se fala na estabilidade profissional. Está muito focado no empreendedorismo de metodologia denominada como força e oportunidade e no contraponto fraqueza e ameaça. Essa metodologia não deveria existir para tratar de um tema tão importante como o mundo do trabalho. A fraqueza e ameaça envolve relações de poder no mundo do trabalho e também de criminalidade. Essa expressão é infeliz, a metodologia encontrada nos livros didáticos de projetos de vida não pode induzir à ameaça, o fracasso pessoal ou coletivo.

A retirada de quase toda carga horária das disciplinas de humanas no novo ensino médio, principalmente para os segundos e terceiros anos e a inserção de habilidades e competências para a educação básica trouxe um imenso vazio dos conteúdos da área de humanas. No que se refere aos primeiros anos uma sobrecarga de conteúdos por disciplinas que eram distribuídos em 3 anos do ensino médio, hoje o professor seleciona para aplicar os conteúdos de 3 anos em 1. No caso da disciplina de Sociologia direcionando o tempo dos conteúdos para as técnicas das ciências estatísticas e sociais aplicadas. Retirando os conteúdos básicos curriculares. O objetivo deste trabalho de pesquisa não é analisar o currículo, mas cabe aos educadores refletirem se há algum espaço para os conteúdos de Ciências Humanas na atualidade da educação e na escola? Se não houver, é preciso conquistar novos espaços nas escolas públicas para que esta área seja mais valorizada e através de maior participação dos estudantes, se perceba cada dia mais necessária para dialogar com a juventude e suas linguagens e demandas. Os conceitos sociológicos do mundo do trabalho são mais do que necessários neste momento para compreendermos quem somos e onde estamos na contemporaneidade. E, esta geração jovem tem sido retirados os direitos conquistados desde pós ditadura, a partir de 1985 considerada era democrática brasileira.

Na educação em tempos de neoliberalismo, as Ciências Humanas são uma área do conhecimento que abre diálogo para refletirmos quem somos? De que local viemos? Para onde vamos? Os caminhos filosóficos que tornam os conceitos de felicidade, liberdade, livre arbítrio indispensáveis às escolhas individuais e coletivas de possíveis projetos de vida. Os contextos históricos e geográficos que nos conduziram a esta cultura de

precarização do trabalho, sociedade de desigualdades, o não respeito aos direitos humanos, civis, sociais e políticos, a queda da democracia e aumento de uma retórica autoritária são parte de um processo político, econômico, social, histórico, ambiental e cultural nos âmbitos territoriais, municipais, estaduais, nacionais e mundiais que foram construídos socialmente e em diferentes momentos históricos.

A educação pública considera nas suas habilidades e competências, o direito constitucional do contraditório e da exposição de diferentes pontos de vista e análise dos processos políticos, econômicos e sociais que transformam cotidianamente através da produção humana o meio ambiente e a cultura. Embora, na prática, exista o desfalque das horas aulas de Ciências Humanas, na retórica teórica temos as habilidades e competências que devem desenvolver uma educação crítica que respeite a pluralidade de ideias, baseadas em argumentos científicos.

As temáticas em africanidades, etnicidades, direitos humanos, sociais e políticos sensibilizaram os olhares jovens para perceber a educação e a escola como patrimônios culturais. A educação da área de Ciências Humanas tem a responsabilidade de formar indivíduos autônomos que possam problematizar a própria realidade e educação que recebem do Estado, bem como, refletirem sobre os impactos desta formação humana em suas vidas.

As ações, projetos e parcerias entre várias áreas do conhecimento trabalhando conteúdos de forma interdisciplinares podem ser uma relação ética e pedagógica fortalecendo práticas educativas em Ciências Humanas numa escola. E, como diz Mafra que aprofundando a perspectiva freiriana, a transdisciplinaridade é uma nova abordagem científica, cultural, espiritual e social. O espiritual freiriano trata-se de conectar-se com a natureza e em si mesmo, na máxima filosófica do conhecer-te a ti mesmo, o saber conectado à prática social que legitima escolhas individuais e coletivas que impactam uma sociedade. O autor chama a atenção para:

[subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista. Talvez seja mesmo um fundo ideológico escondido, oculto, opacificando a realidade objetiva, de um lado, e fazendo, de outro, míopes os negadores do saber popular, que os induz ao erro científico, em última análise, é essa miopia que, constituindo-se em obstáculo ideológico, provoca o erro epistemológico]. (MAFRA, 1999 p.85)

O erro científico metodológico para o autor é o descartar dos saberes populares, ou a negação do modo de vida e crenças comunitárias. Podemos dizer que o intelectual orgânico inserido num contexto social e comunitário precisa pensar no papel da ciência popular, precisa ouvir e sentir os significados para os atores sociais. A espiritualidade cotidiana não tem relação com ensino religioso, mas a compreensão de como as pessoas vivenciam religião e espiritualidade no espaço de atuação.

O cientista social não poderia para o autor fechar os olhos para as vivências espirituais dos atores sociais. O respeito da complexibilidade e transdisciplinaridade é situar-se e trazer os clássicos que possam dar conta de explicar as experiências vivenciadas. Pois, para Mafra a possibilidade de uma formação humana de fato interdisciplinar ou transdisciplinar, ou seja, em várias áreas que envolvem a linguística, estética, história, arqueologia, etc, seria uma conexão de saberes, ele parafraseia Freire dizendo que:

Nas condições de aprendizagem, os educandos vão se transformando na construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 2000b, p.29). Sendo necessária uma relação entre estudantes e professores de forma mais horizontal. (MAFRA, 2007)

A relação horizontal entre professores e estudantes está em construção, sendo um pouco difícil neste espaço escolar, que transitava de um espaço mais conservador para um espaço de mais escuta das narrativas estudantis. Pós aposentadoria de 45% dos docentes da escola, transição de escola regular para PEI e perda ou transferência de vários professores que tinham vínculos na escola e tiveram que escolher entre o município e o vínculo estadual, não sendo possível acumular os 2 cargos em virtude da carga horária da educação integral e prática pedagógica de alcance dos estudantes. Foram muitas mudanças ao mesmo tempo para se pensar uma avaliação mais profunda deste processo, infelizmente não é um dos objetivos deste trabalho avaliar se esse processo de transição alterou os índices escolares específicos desta escola pública. Na sequência é importante mostrar ações e projetos que fizeram diferenças na formação dos estudantes em 2022, principalmente num contexto pós pandêmico e de muitas mudanças, as ações impactam na escola e através de um grupo organizado de professores que possam atuar de forma acadêmica e orgânica no espaço acadêmico escolar poderá contribuir para uma formação integral dos estudantes.

1.3-|Eixos, projetos, eletivas, ações e parcerias do (LACH)

Os eixos e princípios do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) são: a) A educação como direito humano, fundamental e patrimônio cultural numa sociedade democrática; b) O papel da escola pública como uma “política pública” preventiva inserida num território; c) As matrizes de formação étnico-raciais da cultura brasileira, a lei história da África (10.639/2003) e suas temáticas nas perspectivas decoloniais; d) As narrativas estudantis através da antropologia visual sensibilizando o olhar e através das técnicas de produção de imagens e semiótica percebendo o olhar sociológico para o entorno da escola.

As narrativas estudantis através das imagens produzidas pelos estudantes são recursos de ações de intervenções sociológicas na comunidade escolar, nas redes sociais e em espaços de conexão cultural e comunitária. Os poemas, raps, fotos, vídeos, desenhos, crônicas, etnografias, diários de campo e manifestos produzidos pelos estudantes formam uma iconografia repleta de significados e sentidos a serem divulgados, catalogados e decodificados no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) que também se tornam recursos de leitura e interpretação de imagens objetivas e subjetivas que ajudam na interlocução de conceitos e ressignificam cotidianamente uma cultura para a reflexão em direitos humanos.

A inspiração do primeiro projeto interdisciplinar na área de Ciências Humanas e Sociais levou a uma sequência de reflexões de conceitos históricos, sociológicos e estéticos com os estudantes de escolas públicas. O interesse pedagógico por alguns professores de sociologia ampliou-se em trabalhar os recursos da leitura de imagens, poesias, slam, visitas aos museus e centro histórico da cidade de São Paulo e possibilitou num primeiro momento várias experiências em escolas diferentes. Num segundo momento a fixação de projetos na escola com maior público entre as escolas das quais foram realizadas as ações coletivas. As exposições itinerantes começaram a cativar o público acadêmico e escolar. Neste trabalho de pesquisa de campo, os nomes de Professores e estudantes são colocados de forma simplificada somente com letras iniciais de seus nomes. Pois, o interesse aqui é ressaltar os trabalhos desenvolvidos de forma interdisciplinar e em parcerias com os clubes estudantis e coletivos comunitários.

Os projetos interdisciplinares acompanhados nesta escola especificadamente e a partir da institucionalização do Laboratório de Ciências Humanas no ano de 2022 foram:

Bimestre 1:			Atividades realizadas em 2022 e algumas estão sendo replicadas em 2023⁵⁴
Professores e disciplinas	Projetos e ações	Objetivos	Cronograma Agendamento e recursos
Professores de Humanas e PCAs ⁵⁵ de linguagens e códigos e equipe da sala de leitura	Leitura diária- 15 min na primeira aula	Exercício da leitura e reflexões sobre a realidade da juventude periférica	Em sala toda semana Na segunda semana de aula foi escolhida a música “um homem na estrada de Racionais” Além dos textos propostos pelos professores e Artigos de jornais e revistas selecionados por estudantes
Professora SCS Eletiva e estudantes da eletiva: B.T, V e R (3M), V, M, F e R (2H) (pinturas carnavalescas)	Auto Retrato coletivo e beleza Afro na escola	Ressaltar a beleza da juventude brasileira no cotidiano escolar. Em aulas, as matrizes de formação da identidade nacional e projeto integrador Darcy Ribeiro	15 a 25.02.2022- Feirão das Eletivas, Carnaval na escola Estrutura LACH
Coletivo de Mulheres Não é Não- Mexeu com uma mexeu com todxs, PCAs Professoras Sociologia	Rodas de conversas sobre os desafios de enfrentamento do machismo na escola e na sociedade. Escuta Ativa das estudantes, Intervenções sobre os dados das violências	Prevenir as violências simbólicas, física ou moral contra as estudantes na escola e na sociedade, também os LGBTI+	21,02,2022- Rodas de conversas sobre as questões que envolvem o uniforme e a intervenção na escola no dia 08 de março de 2022 e reunião com a gestão escolar Estrutura LACH

⁵⁴ Referente à Leitura, conseguimos aprovar entre as áreas a partir de um projeto de Linguagens e Humanas, o Projeto de leitura da escola onde no bimestre 1 de 2023 cada área adotou um livro para cada série, Humanas adotou para os segundos anos no bimestre 1, o Livro Arte da Guerra de Sun Tzu, no dia 03 de abril de 2023 foi feito um evento no Teatro com todas as turmas de segundos anos para debater o livro, cuja as questões depois seriam abordadas na atividade de estudo que denominamos (provão) do bimestre 1. No bimestre 2, os estudantes estão no processo de escolha do livro do bimestre 2. Anexo folder do projeto elaborado pela coordenação do LACH.

⁵⁵ Professor-coordenador de área.

	contra as mulheres no Brasil		
Professora SCS, Professor R de Português e Professor F de História	Caso Móise e demais casos de prisões e morte por racismo no Brasil em fevereiro de 2022	Debater sobre racismo no Brasil	07 e 14.03.2022- Roda de conversa com 3 turmas de manhã e 3 turmas a tarde no teatro
Professor JMS História e professora SCS de eletiva	Lendo imagens da pré-história e história da arte africana com a eletiva de sociologia imagética	Desenvolver um olhar fotográfico a partir das pinturas	09.03.2022- Eletiva de sociologia imagética Estrutura LACH
Professor JMS e professora SCS de sociologia	Lendo imagens com história a partir das fotos históricas	Diferenciar as narrativas a partir das imagens	10.03.2022. Terceiros anos da manhã Estrutura LACH
Professores de Humanas, PCAs de Humanas	Exposição Sebastião Salgado Amazonas-SESC pompeia	Interação dos estudantes	15 ou 17.03.2022 Estrutura LACH para etnografia e baixar fotos-Ônibus e Lanche
Professor M de História e Alunas V (3º0), J(3E) e B.T (3M), PCAs e Professora SCS	Produção do livro da sociologia imagética, síntese da produção fotográfica, desenhos e poesias dos estudantes	Interação com estudantes para escolha das imagens e projeto gráfico	07.03.2022 a 25.03.2022 Estrutura LACH
Professor M de História e Pronatec e Professora SCS Eletiva	Oficina de Produção de portfólio, blogs, livros digitais, podcasts, para um banco de dados de textos, poesias, crônicas e das imagens produzidas durante o	Dinamizar com a equipe de tecnologia, possibilidades de criação de sites, como um mecanismo de conservação das fotos	Eventualmente nos horários possíveis; oficina de produção. Próxima agenda: 07 e 10.03.2022 Estrutura LACH e sala de informática Proatec

	projeto da eletiva de sociologia imagética	digitalizadas e memória ressaltando a importância das imagens como documentos históricos;	
Professor JMS PCA e Professor W L e professoras B e LT- Biblioteca e sala de leitura	Laboratório de pensamento e sarau de canto e poesia	Utilizar do espaço da sala de leitura para interação do pensamento histórico filosófico e Estrutura LACH	25.03.2022
Professora M Artes e professora SCS Projeto de Vida	Organização Do Centro de Memória da escola e encontros ex. alun@s para rodas de conversas sobre projeto de vida	Levantamento da história e memória da escola, pais, tios e avós ex alunos no encontro da escola	25 ou 26 de março- Encontro com ex. Alunos e rodas de conversas e documentação fotográfica ou videográfica Estrutura LACH para a produção de documentário
Professora SCS sociologia e Alunas BT (3M) e V (2H) da Eletiva	Exposição Itinerante na escola por telões e TVs nos pátios	Divulgação das Fotos produzidas pelos estudantes	Os estudantes usam o LACH para elaboração dos portfólios Estrutura LACH- telão e projetores no pátio
PCAs e professora SCS e Professor LM e ex. Professor de História AFC	Visita à Pinacoteca e DOPS- Museu da Resistência e live sobre a República dos Marginais	Reflexão sobre o período da ditadura e seus impactos na censura- Peça: Eles não usam Black Tie e reflexões na escola sobre necropolítica	Oficina sobre os temas 01.04.2022 com todas as turmas de Humanas (10 professores nos 2 turnos da escola) e live com o professor AFC, G- Rede de Resistência contra o genocídio negro e LL Novo Normal Estrutura LACH e teatro

PCAs CI, professora SCS, professores de humanas e grêmio estudantil Gestão UMBUNTU	Rodas de conversas sobre direitos humanos e participação política estudantil desde a ditadura na era democrática	Aprofundar as temáticas que envolvem cidadania e participação de juventude	Parceria com o coletivo conectividade para a leitura dos materiais produzidos do movimento estudantil a partir de 2015- período pandêmico 2020-21 e pós pandêmico Estrutura LACH
Professor LM Sociologia e Professor C I PCA	Eletiva de Cinema e participação política	Desenvolver um olhar sociológico e político usando o cinema como recurso	Eletiva do primeiro semestre Visita ao Museu do Holocausto Estrutura LACH e ônibus escola ok
Bimestre 2:	Projetos e ações	Objetivos	Cronograma Agendamento e recursos
Professor E de Biologia, Professores D e A de Geografia e Professora SCS- Eletiva	Explorando interlagos- O ciclo das águas e as ocupações das margens das represas Guarapiranga e Billings	Conhecer as represas e analisar meio ambiente e impactos naturais e sociais	A saída fotográfica e trabalho de campo 13.05.2022
Professora B História, e Professora SCS - Eletiva e alunas do (2H e 2G)	Estética Afro versus estética eugênica	Fotografar a beleza Afro a partir das oficinas de produção de tranças, dança afro na escola e o grupo do teatro negro e capoeira	Mês de Maio- Estrutura LACH
Professor JMS PCA, Professoras SCS, MC de Sociologia, Professor CI PCA, Professor D, Z de Geo, Professor F de História	Estudos do meio no centro de SP para história e registro do patrimônio da cidade, Museu Afro, Museu dos Imigrantes e planetário	Observar a história de SP, dos monumentos e relacionar com a mitologia guarani e africanidades Ibirapuera e laboratório astronômico	Estrutura LACH e Ônibus da escola para Museu Afro ok OBS: O projeto se manteve para 2023 e precisa de recursos para ônibus

PCA geral A- Professora SCS sociologia e Alunos G(1D) e V (1D) da Eletiva e em 2023 2I	Exposição Itinerante na escola por telões e TVs nos pátios	Divulgação das Fotos produzidas pelos estudantes	Os estudantes usaram o LACH para elaboração dos portfólios durante o mês de abril, maio e junho- Ok e segundo bimestre de 2023
Bimestre 3:			
Professores e disciplinas	Projetos e ações	Objetivo geral	Cronograma e Agendamento e Recursos
Professora SCS (Humanas), Professor R (Linguagens) e Coordenador do Clube Ancestralidade Afro	Desfile Afro na Escola pós o semestre de rodas temáticas	Movimentar os temas geradores em africanidades	01.08.2022 Participação de 2 estilistas africanos e Mestre de capoeira de Angola- Pátio da escola
Professor JMS PCA de Humanas e Professor F de História	Visita à Mesquita Islâmica do Brás e ao restaurante	Respeito às religiões islâmicas	Elaboração de etnografia Durante o mês Agosto -Etnografia- trabalho de campo
Professor JMS - PCA de Humanas e Professor F de História	Visita ao museu do Holocausto	Desenvolver entendimento dos temas que envolvem o nazismo e discurso do ódio	Elaboração de etnografia Durante o mês Agosto -Etnografia- e Documentação do trabalho de campo
Professores F e SCS de História e JMS- Antropologia urbana em 2023	Visita a feira de profissões da USP	Conhecer as profissões e universidade de SP	ônibus ok e Giro cultural em 2023 MAE-USP
Professores SCS e Professora Vera de Educação Física	Fotografaram o corpo em movimento	Desenvolver um olhar para o autocuidado e movimentos possíveis	Estudantes produzem imagens cotidianas durante as aulas de educação física no bimestre
Bimestre 4:			
Professores e disciplinas	Projetos e ações	Objetivo geral	Cronograma Agendamento e Recursos
Professor Professora SCS de Eletiva de	Arte Rupestre	Conhecer as habilidades	Outubro nas aulas da eletiva e

Antropologia Visual Semestre 2	Etnomatemática	geométricas para a produção de imagens	Estrutura LACH Expo- Feira de Humanas em Novembro
Professor JMS PCA e Professora SCS	Lendo imagens da história da arte para a fotografia e das fotos históricas	Analisar as imagens históricas	Estrutura LACH a cada 15 dias
Professor LM Ciência Política e Professora SCS Sociologia	Acompanham a câmara de vereadores e ALESP	Entender funções e papéis na política, bem como os projetos desenvolvido s para os bairros	visita ALESP e votação de 1 projeto de lei dos vereadores jovens de SP
Professor LM Professor CI, Professora MC	Visita aos abrigo ou equipamentos sociais junto com os estudantes	Sensibilizaçã o e solidariedade	Mês de outubro
Professor LM Sociologia	Sociologia das redes sociais	Desenvolver um olhar sociológico para as redes sociais e suas interações. Observar também como se manifesta o racismo sutil das redes	Durante o bimestre Estrutura LACH
Professor JMS PCA de História	Lendo imagens com História	Analisar os fatos históricos a partir do impacto das imagens	Uso do laboratório quinzenalmente 2 vezes na semana para História.
PCAs e professores de Humanas e linguagens- Professor AM de Filosofia	Rodas de conversas filosóficas, e eletivas de Oficinas de comunicação oral ou poesia;	SLAM Resistência	Outubro junto a semana Afro. Através das rimas e rimas, o olhar sociológico em movimento Teatro e Pátio

	Produção de Documentário sobre a escola integral		
Professora SCS– Eletiva- (área Antropologia Visual)	Oficinas de Produção de Imagens	Sensibilizar para o olhar sociológico do/no cotidiano em movimento.	Estrutura LACH HD para arquivos, máquinas fotográficas
PCAs e professores de Humanas, Sala de Leitura e Clube de Teatro da escola	Parceria com o teatro Paidéia no teatro	Incentivar a inserção cultural e participação dos estudantes	Transporte Público e interlocução com ex. alunos que participam da cia teatral
Professores de Humanas, biblioteca e sala de leitura da escola do período Vespertino e PCAs da manhã	Feira de Humanas e Semana Afro e apresentações temáticas	Oficinas de capoeira, Yoruba, tranças, rap, e Feira Camponesa e afro indígena Exposições Antropologia Filósofos Matemáticos e apresentações teatrais contra racismo	de 15 a 25 de novembro Pátio da escola, teatro e Estruturas LACH, sala de leitura e demais laboratórios da escola
Professoras de Humanas e disciplinas interessadas	Apoio ao coletivo de Mulheres e clubes juvenis	Oficinas e debates com os coletivos de feminismo negro do Grajaú	Pátio da escola e Estrutura LACH

Organizar as ações interdisciplinares para a formação, vivência e convivência humana e social entre estudantes e professores participantes do Laboratório de Ciências Humanas se tornou um propósito que envolveu toda a área de Ciências Humanas da escola numa rede de construção coletiva. Realizar debates a partir das rodas de conversas, seminários temáticos e redes sociais sobre fatos sociais cotidianos trazidos pelos estudantes, professores ou mídia permitiu a interação entre as salas e disciplinas;

Possibilitar interação com práticas eficazes na aplicação da constituição de 1988 pelos órgãos de justiça, no fortalecimento da cidadania, democracia e políticas públicas

territoriais que possam enfrentar as vulnerabilidades sociais se tornou um dos focos para o próximo ano letivo. Além de, relacionar-se de forma dialógica com os (as) estudantes, através da troca de ideias e experiências sobre os valores que ajudam na compreensão de conduta ética e crítica diante da vida. Os professores percebem através da eletiva e de mais interação com os estudantes o quanto são referenciais de vida e escuta ativa.

No Laboratório de Ciências Humanas trabalha-se os conceitos sociológicos, geográficos, filosóficos e históricos numa metodologia diferenciada da sala de aula e numa perspectiva histórico-cultural proporcionando um aprendizado mais rápido dos conceitos sociológicos, dos conceitos geográficos na perspectiva decolonial, dos conceitos educacionais na perspectiva antropológica, dos conceitos de produção de imagens na perspectiva simbólica representativa. Para um melhor resultado deste aprendizado, se torna necessário avaliar num próximo momento com os estudantes em que medida, o Laboratório de Ciências Humanas tem contribuído para um maior interesse pelas disciplinas de ciências Humanas e Sociais e pela educação.

No início do ano de 2023 solidificamos uma nova coordenação com professores novos para o Laboratório de Ciências Humanas efetivando assim sua consolidação na instituição escolar para que a nova gestão possa buscar novas parcerias para as exposições permanentes na escola, novos recursos e a continuação dos projetos interdisciplinares. Cabe ressaltar o surgimento do primeiro projeto MACRO da escola para os dois turnos envolvendo as 3 áreas do conhecimento. O Projeto Força e Potência Feminina se destacou no início do ano envolvendo quase todas as salas de aulas transformando as salas em aulas laborais.

Os estudantes conversaram entre si alegando que as aulas foram diferentes e estavam conectadas, diziam estar ansiosos para a próxima aula da matéria x para ver como a professora iria relacionar a disciplina com a temáticas que envolvia o projeto Força de Potência Feminina. Nesses diálogos, as estudantes sugeriram para o próximo ano alguns subtemas dentro das áreas. Por exemplo: Trabalhar feminicídio na eletiva de técnicas forenses que acontecem no período da manhã. As estudantes querem observar se há algum padrão nas mortes de feminicídios a partir dos relatos dos casos, querem selecionar casos e analisa-los na perspectiva a violência atribuída ao corpo feminino, bem como, identificar os sinais dos corpos diante dos casos selecionados. E, se há estudos sobre isso na sociedade, nas faculdades de medicina, nas áreas de segurança pública ou sociológicas que estudam as violências contra as mulheres.

1.4-|Centro de documentação e memória dos estudantes e da escola

O Centro de Documentação e Memória Calasans⁵⁶ dos estudantes da escola foi constituído num contexto emocional e é resultado de uma demanda que há alguns anos já era solicitada por vários funcionários da escola. O professor AFC que Lecionou mais de 30 anos na escola a disciplina de História fez um documentário de 50 anos da escola. Trazendo a reflexão e a sistematização de imagens que expressavam alguns fatos históricos importantes⁵⁷ e impactantes nas transformações na escola, territoriais e do entorno da escola, como imagens do processo de crescimento e urbanização. As fotos revelaram a história da escola e do bairro. A partir daí houve uma valorização maior na importância de organização dos documentos históricos, suas imagens e catalogação.

No ano de 2022, o retorno às aulas pós pandemia e o falecimento de amigos professores⁵⁸ e estudantes levaram às reflexões do quanto esta escola estadual e periférica fez diferença nas vidas de muitos estudantes. As perdas de professores, estudantes e pais de estudantes impactaram muito a escola. Neste sentido, houve a reflexão também e o questionamento de por onde andam cerca de possíveis 200 mil estudantes que tenham passado pela escola? A necessidade de organização desta memória foi aceita num contexto de reflexão e de defesa de vários professores que destacaram a importância do registro e da memória que possui a escola neste território. Pois, vários professores que lecionam na escola já foram estudantes do ensino fundamental e médio. Foram estudantes e voltam para estagiar ou lecionar. Alguns deles tiveram aulas com os professores que ainda estão lecionando, fortalecendo a rede de vínculos.

O Laboratório de Ciências Humanas (LACH) assumiu a organização deste acervo e a memória da história da escola em movimento. As imagens produzidas pelos estudantes estão num acervo de documentação e as imagens antigas estão sendo digitalizadas e catalogadas. Organizadas num primeiro momento dos últimos 20 anos, digitalizadas em HD e organizadas em arquivos anuais. Os documentários dos 50 anos da escola, as imagens antigas, ampliações, slides e imagens digitalizadas mostram um cenário de

⁵⁶ O Centro de Documentação e Memória Calasans- Escolhermos esse nome em homenagem ao professor de História que lecionou 30 anos na escola e realizou o primeiro documentário de 50 anos da escola.

⁵⁷ A escola tem uma história de luta estudantil marcante e de rupturas: <http://vimeo.com/19732852>

⁵⁸ Antes do acesso à vacina, tivemos as perdas insubstituíveis de professores de linguagens da escola, também 2 professores que dedicaram a vida para a escola e estavam aposentados e faleceram neste contexto pandêmico.

muitas transformações políticas, educacionais e territoriais da zona sul de São Paulo a partir do olhar construído na escola.

A análise e produção de imagens são recursos para a expressão dos sentimentos dos estudantes no cotidiano escolar. Ao terem acesso às imagens e documentários, os estudantes se identificam e valorizam a escola como patrimônio cultural, além de, até buscarem reconhecer seus avós, amigos, artistas e familiares que estudaram na escola. Há imagens que mostram as mudanças e transformações que ocorreram na escola nos últimos 60 anos. Cabe ressaltar a importância das imagens que mostram as mudanças no território e no entorno da escola, como a construção de avenidas, comércios e as transformações que o próprio prédio escolar se estruturou no decorrer dos anos.

As produções iconográficas e visuais sensibilizaram os desafios que se tem na escola ao olhar as questões que envolvem os direitos humanos. Houve a necessidade de catalogar as representações visuais, organizar um arquivo por ordem de datas e eventos, autoria das imagens e local que as mesmas teriam sido produzidas. Outro fator importante foi que, as imagens que se tornaram referências estéticas e cognitivas, se destacaram pelas informações e representações contidas na composição visual, tais imagens se transformaram em recursos para o debates e reflexões sociológicas durante os eventos na escola, durante as aulas ou debates dos temas geradores em direitos humanos.

O tempo histórico, a evolução tecnológica e o olhar do fotógrafo, influenciam diretamente na produção e conservação, na qualidade e na importância das imagens produzidas. Percebemos isso na medida em que a imprensa brasileira conserva suas imagens segundo o seu domínio político, ou seja, o chefe de redação determina o que deve ser guardado e o que deve ser jogado fora, segundo a importância da imagem no cotidiano. Percebe-se uma preocupação com o olhar contemporâneo, sendo este um olhar sem tempo e que gera imagens condicionadas pela aceleração e a desconstrução histórica das imagens produzidas, ou seja, os fatos exigem uma produção de imagens imediatas e não há muito tempo para conservá-las e organizá-las sistematicamente como documentos históricos.

Permite-se então pensar em algumas indagações. Será que nesta sociedade imagética não há espaço para refletir sobre as imagens que estão sendo produzidas? Há uma ignorância na leitura e na produção dessas imagens? Há um comprometimento ético? Podemos dizer que a mídia impõe um ritmo acelerado mantendo esse fluxo ininterrupto e descontínuo das imagens? As imagens são produzidas como mercadorias com fins determinados, para o arquiteto que pensa as imagens: “a

pressa da vida moderna gera imagens condicionadas pela aceleração e que o fotojornalismo está condenado a trabalhar no calor da hora”. (Brissak,1987)

Relacionando com o fotógrafo documentarista Sebastião Salgado, a fotografia teria essa finalidade na História de ser um recurso para interpretação da realidade em movimento. É tarefa da Sociologia descobrir quais os verdadeiros impactos causados pelas imagens na sociedade moderna, quais são as leituras e as linguagens possíveis, qual a objetividade e a subjetividade dessas imagens e onde, para quê e para quem elas se colocam.

Eu acho que a fotografia, esse tipo de fotografia, tem que viajar na crista da história(...) Antes de entrar numa escola de fotografia, entra-se numa escola de economia, sociologia ou antropologia, para tentar ter uma compreensão da história. (Salgado:1996;5)

Na sociedade moderna, as imagens são utilizadas dentro de uma conjuntura mercadológica e este mesmo mercado confere às imagens um poder em si mesmas. A imagem é uma ferramenta composta de signos e de elementos interpretativos para o autor/pesquisador. A iconografia estudantil é um recurso importantíssimo em ciências sociais para sensibilização e desenvolvimento do olhar sociológico. As visitas aos museus ampliaram a formação, vivência e convivência humana e social entre estudantes e professores, mas também uma necessidade de sistematização e organização das imagens para localizá-las de forma rápida ao utilizá-las como recursos de leitura de imagens no cotidiano escolar. A Organização do acervo, memória e banco de imagens da escola foi uma conquista relevante e há alguns anos solicitada por professores e estudantes que passaram pela escola. A sistematização das imagens se tornou uma rica fonte de memória e história em movimento.

CAPÍTULO II | O ENSINO DE SOCIOLOGIA E DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA NO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS (LACH)

O ensino de sociologia no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) está sendo desenvolvido em conjunto com as Ciências Sociais. A transversalidade em direitos humanos na escola e no Laboratório parte do aprofundamento dos conceitos que envolvem as matrizes de formação e identidades étnico-raciais da cultura brasileira. É possível ir ressignificando a cultura da juventude na escola pública na medida em que eles reconheçam sua identidade e pertencimento a uma cultura maior, a do povo brasileiro. Pensar o povo brasileiro, autores como Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes sendo referenciais é um dos pontos fortes do trabalho neste laboratório. Outro fator muito importante é a implementação da lei História da África (10.639/2003), da Lei 11.645 de 2008 que torna obrigatória o estudo da cultura Afro-indígena na disciplina de História, Arte e Literatura e a Lei Maria da Penha 11.340 de 07.08.2006, bem como, os desafios que trazem a implementação das leis, dos conteúdos e conceitos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Linguagens e Códigos.

A iconografia e a etnografia produzidas nos diários de campos, os desenhos, poemas e SLAM⁵⁹, se tornaram recursos de potencialidades estéticas, da autoestima e da ressignificação da cultura a partir dos temas geradores como: africanidades, etnicidades, educação, meio ambiente, cultura, necropolítica⁶⁰, trabalho, políticas públicas, questões femininas e existenciais; Fortalecer através do Laboratório de Ciências Humanas a escola pública, que através de sua produção antropológica auxilia preenchendo os vazios de conteúdos apresentados pelo ensino de competências e habilidades aprovados na nova BNCC e sua aplicabilidade para o novo ensino médio levando em consideração a realidade que os estudantes vivem no cotidiano dos bairros periféricos. Vale especificar por exemplo, que quando Achille Mbembe traz a origem do conceito de necropolítica pauta-se nas possibilidades de negligenciar políticas públicas que possam reduzir os homicídios. Tal temática tornou-se fundamental para compreensão das periferias da América do Sul, Oriente médio e África.

⁵⁹ O SLAM Resistência Vila Guilhermina está realizando em 2023 um concurso de SLAM nas escolas. A escola se inscreveu no concurso e será acompanhado o processo seletivo pelos professores de humanas do LACH e a seleção dos SLAMS será feita durante o ano de 2023 envolvendo a comunidade e os ex-estudantes da escola.

⁶⁰ https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjw1_SkBhDwARIsANbGpFtqeRwXIc9_efkUV_l6VoE-vBxH2sbs0Y1tbuHCAaCGKgPjRpPTovIaAk1UEALw_wcB

É importante destacar que ao fortalecer as temáticas antirracistas, a rede de solidariedade dentro da escola e de juventude defensora dos direitos humanos potencializou o enfrentamento dos discursos extremistas, da naturalização da violência contra as mulheres, do Bullying e toda as formas de humilhação. Desse modo, é possível ir propiciando um diálogo e um “Olhar o outro sem os paradigmas e os pré-conceitos estabelecidos pela modernidade”. Há reconhecimento do outro como sujeito, humanizando-nos (nas) e ressaltando a ideia de que a convivência social é uma condição humana. A escola pública passou a estar a um passo à frente das questões de defesas dos direitos humanos na diretoria de ensino, frente as outras escolas do entorno e as representações imagéticas produzidas pelos estudantes através da antropologia visual são narrativas que contribuem para o ensino-aprendizagem no ensino médio e se destacam como uma rica fonte de memória.

As narrativas construídas pelos estudantes sobre os sentidos da democracia, versus ditadura, educação, trabalho e da escola para eles, as subjetividades que trazem sobre os tipos de violências que vivenciam e os significados e potencialidades de superação dos ciclos das violências são situações que sensibilizam o olhar interlocutor para a produção imagética e artística. Respeitando a imagem do outro, dialogando com os atores sociais na área preventiva e reconhecendo a importância da sociologia imagética como um importante recurso de comunicação social.

Através das rodas de conversas que são feitas no pátio da escola, no teatro ou no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) sobre os fatos sociais divulgados pela mídia, as experiências educativas surgiram da necessidade de unirmos estudantes e educadores de forma interdisciplinar para realizar uma interlocução dos valores que contrapõem os discursos de ódio de senso comum, fortalecendo a rede de solidariedade dentro da escola e de juventude defensora dos direitos humanos que foi construída para a interação humana e o enfrentamento dos discursos extremistas, misóginos, homofóbicos ou de constrangimento.

É preciso olhar sociológico que perpassa por uma reflexão norteadora quando os materiais de formação estão trazendo o “empreendedorismo” como eixo para uma pedagogia das competências que abandona a interdisciplinaridade através da nova BNCC e implementa o projeto neoliberal para a educação pública. Por exemplo, as questões que envolvem os impactos sociais do mundo do trabalho e juventude hoje. Deve-se questionar muitas coisas, entre elas: se a terceirização representa modernização nas relações de trabalho ou constitui forma de precarização de emprego? Terceirização

é uma forma de transferir os serviços ou produção de bens para outrem. A empresa ou repartições estatais contratam empresas específicas que oferecem serviços em diversos setores de infraestrutura ou manutenções.

A CLT traz referente à terceirização das atividades da empresa uma reflexão sobre a terceirização lícita que seriam as atividades meio e não as atividades fins, como atividades de comando ou gestão. Cabe ressaltar que a Lei n. 9.601/98 que autorizou a criação, através de convenções ou acordos coletivos de trabalho, de um novo tipo de contrato de trabalho por prazo determinado, para admissões que representem acréscimo no número de empregados efetivos, sendo vedada a substituição dos funcionários contratados por prazo indeterminado. Segundo o artigo 3º da lei, o número de empregados contratados observará o limite estabelecido no instrumento decorrente da negociação coletiva, não podendo ultrapassar os seguintes percentuais, que serão aplicados cumulativamente: a) cinquenta por cento do número de trabalhadores para a parcela inferior a cinquenta empregados; b) trinta e cinco por cento do número de trabalhadores para a parcela entre cinquenta e cento e noventa e nove empregados; c) vinte por cento de trabalhadores para a parcela acima de duzentos empregados.

O empregador fica obrigado a anotar na Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS do empregado a sua condição de contratado por prazo determinado, com indicação do número da lei de regência, e a discriminar, em separado, na folha de pagamento, tais empregados. O contrato por prazo determinado, na forma desta lei, será de no máximo dois anos, permitindo-se, dentro deste período, sofrer sucessivas prorrogações, sem acarretar o efeito previsto no artigo 451 da CLT. O contrato por prazo determinado poderá ser sucedido por outro por prazo indeterminado. As partes estabelecerão, na convenção ou acordo coletivo, a indenização para as hipóteses de rescisão antecipada, bem como as multas pelo descumprimento de suas cláusulas. Neste sentido, o Art. 1º, parágrafo 4º traz: uma certa estabilidade, um olhar para as gestantes e os dirigentes sindicais. Também amparo em casos de acidentes de trabalho.

Devemos refletir se a escola está preparada ou o novo ensino médio para que os estudantes possam analisar os contrapontos que revelam uma crise na educação e no mundo do trabalho. Principalmente, sendo a juventude um exército reserva para uma demanda do mercado num contexto pós pandêmico.

Para Mendonça (2011) a crise de sentidos na educação tornou os profissionais da educação produtores de resultados. O desafio seria fazer a mediação entre sentidos e significados. E não oferecer espaços para os estudantes apresentarem um falso

protagonismo para inserção deste jovem nas demandas produzidas pelo mercado de trabalho, não é um método que ensina a pensar e refletir sobre o mundo do trabalho versus exploração ou construção histórica social, a educação deveria ser o contraponto e levar a juventude a pensar sobre quais os sentidos e sonhos que atualmente buscam. Pois, a linguagem sócio emocional, no que se refere a um “projeto de vida” não pode se tornar um produto nas mãos de recrutadores ou empresas.

Para Florestan Fernandes (1977), a sociologia deve intervir nas políticas educacionais, o ensinar sociológico é fundamental para que os estudantes observem as estruturas dominantes. Como cientistas sociais dentro das escolas, nos colocamos a um passo à frente daqueles que não enxergam as estruturas de dominação. Neste sentido, no cotidiano escolar, o autor chama a atenção para a conduta ética do profissional da sociologia, que quando está numa instituição pode se diferenciar ao observar para além do senso comum e pode contribuir para o melhor desenvolvimento de políticas educacionais de qualidade e garantia de direitos.

Num momento de reformas do “novo” ensino médio, “nova” BNCC e “nova” adaptação ao ensino integral, se tornou fundamental a ressignificação da área de Humanas a partir da experiência laboral, dos princípios, dos eixos que norteiam os conteúdos, dos objetivos, diagnósticos e perspectivas. Este capítulo se encerra com as reflexões sobre essas representações iconográficas, os coletivos organizados e as comissões de Direitos que se constituíram na escola diante dos vazios de conteúdos científicos deixados pela nova reforma que aparentemente não há perspectivas políticas de revogação.⁶¹

2.1-|Diagnóstico social da realidade dos estudantes de 2022

O Diagnóstico social realizado na escola em 2022 no segundo bimestre é um importante instrumento necessário para realização de políticas públicas na área de educação na escola de periferia da zona sul de SP. Se tornou em todas as áreas de reflexão das ciências e humanidades um importante recurso de interpretação da realidade dos estudantes da escola para nortear o plano de ação da escola e os programas de ação dos professores de ciências humanas e sociais.⁶² Os professores de Sociologia do Laboratório

⁶¹ Atualmente existe um movimento estudantil e de professores lutando pela revogação do Novo Ensino Médio (NEM).

⁶² Em anexo- página 110, os documentos produzidos de planejamento para o ensino integral, o planejamento chamado como Programa Ação dos professores é desenvolvido para a disciplina de Sociologia do período vespertino (individual); Projeto de Vida do período vespertino; Eletiva de semestre 1 de Sociologia

de Ciências Humanas se uniram em torno do diagnóstico nas reuniões de coordenações pedagógicas dos 2 períodos para reflexões e observações dos dados do levantamento da realidade social dos estudantes e relendo assim suas práticas e condutas em salas de aulas. Os dados antes não percebidos e muitas vezes contrapõem uma mentalidade estabelecida de narrativas de senso comum reproduzidas no espaço escolar.⁶³

O Diagnóstico do ano de 2022- Período matutino⁶⁴ e período vespertino⁶⁵ não estão completos em sua descrição abaixo em virtude de o objetivo aqui ser neste primeiro momento destacar algumas questões referente a comparação das respostas objetivadas pelos estudantes e participantes dos 2 turnos da escola integral- PEI.

O primeiro turno segue das 7h às 14h e o segundo turno das 14:15h as 21:15 h. A aplicação do formulário se deu em duplas (coordenadores pedagógicos da área de Humanas e grupo de apoio de professores da área de Ciências Humanas) nas salas de aulas, com acesso via internet e durante substituição de aulas de professores que eventualmente estavam com licença prêmio.

Durante a aplicação do questionário, a questão de maior dúvida apresentada pelos estudantes se referia ao tema liberdade assistida (LA). Essa questão foi anulada, pois, praticamente quem tinha acompanhamento com conselheiros tutelares dos bairros respondiam que sim, pois confundiram o acompanhamento da vara da infância ou dos conselheiros familiares com liberdade assistida.

Outro fator importante na aplicação do formulário foi que, em algumas questões os estudantes queriam debater antes de responder. Focou-se na tarefa de terminar o questionário e se não sobrasse um tempinho para o debate, este seria feito na próxima aula de sociologia. Então, foi solicitado pós envio do formulário, que eles iriam apresentar as questões que queriam debater.

Imagética período vespertino; Eletiva de semestre 2 Antropologia Visual período vespertino; Os Itinerários formativo Comunicação, Cultura e Economia: Ressignificando a Cultura do povo brasileiro- Darcy Ribeiro e Itinerário Formativo: Cultura e Sociedade- Do mito da Caverna à Levi Strauss estão dentro do programa ação individual. O Plano Ação Geral da escola é o carro condutor para o desenvolvimento do programa ação dos professores em cada área, neste caso não está em anexo, pois precisa de autorização da gestão para inclusão no anexo, estando atualmente a diretora de férias. No entanto, pode ser incluso, se autorizado na versão final desta dissertação.

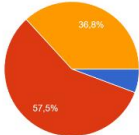
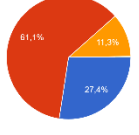
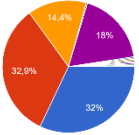
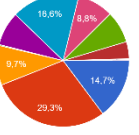
⁶³ O diagnóstico de 2023 está em processo de revisão pela equipe e de aplicação aos estudantes no bimestre 2.

⁶⁴ Período matutino: do 1º A ao B – 2º A ao F – 3º A ao I e Período vespertino: do 1º C ao H – 2º G ao J – 3º J ao O-

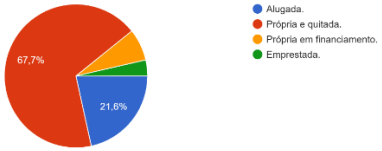
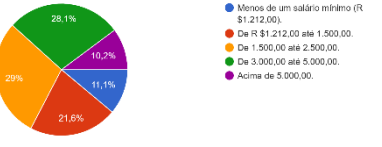
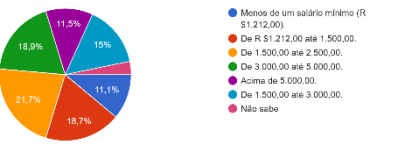
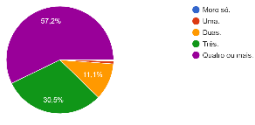
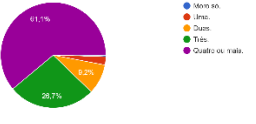
⁶⁵ Link-manhã e tarde, os links são diferentes, mas as questões são as mesmas para os estudantes responderem:

<https://docs.google.com/forms/d/1z1y3aHPFrFK36eAvGK2cCjdBIkZJlw6eoP1wBjVboQw/edit>

Vários desafios foram observados durante a aplicação do questionário e nas questões que os estudantes traziam posteriormente para serem debatidas em aulas, desde intolerância religiosa, como por exemplo, as sugestões para resolver alguns problemas que eles elencaram da escola, problemas cotidianos sobre falhas nas comunicações e a acolhida todos os dias da escola. A seguir uma descrição de algumas comparações entre os períodos da manhã e da tarde que devem para observação:

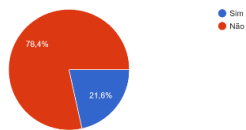
Manhã- 2022	Tarde- 2022
Séries e turmas: 1° A e B; 2°s A, B, C, D, E e F; 3°s A, B, C, D, E, F, G, H e I – Total de 17 turmas, 334 estudantes que responderam ao questionário. Importante ressaltar que o questionário foi aplicado em parte nas salas de aulas e na sala do acesa, nos momentos das aulas substitutivas, por meio de link no Google Sala de Aula. O 1°A, 2°B, 3° H e 3°F foram as turmas que mais responderam ao questionário.	Séries e turmas: 1° C, D, E,F,G e H; 2°s G, H, I, J; 3°s J, K, L, M, N e O – Total de 16 turmas, 434 estudantes que responderam ao questionário. Importante ressaltar que o questionário foi aplicado em parte nas salas de aulas e na sala do acesa, nos momentos das aulas substitutivas, por meio de link no Google Sala de Aula. Todas as turmas responderam ao questionário.
1.Faixa etária A sua idade se encaixa: 334 respostas  - entre 14 e 15 anos. - entre 16 e 17 anos. 18 anos ou mais. - 57.5% - tem entre 16 e 17 anos - 36.8% - tem 18 anos ou mais - 5.7% - tem entre 14 e 15 anos	A sua idade se encaixa: 434 respostas  - entre 14 e 15 anos. - entre 16 e 17 anos. 18 anos ou mais. 15 e 16 - 61.1% - tem entre 16 e 17 anos - 11,3% - tem 18 anos ou mais - 27,4% - tem entre 14 e 15 anos
2.Distância entre a casa do estudante e a escola Qual é a distância mínima entre a sua casa e a escola? (Use o Google Maps, caso precise de ajuda). 334 respostas  - Curta, até 1km. (até 10min) - Média, de 2 à 4 km. (Até 1hr) - Longa, moro há mais de 5km da escol... - Mais de 2 Horas - Curta, até 200m. (até 30min) 6 km. 40 min 250 metros (5 minutos) 3min - 32.9% reside entre 2 a 4km de distância da escola. - 32% reside até 1km de distância da escola⁶⁶.	Qual é a distância mínima entre a sua casa e a escola? (Use o Google Maps, caso precise de ajuda). 434 respostas  - Curta, até 1km. (até 10min) - Média, de 2 à 4 km. (Até 1hr) - Longa, moro há mais de 5km da escol... - Mais de 2 Horas - Curta, até 200m. (até 30min) - Curta, até 1km. (até 30min) - Média, de 2 à 4 km. - Longa, moro há mais de 5km da escola. - 29% reside entre 2 a 4km de distância da escola. - 14,7% reside até 1km de distância da escola.

⁶⁶ E deste percentual, 11% reside a 200m da escola.

- 18% reside entre 1km e 2km de distância da escola. - 14.4% reside a mais de 5km de distância da escola, chegando a 20 ou 30 km. - 2.7% não responderam esta questão.	- 16,6 % reside entre 1km e 2km de distância da escola= até 30 min de distância - 7,8% reside há 2h da escola, não sabendo responder a distância. -17,5% alegam cerca de 1 h de distanciamento
3.A residência da família é: A residência da sua família é: 334 respostas  - 67.7% - vive em residência própria e quitada. - 21.6% - alugada. - 7,2% -vive em residência própria, mas ainda em financiamento. - 3.5% - vive em residência empréstada.	A residência da sua família é: 434 respostas  - 68,9% - vive em residência própria e quitada. - 18% - alugada. - 7,4% -vive em residência própria, mas ainda em financiamento. - 4,8% - vive em residência empréstada. - 0,9% - outros
4.Renda mensal média da família Qual é a renda mensal média de sua família hoje? 334 respostas  11,1% menos de 1 salário mínimo 21,6% de 1 a 1,1 salário mínimo 29% de 1,1 a 1,8 salários mínimos 28.1% de 2,2 a 3,7 salários mínimos 10,2% acima de 3,7 salários mínimos	Qual é a renda mensal média de sua família hoje? 434 respostas  11,1% menos de 1 salário mínimo 18,7% de 1 a 1,1 salário mínimo 21,7% de 1,1 a 1,8 salários mínimos 15% de 1,1 a 2,2 salários mínimos 18.9% de 2,2 a 3,7 salários mínimos 11,5% acima de 3,7 salários mínimos 3,1% não sabe
5.Quantos residem na casa do estudante Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)? 334 respostas  57,2% mais de 4 30,5% 3 pessoas	Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)? 404 respostas  61,1% mais de 4 26,7% 3 pessoas 1,2% mora sozinho

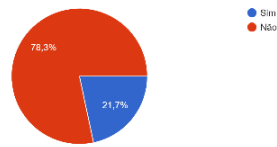
6.Sobre Programas Sociais do Estado

Sua família recebe ajuda de algum programa social do Governo. Exemplo: Bolsa Família, Auxílio Brasil, etc?
334 respostas



21,6% de acessos aos programas sociais

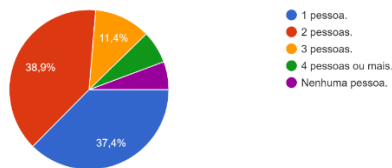
Sua família recebe ajuda de algum programa social do Governo. Exemplo: Bolsa Família, Auxílio Brasil, etc?
434 respostas



21,7% de acessos aos programas sociais

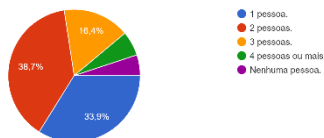
7.Sobre empregabilidade

Quantas pessoas hoje estão empregadas na sua casa?
334 respostas



- 38.9% - duas pessoas
- 37.4% - uma pessoa
- 11.4% - três pessoas
- 6.2% - quatro pessoas
- 5,7 % - nenhuma (desemprego)

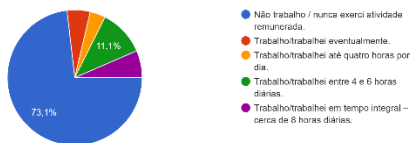
Quantas pessoas hoje estão empregadas na sua casa?
434 respostas



- 38.7% - duas pessoas
- 33.9% - uma pessoa
- 16.4% - três pessoas
- 6,0% - quatro pessoas
- 5.1% -nenhuma (desemprego)

8. Trabalho da juventude

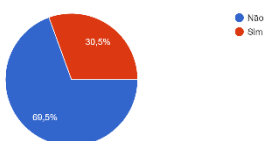
Se você trabalha, ou já trabalhou, qual é (ou foi) a carga horária aproximada de sua atividade remunerada?
324 respostas



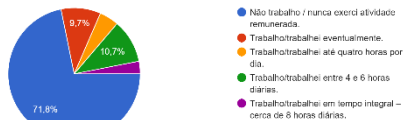
6,5% 8 h-dia
14,8% 4 a 6 h-dia
5,6% eventualmente e finais de semana
=26,9% trabalha atualmente

30,5% Já trabalhou

Você trabalha ou já trabalhou
334 respostas



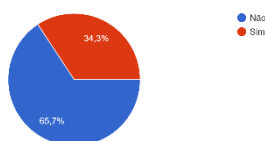
Se você trabalha, ou já trabalhou, qual é (ou foi) a carga horária aproximada de sua atividade remunerada?
422 respostas



3,1 % 8 h-dia
15,4% 4 a 6 h-dia
9,7 % eventualmente e finais de semana
=28,2% trabalha atualmente

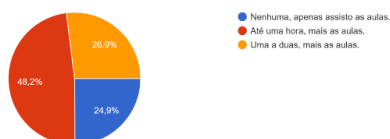
34,3% Já trabalhou

Você trabalha ou já trabalhou
280 respostas



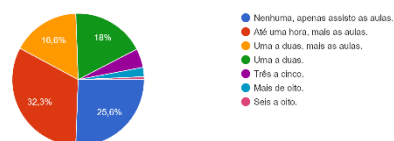
9. Tempo de dedicação nos estudos

Quantas horas por semana você dedica aos seus estudos, incluindo as horas de aula?
334 respostas



48,2% Até uma hora fora as aulas
26,9% Até 2 h

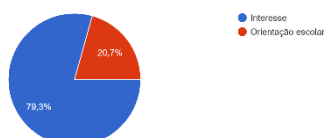
Quantas horas por semana você dedica aos seus estudos, incluindo as horas de aula?
434 respostas



32,3% Até uma hora fora as aulas
34,6% Até 2 h

10. O que gostam de ler

Sua leitura é por:
334 respostas

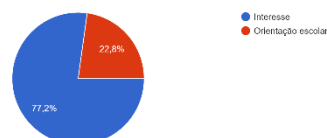


46,1% Gostam de ler e não tem conseguido
30,5% gostam de ler nas férias e viagens
32,1% Acredita ser importante a leitura
7,2% Não gostam de ler

55,7% romances e contos
76,4% Mitologia, filosóficos, sociológicos e históricos
22,8% científicos
58,4% Policiais, investigativos
Obs: No período da manhã houve uma mudança no questionário (por área)

11,4- Nenhum
24,3%- 2 livros
25,2% - 3 a 5 livros
12,9% - 5 a 10 livros
9,8%- 10 a 20 livros
5,6%- 20 a 50 livros
8,1% - outros
2,7%- 70 a 100 livros

Sua leitura é por:
434 respostas



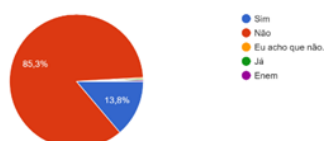
42,9% Gostam de ler e não tem conseguido
26,9% gostam de ler nas férias e viagens
21,5% Acredita ser importante a leitura
8,7% Não gostam de ler

47,7% romances e contos
37,1% Mitologia, filosóficos, sociológicos e históricos
8,5% científicos
6,7% Policiais, investigativos

15,4- Nenhum
16,5%- 2 livros
30,5% - 3 a 5 livros
13,3% - 5 a 10 livros
8,6%- 10 a 20 livros
5,8%- 20 a 50 livros
7,4% - outros
2,5%- 70 a 100 livros

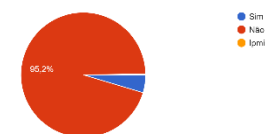
11. Sobre curso pré-vestibular

Você já fez algum curso de pré-vestibular?
334 respostas

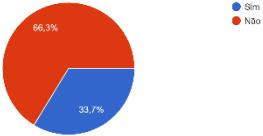
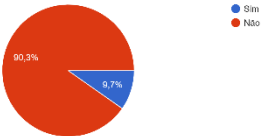
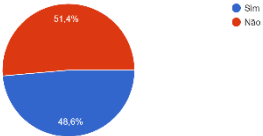
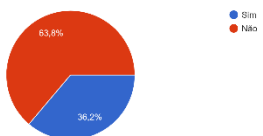
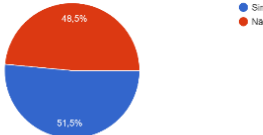
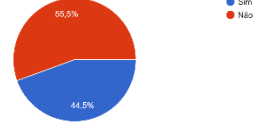
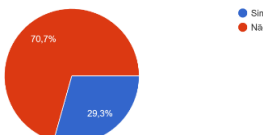
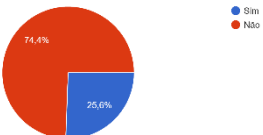
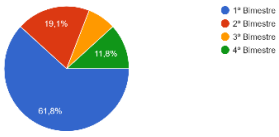
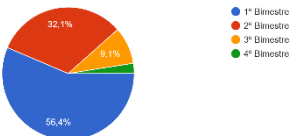


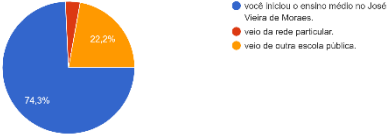
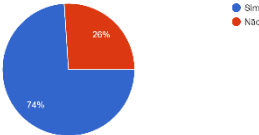
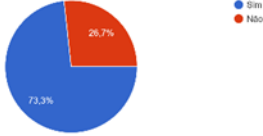
13,8% sim

Você já fez algum curso de pré-vestibular?
434 respostas



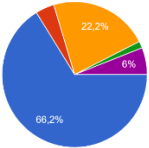
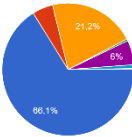
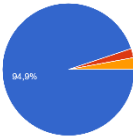
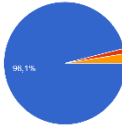
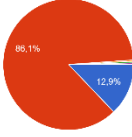
4,6% sim

12.ENEM Você já fez o Enem? 332 respostas  33,7 % sim (obs: 9 terceiros manhã- 2022)	Você já fez o Enem? 278 respostas  9,7 % sim (6 terceiros a tarde- 2022)
13. Pretende ENEM Você pretende fazer o Enem em 2022? 327 respostas  48,6 % sim	Você pretende fazer o Enem em 2022? 279 respostas  36,2% sim
14. Curso de idiomas Você já fez algum curso de idiomas? 334 respostas  51,5% sim (Inglês, Espanhol, Japonês e Francês)	Você já fez algum curso de idiomas? 434 respostas  44,5% sim (Inglês, Espanhol e Coreano)
15.Sobre tocar instrumentos musicais Toca algum tipo de instrumento ? 334 respostas  29,3% sim (violão, piano, saxofone, violino, cajón, bateria, sanfona, escaleta, flauta, berimbau, ukulelê, pandeiro, contrabaixo, kalimba, guitarra, bateria, trombone e clarinete)	Toca algum tipo de instrumento ? 434 respostas  25,6% sim (violão, piano, violino, bateria, sanfona, flauta, berimbau, ukulelê, pandeiro, contrabaixo, guitarra, bateria, trombone, órgão e xilofone)
16. Matrículas e transferências Se não iniciou nesta escola responda: no primeiro ano você transferiu para o José Vieira de Moraes em qual momento: 136 respostas 	Se não iniciou nesta escola responda: no primeiro ano você transferiu para o José Vieira de Moraes em qual momento: 243 respostas 

19,1% transferiram-se para a escola no bimestre 2 7,4% no bimestre 3 11,8% no bimestre 4	32,1% transferiram-se para a escola no bimestre 2 9,1% no bimestre 3 2,5% no bimestre 4
17. De onde vem os estudantes⁶⁷ Formação acadêmica do estudante: O Ensino Médio. 334 respostas  74,3% iniciou o ensino médio na escola 3,5% vem da rede particular 22,2% veio de outras escolas públicas Fund 1= 47,6% rede pública estadual 34,1% rede pública e municipal 21,9% rede particular 3,6% ambas Fund II= 45,2% rede pública estadual 36,5% rede pública e municipal 19,2% rede particular 3% ambas	Formação acadêmica do estudante: O Ensino Médio. 434 respostas  60,4% iniciou o ensino médio na escola 3,9% vem da rede particular 35,7% veio de outras escolas públicas Fund 1= 42,9% rede pública estadual 32% rede pública e municipal 21,4% rede particular 3,7% ambas Fund II= 42,9% rede pública estadual 36,9% rede pública e municipal 18,2% rede particular 2% ambas
18. Escolhas profissionais⁶⁸ Você já escolheu uma profissão? 334 respostas  74% Já escolheram profissões, 59,9% as mães principais influenciadoras, 31,6% os pais, 13,6% professores e 24,4% amigos e outros 69,5 % desses- querem realização profissional e direitos garantidos As 10 Profissões mais citadas pelos estudantes na ordem do maior número de citações para o menor número: 1º Psicólogos (as) 2º Advogados(as) 3º Veterinários (as)	Você já escolheu uma profissão? 434 respostas  73,3% Já escolheram profissões, 42,8% as mães principais influenciadoras, 32,7% os pais, 10,1% professores e 14,4% amigos e outros 63,6 % desses- querem realização profissional e direitos garantidos As 10 Profissões mais citadas pelos estudantes na ordem do maior número de citações para o menor número: 1º Psicólogos (as) 2º Advogado (a) 3º Médico (a)

⁶⁷ Obs: Quando se muda no questionário as escolas específicas há alteração na origem da rede particular. Observa-se que no geral, os dados batem com fund1 ou Fund II. Optamos em considerar o dado geral por estar mais próximo da realidade em sala. Pois, as vezes o estudante estudou 1 ano na escola particular e responde que está foi a origem acadêmica.

⁶⁸ Houve mudança das perguntas no questionário da manhã para ver se havia a alteração na influência das mães e não houve.

4º Técnicos (as) em informática 5º Odontologia 6º Design de Modas 7º Design Gráfico 8º Artes, Professores, Dança 9º Médicos(as) /Biomédicos(as) 10º Enfermagem/ Jornalistas	4º Veterinário (a) 5º Policial 6º Enfermeiro (a) 7º Biomédico (a) 8º Biólogo (a) 9º Professor (a) 10º Jornalistas
19.Orientação sexual Orientação sexual: (Orientação sexual é a maneira como um indivíduo se relaciona afetiva e sexualmente com outra pessoa. Fazendo parte dessas categorias, como você se identifica: 334 respostas  - Heterossexual: atração sexual por pessoas do sexo oposto. - Homossexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo. - Bissexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo e sexo oposto. - Asssexual: não possui interesse ou tem pouco interesse por pessoas de quais. - Pansexual: pessoa que se interessa por pessoas de todos os gêneros e por to. - 66.2% - heterossexual: atração sexual por pessoas do sexo oposto. - 22.2% - bissexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo e sexo oposto. - 6% - Pansexual: pessoa que se interessa por pessoas de todos os gêneros e por todas as orientações sexuais. - 4.2% - homossexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo. - 1.5% - não possui interesse ou tem pouco interesse por pessoas de quaisquer gênero.	Orientação sexual: (Orientação sexual é a maneira como um indivíduo se relaciona afetiva e sexualmente com outra pessoa. Fazendo parte dessas categorias, como você se identifica: 434 respostas  - Heterossexual: atração sexual por pessoas do sexo oposto. - Homossexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo. - Bissexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo e sexo oposto. - Asssexual: não possui interesse ou le... - Pansexual: pessoa que se interessa p... - Cujo: qual? - Cigênero: pessoa que se sente de a... - 66.1% - heterossexual: atração sexual por pessoas do sexo oposto. - 21.2% - bissexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo e sexo oposto. - 6% - Pansexual: pessoa que se interessa por pessoas de todos os gêneros e por todas as orientações sexuais. - 5.1% - homossexual: atração sexual por pessoas do mesmo sexo. - 0,9% - não possui interesse ou tem pouco interesse por pessoas de quaisquer gêneros.
20. Identidade de Gênero⁶⁹ Gênero: identidade de gênero é a forma como uma pessoa identifica seu próprio gênero e como ela se apresenta socialmente. Lembrando que o gênero ...nte relacionado à anatomia dos órgãos genitais. 313 respostas  - Cisgênero: é a pessoa que se identifica com o sexo biológico designado no momento de seu nascimento. - Transgênero: é quem se identifica com um gênero diferente daquele atribuído no nascimento. - Não-binário: é alguém que não se identifica completamente com o "gênero de nascimento" nem com outro gênero. Esta pessoa pode não se ver em nenhum dos papéis comuns associad... 2,2% transgênero 2,9% Não binários	Gênero: identidade de gênero é a forma como uma pessoa identifica seu próprio gênero e como ela se apresenta socialmente. Lembrando que o gênero ...nte relacionado à anatomia dos órgãos genitais. 359 respostas  - Cisgênero: é a pessoa que se identifica com o sexo biológico designado no momento de seu nascimento. - Transgênero: é quem se identifica com um gênero diferente daquele atribuído no nascimento. - Não-binário: é alguém que não se identifica completamente com o "gênero de nascimento" nem com outro gênero. Esta pessoa pode não se ver em nenhum dos papéis comuns associad... 1,4% transgênero 2,5% Não binários
21. Sobre drogas, problemas familiares e violências vivenciadas Você teve ou tem contato com algum tipo de entorpecente? ou drogadição? 334 respostas  - Sim - Não - Antidepressivos - Sim, Uso Antidepressivos e remédios contra ansiedade - Já vi muitos usuários e tenho amigos que utilizam de verdina - Não, (coloquei aqui porque a alternativa não, não está indo) - Vape	Você teve ou tem contato com algum tipo de entorpecente? ou drogadição? 280 respostas  - Sim - Não - Maconha - Narguilé - Nunca

⁶⁹ Incluir observações antropológicas sobre o tema.

9,9 % tiveram contatos com entorpecentes (desses 0,6% vape e maconha), cotidianamente o álcool, tabaco e remédios antidepressivos Problemas na família: 33,1% depressão e dependência de medicamentos 15,9% -Doença familiar grave 24,5% -Alcoolismo 12,1% -Dependência química 9,9% - Violência doméstica 2,2%- Mortes no território 2,3%- outros Violências vivenciadas Bullying 60,7 % etno-racial 17,9% nos transportes públicos 15,4% violência doméstica 9,5 % sexual, gênero 30,3 % obs.: As 3 últimas somam 55,2% violências contra as mulheres	12,9 % tiveram contatos com entorpecentes (desses 0,8% narguilé e maconha), cotidianamente o álcool, tabaco e cigarros eletrônicos Problemas na família: 37,4% depressão e dependência de medicamentos 15,2% -Doença familiar grave 21,3% -Alcoolismo 13,5% -Dependência química 9,1% - Violência doméstica 2,6%- Mortes no território 0,9%- outros Violências vivenciadas Bullying 42,2% etno-racial 19,1% nos transportes públicos 15,6% violência doméstica 12,1% sexual, gênero 11% obs.: As 3 últimas somam 38,7% violências contra as mulheres
--	---

A pergunta de onde vem os estudantes revelou que 36% - na circunvizinhança da escola: região da Atlântica, Jd. Iporanga, Parque Novo Grajaú e Cidade Dutra; 32% - no grande Grajaú, 13% - na região do Jd. Primavera, Jd. IV Centenário, Praia Paulistinha e Sesc Órion, 11% - na região que compreende: Varginha, Parelheiros, Cipó e Embu-Guaçu e há um destaque para os 8% - que vem dos bairros de: Veleiros, Largo. do Socorro, Santo Amaro, Jabaquara e Capão Redondo. Os 2 turnos da escola envolvem 47 bairros diferentes. O transporte público é o mais usado é 69,5% de manhã e 72,8% a tarde, cerca de 14% vão para a escola de carro ou carona com os pais dos amigos, a tarde este número cai 3% e os demais a pé 27% do período da tarde, mesmo alguns demorando um tempo de 40 a 50 minutos.

Referente ao mundo do trabalho, 69,5%(manhã) e 65,7%(tarde) não trabalharam para além das atividades domésticas e 30,5% (manhã) e 34,3%(tarde) exerce algum tipo de trabalho, mesmo que “bicos” ou cotidianamente. Nas funções de atendentes, auxiliares de escritório, babas, telemarketing, operador de caixa, açougueiro, cozinheiro, prestador

de serviços para uma empresa de aplicativos, professora de inglês, aprendiz para loja de doces, caixa de sacolão no bairro, monitora de van escolar, ajudante de cabelereiro, animadora de festa, garçom de buffet infantil, freelance de fotos, designer de sobancelhas, call center, ajudante de pizzaria, cuidadora de crianças, mecânico, vendedor, confeitaria, ajudante de pedreiro, garçom, barman, ajudante de açougueiro e freelances para festa infantil. Os salários mencionados são pagamentos diários de 30 a 50 reais o dia. Alguns mencionam 130 por final de semana, considerando estar melhor que trabalhar por dia, somente 2 estudantes com registro em carteira no turno da tarde. Especificaram ganharem o salário mínimo. Alegam já terem escolhido uma profissão, eles querem realização profissional e direitos trabalhistas garantidos e 22,1%(manhã) e 7,4% (tarde) desejam profissões que lhes proporcionem salários altos, independente de realização profissional.

A família do período da manhã tem origem na maioria em SP, Bahia 30%, na sequência Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Paraíba, Piauí, Alagoas e 1 família do Chile, 1 Alemanha e 1 Polônia. No período da tarde 41,4% as famílias vieram de Pernambuco. O sustento da família é de responsabilidade de 70% (manhã) e 38,5% (tarde) de mães. Há 3% dos estudantes responsáveis pelo sustento do lar no período da manhã. E a tarde, 9% dos irmãos são responsáveis pelo sustento do lar, 26% os pais e 4% os avós.

A escolha da escola se dá por ser uma referência em educação 78% (manhã) e 79,2% (tarde), os 20%(manhã) e 20,4% (tarde) escolheram por ter disciplina e os demais por morar perto da escola ou o trabalho estar perto. 76,3% (manhã) e 73,5% (tarde) em 2022 há a perspectiva de universidade pós a conclusão do ensino médio, em segundo plano curso técnico e por último tentar um trabalho e cursinhos (8%).

O lazer preferido é ficar em casa, ouvir música e ver série - 73,4% (manhã) e 67,1% (tarde) em segundo lugar ler livros, fotografar e cozinhar. Soltar pipas 1,7%, jogos e futebol 13%.

Nos bairros somente supermercados, postos de saúde e sistemas bancários eventualmente, praças, cinemas, bibliotecas comunitárias e teatros, os acessos são em outros bairros e em torno de 8%, mas 47,3% (manhã) há o racionamento de água.

A religiosidade da familiar revela 51% (manhã)- Católicos⁷⁰ e 47,4% (tarde), 20%(manhã) e 37% (tarde) - Evangélicos de todas as vertentes cristãs (Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil), 18% (manhã) e 15,6% (tarde) - Matriz africana e

⁷⁰ Desses 43,3% Renovação Carismática Católica (ala conservadora) e 7,7% CEBS

espírita (umbanda), 8% - Agnósticos e ateus e 3%- Outras configurações religiosas, ritualísticas e filosóficas ⁷¹

O grau de escolaridade dos pais ou do responsável pela casa mostra que 42% (manhã) e 45% (tarde) concluíram somente o Ensino Médio, 28% concluíram somente o fundamental II, 22% (manhã) e 17% (tarde) têm Ensino Superior, 14%(manhã) e 5% (tarde) concluíram somente o fundamental I, 12.2%(manhã) e 10% (tarde) têm Pós-Graduação, 3% (manhã) e 6% (tarde) não possui nenhuma escolaridade.

Sobre ser estudante nesta escola significa 63,6% (tarde) e 59,6% (manhã) melhorar o aprendizado e 42,2% (tarde) e 73,4% (manhã) espera ingressar numa faculdade e ter uma profissão. Somente 10 (tarde) e 24 (manhã) fazem cursos de informática e programação de jogos. Durante a vida escolar 43% (tarde) e 55,4%(manhã) tiveram poucos professores como referencial, 29,5% (tarde) e 32,3%(manhã) acreditam ser os professores um referencial para a qualidade da educação. Os estudantes acreditam que 57,4% (tarde) e 56,3%(manhã) dos professores tinham metodologias e conteúdo das disciplinas e durante a trajetória escolar deles 48,8% (tarde) e 51,2%(manhã) enxergam que os professores estão focados aos conteúdos disciplinares. Os dados mostram que durante a vida escolar 2,3% (tarde) e 0%(manhã) já cabularam aulas e 97,7% (tarde) e 98% (manhã) nunca cabularam e gostam de estar na escola.

As disciplinas que mais gostam no turno da tarde são: Educação Física (41,7%), Português, História, Biologia, Filosofia e Sociologia. As que menos gostam são itinerários e projeto de vida. 83% com maior dificuldade em Física, seguido por Química e Matemática e as disciplina que não há dificuldades são as eletivas, as demais disciplinas ficam em torno de 10 a 13% os níveis de dificuldades.

No turno da manhã, as disciplinas que mais gostam são: História (63,5%), Filosofia, Matemática, Biologia e Sociologia. As que menos gostam são itinerários e projeto de vida. 81,9% com maior dificuldade em Física, seguido por Química e Matemática e as disciplina que não há dificuldades são as eletivas, as demais disciplinas ficam em torno de 3 a 5%, os níveis de dificuldades.

Os Laboratórios mais usados são: Ciências Humanas-LACH 61,4% (manhã) e 67,7% (tarde) e de Biologia 54,5% (manhã) e 50,5%(tarde), Matemática e tecnologia 22,2% (manhã) e 20,3%(tarde) e a sala de leitura 24,3% (manhã) e 19,8%(tarde).

⁷¹ Budismo, Islamismo, hinduísmo, wicca, holismo etc. A tarde não aparece.

A merenda da escola : 22,8% (manhã) e 68.8% (tarde) deram nota entre 8, 45,9% (manhã) e 23,1% deram nota entre 7 e 5. E, 3,9% (manhã) e 8.1% (tarde) deram nota entre 4. OBS> 45%(manhã) e 29,7% (tarde) tem expectativa que a escola os ajude a lidar com as coisas mais complexas da vida. Ser feliz é: 49,1% (manhã) e 50,9%(tarde) viver com quem ama e 27,2% (manhã) 27% (tarde) ter uma família unida. Nas redes, o instagram ocupa 91,6% (manhã) de acessos para 83,8% (manhã) por 24 h ou uso frequentemente.

2-2-|A resignificação da área de Humanas a partir da experiência laboral

O ensino de Sociologia no Laboratório de Ciências Humanas (LACH), o olhar sociológico e os direitos fundamentais são conceitos trabalhados na perspectiva histórico cultural e visam sensibilizar para as narrativas e o diálogo com Antropologia Visual e as demais áreas das Ciências Humanas e Sociais. Buscar a interpretação das imagens a partir do olhar do espectador torna-se um desafio necessário para esta pesquisa que acaba dialogando com a Antropologia Visual. Como observa o poeta e escritor Otávio Paz, a imagem possui diversas significações enquanto representação do real e do irreal, como produtos imaginários, símbolos, alegorias e metáforas. Para o autor e poeta:

[Toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade, a pluralidade do real. A imagem resulta porque desafia o princípio da contradição (...) apesar dessa sentença adversa os poetas se obstinam em afirmar que a imagem revela o que é e não o que poderia ser. E ainda mais: dizem que a imagem recria o ser] (PAZ, 1982; 121)

Essa busca de identidade e significações destaca os desafios de se entender o universo cultural numa sociedade repleta de imagens. Ainda segundo o autor, todos os sistemas de comunicação vivem num mundo de referências ou significados relativos. Daí que sejam conjuntos de signos, dotados de certa mobilidade, quando percebemos um objeto qualquer, este nos apresenta com uma pluralidade de qualidades, sensações e significados. Quando na antropologia se utiliza das artes visuais, busca-se os significados que elas possam apresentar, que geralmente destaca elementos que passaram despercebidos pelos autores das imagens.

Se um plano de pesquisa envolve a população que o pesquisador quer fotografar, ele deve considerar seus sentimentos, ele não é um turista ou um repórter fotográfico, cujo objetivo é quase sempre tirar fotos e ir embora com a câmera quebrada ou inteira.” (Collier:1973,19)

Partindo das reflexões do poeta Paz e do antropólogo Collier (1973) há na constituição do Laboratório de Ciências Humanas (LACH) uma preocupação com o papel antropológico, que além de desenvolver suas aptidões com técnicas de produção de imagens, desenvolve um olhar sobre si mesmo e seus sentimentos, como diz o poeta. Essa preocupação é pertinente, pois há uma sedução particular para o mundo das imagens, de tal forma que é possível tornar-se insensível aos outros elementos que são tão importantes quanto a produção imagética. Pensando nas palavras do historiador e fotógrafo Paulo Porto Borges que foi parceiro na produção de oficinas de fotografias, ele diz: “nós pensamos via imagem, sem dispensar uma compreensão integral dos motivos que iremos justificá-las. Logo, compreender é interagir, relacionar-se com o sujeito no trabalho de campo, sensível à realidade, se não esse seria um olhar de regresso, onde o contato humano deixaria de ser o mais importante.

O primeiro ponto de destaque no ensino de sociologia no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) é uma postura de abertura para a escuta e interação de possíveis diálogos entre os conceitos sociológicos e as demandas que trazem a juventude para a escola hoje. Para o jornalista Nelson Brissak (1982), o cinema, a velocidade da máquina e a multidão condicionam nossa sensibilidade. Impondo para o autor um novo ritmo, movimentos mecânicos, gestos bruscos, rápidos, inacessíveis ao olhar comum, pois para ele a técnica está na origem da experiência moderna da desregulação, onde a percepção moderna é a da dispersão, do olhar fugaz, da diversão “... a sensibilidade é mais importante de tudo, se você não se entregar no assunto acaba não fazendo uma boa imagem”. Esta sensibilidade do olhar dar-se-á na medida em que a relação com os outros não for indiferente, o segundo ponto de destaque no ensino de sociologia no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) é a proposta de uma relação mais horizontal entre professores e estudantes, respeitando as diferenças de cada ponto de vista.

Utilizar-se de recursos visuais desenvolve sensibilidade para que se tenha liberdade de expressão, revelando sua linguagem, seus códigos de expressão e sua cultura. Isto é, “A percepção é visual e auditiva, habilidade em corresponder e compreender” (Collier:1973;XIX) Nesse sentido, a utilização dos equipamentos e as preocupações com técnicas artísticas e audiovisuais são importantes para a garantia do material, mas não podem ser colocadas em primeiro plano. Em primeiro plano coloca-se o universo do qual o grupo social está envolvido, seus símbolos, sua linguagem, seus sentidos, sua organização social e, como diz Collier (1973), seus sentimentos e sua cultura. É possível dialogar com as imagens visuais do antropólogo Collier(1973) e as imagens poéticas de

Otávio Paz (1982), “A pluralidade de sensações e significados se unificam instantaneamente no momento da percepção, e o elemento unificador de todos esses conjuntos de qualidades e de formas é o sentido” (PAZ:1982;131). Há sentimentos e sentidos diferenciados nas imagens produzidas pelos atores sociais, seja ele um fotógrafo social ou um participante do movimento social, há uma correlação com os sujeitos participantes do processo de documentação e de pesquisa, o ator social passa a ser um interlocutor. As imagens poderiam ser uma linguagem e um instrumento que permite que esses sujeitos falem. Essa relação oferece ainda mais elementos para intervenção das narrativas produzidas pelos estudantes na comunidade escolar.

O terceiro ponto de destaque do ensino de sociologia no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) a ser aprofundado no próximo subtítulo relaciona-se com a busca de ressignificação cultural junto aos estudantes, desmistificando estigmas e estereótipos estabelecidos na sociedade brasileira. Nas bases conceituais de Darcy Ribeiro (1995) e Florestan Fernandes (1963) ao aprofundar os conceitos que refletem africanidades, diversidades e etnicidades a partir das matrizes de formação da identidade cultural possibilita um diálogo com ensino em Direitos Humanos e a produção de imagens onde o olhar estudantil para as realidades que os cercam diferenciam-se do senso comum. A leitura das imagens produzidas relacionando os conceitos sociológicos sobre etnocentrismo, o mito da democracia racial com as histórias das imagens produzidas sensibiliza narrativas e produção de literatura marginal, desenhos, slam e poesias.

A ressignificação da cultura pode nos levar a valores que possibilitem novas vivências. Produzir imagens (fotografias, vídeos, desenhos e poesias) é um recurso de expressão de sentimentos. Tais recursos são ressignificados no laboratório de ciências humanas. A cultura pode nos levar a construir o “belo” e o “belo” é relativo, é cultural e demanda muitas reflexões. Tendo em vista, que a aceitação do outro depende da desconstrução do “belo” na sociedade moderna, que é o principal adjetivo que possibilita um tipo de violência como por exemplo, o bullying, estereótipos e linchamentos. É possível ir propiciando o “diálogo com a dor do outro”. Olhar o outro sem os paradigmas e os pré-conceitos estabelecidos pela modernidade. Há reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Humanizando-nos(as) e ressalvando a ideia de que a paz é uma condição humana. Identificar-se “intercultural”, pode ser uma atitude preventiva. Posicionar-se artisticamente contra todas as formas de violências pode ter impactos na escola e no território. Compreender que somos sujeitos de criação e recriação cultural desde a pré-história é ser um recurso elementar hoje para

convivência e interconexão do indivíduo ou grupo no espaço escolar e entorno.

As narrativas e iconografias antropológicas na escola pública visam sensibilizar para a formação crítica de jovens numa perspectiva antropológica. É uma tarefa árdua numa sociedade que ressignifica a democracia. Exercitar o diálogo interdisciplinar com os campos das artes, linguagens e da história, os(as) estudantes deixam de ser os “agentes passivos”- receptores dos conteúdos instrumentalizados, e são instigados a tornarem-se “agentes” e “produtores do conhecimento”. Lecionar sensibilizando o corpo estudantil para as temáticas que envolvem as matrizes de formação étnico-raciais da cultura brasileira, a lei história da África (10.639/2003) numa perspectiva histórico-cultural decolonizadora que, julgamentos preconcebidos como: “estranho(a)”, “bizarro(a)”, “incivilizado(a)”, podem deixar de existir ou pelo menos serem minimizados. A iconografia e a etnografia produzida nos diários de campo como recursos de potencialidades estéticas, da autoestima e da ressignificação da cultura a partir dos temas geradores mostram um reconhecimento e pertencimento de grupo social. Os autores trabalhados na base do conceito de etnocentrismo no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) da escola são fundamentais e relevantes. Os professores de Ciências Humanas da escola, principalmente os professores de sociologia visam dialogar obras e autores das Ciências Sociais como Gilberto Freyre (1933) - Família e Parentesco na fazenda canavieira, Darcy Ribeiro (1995)- O povo brasileiro e Florestan Fernandes (1977) - A integração do negro na sociedade de classe.

Cerca de 3,5 milhões de pessoas viviam no Brasil no final do século XVII, quase o número de habitantes de Portugal à época. Por essa época, a população da colônia, que até então não tinha um gentílico próprio, já era conhecida pelo nome que, ainda hoje, carrega no peito: *brasileiros*, assim eram chamados, inicialmente, os comerciantes de pau-brasil. Os senhores de engenho foram, segundo dados históricos coletados por Gilberto Freyre (1933), os herdeiros de uma colonização focada no modo de produção da *plantation*, cuja política econômica era, basicamente, a exploração da colônia para lucro da metrópole, resultando no esgotamento da natureza. Por sua vez, o povoamento no Nordeste açucareiro, diferentemente da tendência verificada no restante do país, tendeu sempre para a estabilidade econômica e populacional. A cana-de-açúcar foi o eixo principal dos interesses portugueses na colônia, ou seja, plantar para exportar.

Com uma população flutuante que chegava a centenas de pessoas, a casa grande era uma pequena cidade onde viviam e conviviam diariamente senhores de engenho, escravos e trabalhadores livres. Como as senhoras, esposas dos donos da casa; as sinhás-

moças, geralmente as filhas dos senhores, em idade de casar; as iaiás, as meninas da casa; os nhonhês, os meninos; os moleques, filhos de escravos que brincavam com os sinhozinhos; e as mucamas, negras que acompanhavam as senhoras da casa. Eram tantos e tão diferentes que, hoje, é difícil imaginar como pessoas de classe social e criações tão distintas conseguiram criar vínculos tão fortes que, não raro, ultrapassavam os muros frágeis da casa-grande.

Na casa-grande, quando uma criança nascia, os senhores logo traziam para a vida doméstica um escravo de mesma idade e mesmo sexo, para servir de companhia para o nhonhô durante a infância. Além de brincarem juntos e fazerem ao mesmo tempo suas principais descobertas durante a vida, eles também aprendiam em conjunto a rezar, escrever, ler e fazer contas. Até meados do século XIX, segundo Gilberto Freyre (1933), os filhos de senhores de engenho tomavam suas primeiras lições na casa-grande, onde havia uma sala de aula, acompanhados dos moleques. Mas, frequentemente, o escolhido sofria a contradição entre ser amigo e empregado. Acostumados à relação dúbia entre seus pais e os escravos, a criança branca tendia, quase sempre, a usar o negro como brinquedo e objeto de seus caprichos. A crueldade era tanta que, na falta do elemento principal de sua brincadeira favorita – montar a cavalo em carneiros –, eles o substituíam pelos moleques. Mas não foram só as crianças e as mucamas (muitas dormiam no quarto de seus senhores) que mantiveram um contato além da simples relação patrão/empregado. As senhoras da casa não saíam de casa sem a presença de uma negra de confiança e sempre havia aquela escolhida para fazer parte do séquito familiar em um evento social. Muitas, também, chegavam à máxima da intimidade daquela época: sentar-se junto com a senhora para costurar e tecer, um dos poucos afazeres desempenhados pela dona da casa. E, nas fazendas mais pobres, a situação podia inverter-se, com escravos e proprietários dividindo a mesma esteira e o mesmo prato de comida. Não obstante o hábito, disseminado desde os primeiros dias dos europeus em solo brasileiro, de se relacionar sexualmente com as escravas, os senhores de engenho também cultivavam a vontade de gerar filhos nelas. Não herdeiros, como o seriam as crianças concebidas legalmente entre as quatro paredes da casa-grande, mas nova força de trabalho para seu engenho. Assim como nas relações de dominação entre o dono do engenho e o ocupante da senzala – uma força de trabalho não-assalariada, demonstrações de violência e coerção estavam presentes na relação sexual entre os dois polos.

As senzalas, por sua vez, variavam muito de tamanho e configuração. Algumas abrigavam apenas mulheres, poucas tinham ventilação e divisórias internas, a maioria era

pequena demais para a grande quantidade de escravos, outras eram cobertas de palha ou telha e erguidas com tijolo, madeira e pedra. Esse era o universo de vida dos primeiros senhores da sociedade canavieira no Brasil, tão bem descritos por Gilberto Freyre (1933).

São os agro empresários de um mundo novo em constante descoberta e construção, os senhores de engenho somavam defeitos e qualidades que chocam os olhos e os valores de um brasileiro do século XXI. Entretanto, eram maneiras de ser, de homens cruéis, lascivos, festeiros, hospitaleiros, exploradores do trabalho alheio, desconfiados, malvestidos, pouco letrados, poderosos, autoritários, fiéis à missa dominical, racistas, machistas, que ainda vemos presentes na contemporaneidade. Já a obra de Florestan Fernandes (a integração do negro na sociedade de classe) que foi produzida entre 1963 e 1964, sendo que muitos dos dados utilizados foram coletados em 1951. Nela, o autor está preocupado em fazer um estudo de como o povo emerge na história. Sua análise permite considerar os aspectos psicodinâmicos e sócio dinâmicos da mobilidade do homem da plebe para os papéis sociais e situação de vida da ordem social competitiva.

O negro surgia como uma figura deslocada e aberrante no cenário tumultuoso que se forjava graças à “febre do café”. Mesmo quando conseguia inserir-se no sistema citadino de ocupações, ele não se polarizava na direção do futuro e, assim, não “engrenava”. Faltava-lhe a coragem para enfrentar ocupações degradantes como os italianos que engraxavam sapatos, vendiam peixes e jornais; não era suficientemente “industrioso” para fomentar a poupança; não sentia o ferrete da ânsia pelo poder voltado para a acumulação de riqueza, apegava-se a modelos de ação pré e anticapitalistas.

Na análise retrospectiva dessa situação, Florestan (1977) aponta para a patente a irracionalidade do comportamento do negro e do mulato, como indivíduos ou coletivamente, no período final da desagregação da sociedade de castas e no período inicial da formação da sociedade de classes. A revolta diante da degradação e da suprema humilhação decorrentes da escravidão inspirou avaliações e aspirações sociais que lhes foram funestas.

A ideia “The right man in the right place” (o homem certo no lugar certo) fazia com que o estrangeiro aparecesse como a grande esperança nacional de progresso por saltos, o agente natural do trabalho livre, eliminando o pretendente “negro” ou “mulato”. Ressalta-se as qualidades psicossociais que tornam o branco europeu mais apto para a sociedade competitiva do trabalho livre, sendo que a questão da raça é deixada em segundo plano.

Diante do “negro” e do “mulato” abrem-se então duas escolhas irremediáveis. Vedado o caminho da classificação econômica e social pela proletarianização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou abater-se penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meio para salvar as aparências e a dignidade de homem livre.

No fundo de toda esta questão, está a natureza das reações dos negros e mulatos ao trabalho livre. Para o branco, que contratava os trabalhadores em termos puramente mercantis, o que contava era o rendimento do trabalho, a observância das cláusulas de contrato (cuja eficácia ainda dependia na prática, do status e poder relativo das partes) e o nível de remuneração desse fator de produção. (o estrangeiro via no trabalho assalariado um meio para iniciar “vida nova na pátria nova”, calculando libertar-se dessa condição o mais rápido possível). Para o “negro” e para o “mulato”, tudo isso era secundário. Introduziram elementos morais no contrato de trabalho. O principal era a condição moral da pessoa e sua liberdade (vista como plena disposição da pessoa sobre si mesma) de decidir como, quando e onde trabalhar.

Florestan (1977) aponta para outros elementos pré-capitalistas: a noção de que a dignidade do homem é incompatível com serviços degradantes e o princípio pré-capitalista de que a dedicação ao trabalho deve ser regulada pelas necessidades de consumo do indivíduo com seus dependentes. O trabalho assalariado para o “negro” e o “mulato” era um fim em si e para si mesmo, como se nele e por ele fosse possível provar a dignidade e a liberdade da pessoa humana. Tudo isso foi altamente desfavorável em uma ordem social que timbrava por despojar a relação patrão-assalariado de obrigações e de direitos extraeconômicos. Não havia mais simpatia ou solidariedade como as manifestadas no período da Abolição.

Os fazendeiros viam no liberto o ex-excravo e tentavam tratá-lo como tal, eles achavam que faltava ao liberto autodisciplina e espírito de responsabilidade do trabalhador livre. Desse modo, adquiriram reputação de “vagabundos”, “irresponsáveis” e “inúteis”, que iria bani-los do mercado urbano de trabalho ou forçá-los a lutar arduamente por ocupações indesejáveis ou insignificantes. (Além de “trabalhador volúvel”, “borboletante”, “com o qual não se pode contar certo”, como se o “gosto por biscates” ocasionais fosse o produto de predisposições inalteráveis do ânimo do “trabalhador negro”).

O “negro” e o “mulato” já não apareciam mais como “inimigos da ordem”, porque conspirassem pela liberdade; mas, como uma ameaça ao decoro, à propriedade e à

segurança das pessoas. Tornando-os sempre suspeitos aos policiais e fazendo com que alguns negros quisessem ser policiais para não serem presos. Tendo em vista a inserção do negro e do mulato na sociedade competitiva, Florestan aponta essas deficiências do negro e do mulato: a recusa de certas tarefas e serviços, a inconstância na frequência ao trabalho; o fascínio por ocupações real ou aparentemente nobilitantes; a tendência a alternar períodos de trabalho regular com fase mais ou menos longas de ócio; a indisciplina agressiva contra o controle direto e a supervisão organizada; a ausência de incentivos para competir individualmente com os colegas e para fazer do trabalho assalariado uma fonte de independência econômica.

Essas questões não são apenas produto direto da herança cultural da escravidão, mas da rapidez com que a ordem social competitiva se expandiu e se consolidou na cidade de São Paulo, suprimindo pela raiz as possibilidades de uma transição gradual, que lhes facilitasse a aquisição, pela experiência, da mentalidade e dos comportamentos requeridos pelo novo estilo de vida.

A sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo.

Atrás da relação entre o imigrante e o escravo (ou, mais tarde, o liberto), estava a própria questão do destino que se pretendia dar à ordem social competitiva e à sociedade de classes no Brasil. Todo o processo orientava-se não no sentido de converter o escravo ou liberto em trabalhador livre, mas de mudar a organização do trabalho para permitir a substituição do negro pelo branco (numa situação em que o imigrante não era considerado cidadão).

A posição do negro deve ser pensada em termos da organização da produção agrícola, na época do desencadeamento da nossa revolução burguesa que se propunha a transformação das condições de organização do trabalho (21). Os movimentos abolicionistas e as rebeliões nas senzalas deram um pano de fundo e uma cobertura moral extremamente vantajosos aos círculos sociais que encontravam condições para canalizar e capitalizar politicamente as insatisfações contra o “antigo regime”. (22)

O fato do escravo e do liberto terem intervindo como o principal fermento explosivo na desagregação do sistema de castas não é, em si mesmo, um índice de participação revolucionária consciente e organizada em bases coletivas autônomas. Não existiam condições para que isso ocorresse e se chegasse a ocorrer, o abolicionismo daria

lugar a uma “união sagrada” entre os brancos, para conjurar o perigo de uma subversão racial.

Não se visava subverter a estrutura racial da sociedade de castas, mas sua ordenação jurídica. Antônio Prado reflete essa falta de preocupação com a mudança na estrutura racial: “Pretenderá a honrada oposição que o governo deva propor ao poder legislativo meios coercitivos que tenham a virtude de forçar os libertos ao trabalho? Quais poderiam ser esses meios? Não será, por ventura, a liberdade a garantia mais eficaz para que a lei econômica da oferta e da procura regule convenientemente as condições de trabalho?”

A Abolição equivalia, nas zonas de vitalidade da lavoura cafeeira, a condenação dos “negros” e “mulatos” à eliminação no mercado competitivo de trabalho, ao desajustamento econômico e ao desequilíbrio social. Emergiam diante de uma “situação de classe” na condição de polo heteronômico e alienado, que também tinham na “situação de castas”. Esse cenário só seria diferente se eles tivessem partido de uma situação de castas que lhes conferissem autonomia econômica, social e política, configurando a condição histórica para que fossem agentes do seu destino nas transformações em processo.

A ideia de “vadiagem”, a “malandragem” e o “crime profissional” assumem, no “meio negro”, o caráter de desajustamentos fomentados pelas condições anômicas de existência, o que também contribuiu para perpetuar e intensificar a desorganização imperante no comportamento dos indivíduos e no funcionamento das instituições. Obstáculo fatal a absorção do negro e do mulato ao mundo econômico, social e cultural da cidade.

Florestan (1977) aponta também a influência destrutiva que a anomia social, o sexo desregrado (numa situação em que o casamento não constitui valor social) e a falta da família integrada e equilibrada tiveram para a vida do “negro” e do “mulato” nas cidades. Onde o grupo doméstico alcançou um mínimo de integração e de estabilidade, a absorção dos mecanismos de socialização da sociedade inclusiva tornou-se mais intensa e eficaz.

Na cidade, a não experiência com a família integrada, em conformidade com o estilo de vida e os modelos organizatórios consagrados culturalmente, se mostrou uma limitação catastrófica. Numa sociedade de classes em formação, a família vinha a ser o principal ponto de apoio grupal com que contavam os indivíduos (nesse ponto os imigrantes possuem vantagem).

A “irresponsabilidade” não nascia de uma propensão natural e irreprimível para a “leviandade sexual”. Provinha, claramente, da inexistência de padrões de comportamento e de mecanismos sociais de controle que assegurasse a difusão e a observância, no “meio negro”, de certos valores universais da sociedade inclusiva. A normalidade (como o alcance de uma vida familiar regrada o suficiente para permitir aos filhos frequentarem a escola) era conquistada sob o preço de um isolamento anormal.

A situação de classe só encontra vigência quando determinada categoria social conquista os requisitos econômicos, sociais e culturais de uma classe. O negro vivia numa sociedade de classes sem participar do regime de classes. Vivia numa condição de subordinação como se ainda fosse despido da condição civil de “pessoa”. A sociedade de classes foi abertamente solapada e pervertida (virtudes da sociedade de classe?) por distinções sociais fundadas em privilégios raciais incompatíveis com a estrutura e a dinâmica da “sociedade democrática”.

A imagem do “bom negro” associa-se a expectativas bem definidas de submissão, lealdade e conformismo diante da situação de interesses da “raça dominante”. Quanto mais o negro e o mulato se identifiquem com os ideais da personalidade democrática, concatenados em torno da figura do cidadão e dos direitos fundamentais da pessoa, tanto mais eles são incompreendidos, avaliados, depreciados numa concepção etnocêntrica.

A ascensão do “negro” só seria aceita, tolerada e proclamada com simpatia quando nascesse da iniciativa do “branco” e envolvesse compromissos tácitos de lealdade total para com a pessoa ou os interesses deste.

Como as atitudes e as disposições dos “brancos” se mantinham constantes, eles pensavam que eram os “pretos” que se transformavam _ e se transformavam para pior, adquirindo vícios insanáveis e deletérios no regime de liberdade e de irresponsabilidade. Repontam assim as primeiras convicções de que o problema negro estava surgindo “por obra e graça do próprio negro”. No afã de tronar-se igual e superior ao “branco”, o “negro” estaria engendrando prevenções que não existiam antes e forjando um preconceito invertido, dele contra o “branco”. Anseios igualitários dos “pretos” eram interpretados por “brancos” como se contivessem os germes de uma animosidade racial. Por também considerar o branco superior, o “negro” tem a ambição de reproduzir as palavras, os gestos, as ações e os modelos de organização da personalidade do “branco”. O “negro” criou o afã de superar as causas e os efeitos do preconceito de cor pela anulação progressiva da distância social existe entre as duas “raças”.

O paralelismo entre cor e estrutura social fica claro com a atualização de estereótipos e clichês terríveis que exageravam o que havia de negativo, ou odioso nas representações e avaliações sociais. (241) Por um lado, encontramos uma larga aderência às normas democráticas, e por outro, um alto grau de estereotipagem, uma grande segregação no nível da intimidade pessoal, e uma endogamia praticamente absoluta. Esta ambivalência estabelece um verdadeiro “dilema brasileiro” que o mito da democracia racial.

Ao pensarmos o conceito de “democracia racial”, no Laboratório de Ciências Humanas (LACH), os referenciais teóricos são Darcy Ribeiro (1995) e Florestan Fernandes (1977) para a desconstrução da concepção de “belo” que veio de um romantismo da cultura brasileira “híbrida” construído por um pensamento de Gilberto Freire, com forte influência da cultura americana. A ideia de “miscigenação” criticada por Darcy levou uma possível subordinação do povo a cultura dominante. Como mito se vinculava aos interesses sociais dos círculos dirigentes da “raça dominante”, nada tendo que ver com os interesses simétricos do negro e do mulato. O mito da democracia racial auxiliou as velhas elites a manter quase intacto o arcabouço em que se assentava a dominação tradicionalista e patrimonialista, base social da autonomia da raça branca e da heteronomia da “raça negra”.

A aceitação e a disseminação do mito da “democracia racial” não nasceram de avaliações e opções plenamente conscientes e desejadas da classe negra. Elas se deram como fruto da acomodação mecânica e da especialização de interesses indicadas pela cultura dominante. Antes, como consequência de um vulnerável estado de indiferença geral, que por causa de sentimentos vivos, atuantes e insuperáveis, cria-se uma falsa relação cordialidade entre as classes. Pois, interpretando Darcy Ribeiro:

[é possível que o preconceito de cor encontre na sociedade de classes condições estruturais favoráveis à sua perpetuação”. É provável que se desenvolvam na população negra e mestiça, preconceitos de classe, aplicáveis nas relações dos indivíduos de cor entre si. Os estereótipos recalcados agem nas fronteiras indecisas do inconsciente, menos por construções sociais, um ritual institucionalizado, do que por repulsões instintivas, tabus pessoais. (RIBEIRO, 1995)

O estereótipo de cor é um preconceito de classe. A cor não se confunde completamente com a classe, dentro da própria classe desempenha um papel discriminador. A cor desempenha um papel, evidentemente, mas o papel de um símbolo, e o critério bem visível, que situa um indivíduo num certo degrau da escala social; e as

exceções são ainda demasiado raras para a força desse símbolo. A intolerância diante do “preto” não visava os indivíduos por pertencerem a uma determinada “raça”. Mas, atingiam-nos à medida em que eles se mostrassem inconformados e rebeldes, em face daquela rígida associação entre “condição racial” e “condição social”. Nesse caso, as marcas raciais acabavam operando como pontos de referência, que identificavam uma parcela da população que devia ser mantida numa situação social “inferior”. Um racismo classista que é reconstruído e ressignificado pela cultura e educação.

2.3-|A escuta ativa e o Observatório de Direitos Humanos (Marielle Franco)

O Observatório de Direitos Humanos Marielle Franco⁷² surgiu num processo de escuta ativa das estudantes da escola numa tentativa de unir teoria e a práxis. Diante de um cenário de possíveis narrativas de reprodução social e de indícios de violações aos Direitos Humanos no espaço acadêmico e escolar, as estudantes tiveram a ideia de criarem um espaço de escuta ativa e de cadastro das situações que elas estavam vivenciando ou que elas viam acontecer para descobrirmos se os casos eram recorrentes.⁷³

Paralelo esta iniciativa das estudantes, a vice-diretora do período vespertino havia encaminhado como sugestão um formulário organizado pelo ONU como um espaço de escuta ativa referente aos possíveis conflitos existentes nas escolas. Diante desta demanda percebe-se que a escola teria que ter um espaço autônomo e organizado pelas estudantes para a escuta dos impasses. Nesse sentido, construímos um formulário que fosse como mais um espaço de escuta para que a escola pudesse ter acesso aos possíveis conflitos que não chegam ao institucional. O observatório se tornou um canal importante de escuta e com a chegada da Comissão grevista de Direitos Humanos colocada em resolução pelo CONVIVA⁷⁴ pós a situação ocorrida em Suzano se tornou um canal de observação para se ter um olhar para os direitos humanos e de escuta para as narrativas, sistematização dos casos ocorridos e que precisam de resolução para o desenvolvimento melhor de uma cultura de paz.

⁷² <https://www.youtube.com/watch?v=IKSWfgZLKMA> vídeo sobre quem foi Marielle Franco, a vereadora foi Assassinada 14.03.2018

⁷³ O link para registro das narrativas é: <https://forms.gle/PMeMYFQ28dH2oeuL6>

⁷⁴ A princípio o conviva era um programa municipal que unia algumas fundações que atuam na área de educação para melhor convivência e segurança escolar. Com o problema dos ataques às escolas, pós o caso de Suzano, zona norte, o governo de SP ampliou o programa em nível estadual. Site: <https://efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/#:~:text=O%20Programa%20de%20Melhoria%20da,busca%20da%20melhoria%20da%20aprendizagem.>

Os direitos humanos nas representações iconográficas e no observatório mostra o autorretrato coletivo, o registro da observação revela também amizade e uma narrativa que contrapõe a retirada de direitos, a criminalização das vítimas e a comunicação violenta autoritária. Quando o autor Mafra traz a ideia de um hibridismo conceitual em Paulo Freire, vai explorar a metáfora do “menino conectivo”, essa expressão trouxe uma reflexão do que seria conectividade freiriana através de Antônio Joaquim Severino, que relata a prática-ético-política-pedagógica a partir da *sui generis* focada num contexto específico que, segundo o autor, elevava a metodologia freiriana a um status de universalidade, ou seja, Freire criou uma filosofia da educação muito profunda, fundada na antropologia e numa prática pedagógica. Mafra (2007) traz a seguinte reflexão:

“Exatamente como lastreou essa antropologia na realidade histórica da sociedade brasileira, ela ganha, simultaneamente um alcance universal. Destacando o valor do educador, as questões relativas à teoria do conhecimento e práxis política-pedagógicas nas experiências educacionais do legado freiriano. (2007, pg 27)⁷⁵

Neste sentido, o observatório dos direitos humanos⁷⁶ surge numa dinâmica de respeito a autonomia e lugar de fala dos estudantes, além das individualidades, também é a territorialidade da metrópole⁷⁷. A cidade traz essa experiência de viver um imaginário de São Paulo e a periferia favorece uma linguagem própria e interpretativa dos espaços territoriais e sociais que os estudantes circulam no cotidiano propiciando um olhar que não se fecha no espaço da escola. Num sentido simbólico, no exercício de apropriação, recriação e tradução de saberes de distintas fontes, tanto da esfera acadêmica, quanto de outras instâncias do mundo da vida. Freire fez o que muito pensadores fizeram na história, e nas histórias dos conhecimentos, a antropofagia dos saberes⁷⁸. (MAFRA, 2007, pg 137)

Num contexto e processo pedagógico dialógico da antropologia da educação destaca-se a Antropologia visual como uma experiência que ocorre a partir das aulas de sociologia no Laboratório de Ciências Humanas da escola pública da periferia da capital paulista. O método freiriano é uma posição epistemológica e antropológica de duplo

⁷⁵ Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo de Jason Ferreira Mafra: “A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire” - SP. 2007. [tconectividadepaulofreire- JasonFerreira Mafra.pdf](https://www.researchgate.net/publication/276260463)

⁷⁶ Marielle Franco foi uma vereadora eleita com 46.502 votos para o mandato de 2017 a 2020 no Rio de Janeiro e foi assassinada no dia 14.03.2018 quando voltava para casa após uma reunião de Direitos Humanos com um coletivo de mulheres. <https://www.youtube.com/watch?v=IKSWfgZLKMA>

⁷⁷ <https://www.researchgate.net/publication/276260463>

⁷⁸ Mafra está se referindo à Habermas- Os fundamentos do Estado democrático de Direito, 1994

movimento⁷⁹: a) das formas e conteúdos pelos quais o conhecimento se organiza, ou seja, segundo Mafra (2007) a construção deste conhecimento; b) dos processos de apreensão deste conhecimento, isto é, sua reconstrução.

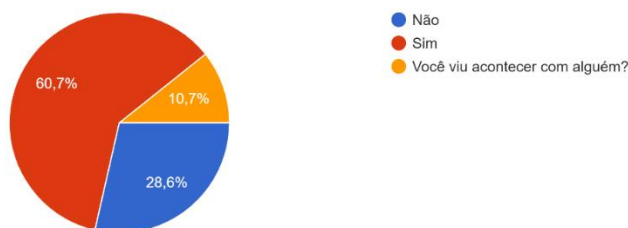
O trabalho interdisciplinar e transdisciplinar permitiu o desenvolvimento dos olhares em uma conduta antropológica educacional, onde precisamos olhar para as africanidades, etnicidades, educação e sua metodologia de ensino. A cultura periférica que se reproduz no espaço escolar, aprofunda questões cotidianas relativas ao mundo do trabalho que os jovens enfrentam trazendo narrativas estudantis ampliando as relações sociais e os temas geradores em direitos humanos e que impactam em suas vidas cotidianas.

Os dados no Observatório de Direitos Humanos Marielle Franco mostram que nesta escola os conflitos principais estão em torno das questões de gênero (31,8%) e transfobia e LGBTfobia (27,2%). São citados possíveis indícios de cancelamentos e intolerância religiosa (4,8%), narrativas racistas (13%) e (9%) referem-se à Bullying e outras questões. Há uma dificuldade dos estudantes em criar uma cultura de falar sobre os problemas que enfrentam. O medo de falar sobre os problemas ainda é um obstáculo forte para a não resolução dos impasses. Há nos professores um medo em ouvir o que os estudantes pensam e numa escola integral esse diálogo se faz necessário, mas há poucos espaços para o diálogo entre as instituições de poderes na escola, ainda não houve a construção das práticas de assembleias coletivas, onde os 3 seguimentos se ouçam, isso talvez seja muito utópico para este espaço escolar. Mas, deve-se reconhecer os avanços conquistados pela equipe gestora com os conselhos participativos. Houve um avanço na escuta ativa, os desafios de relacionar teoria e prática faz parte da prática educativa.

Um avanço nos dados estatísticos é o fato das pessoas quererem se identificar, 68,2% identificam-se na hora de construir a narrativa, tendo em vista que há a possibilidade de manterem a sua identidade pessoal em sigilo e fazerem uma observação anônima sobre o ocorrido. É muito importante o fato daqueles que expressam sua indignação ao observarem algo nas relações cotidianas que expressam situações desconfortáveis quererem se identificar.

⁷⁹ Considerando esse movimento dinâmico e dialético, sendo revisto por análise de autoavaliação da práxis constantemente e intervenção ativa no espaço público.

Deseja se identificar?
28 respostas



Os dados do observatório de Direitos Humanos representam narrativas que não chegaram na gestão da instituição escolar ou narrativas que chegam em todos os espaços de escuta. Cabe ressaltar que o Observatório é mais um instrumento e canal de diálogo e escuta na escola. No que se refere às questões de direitos humanos, os estudantes sabem que o primeiro canal de comunicação é falar diretamente com a gestão escolar democrática. O segundo canal de comunicação são os representantes do conviva, do qual há um professor responsável por esta interlocução e os próprios estudantes que possuem em cada sala de aula um representante da Comissão Gremista de Direitos Humanos. Na sequência existe o grêmio eleito por eles, os líderes de salas que representam a “voz” da sala, os professores tutores e o Observatório de Direitos Humanos – Marielle Franco que é um projeto vinculado ao Laboratório de Ciências Humanas da escola. Vários estudantes narram que os professores de humanas são abertos ao diálogo sem um pré julgamento moral, ou seja, (sem julgá-los) por isso, justificam uma procura diretamente aos professores de humanas que encaminham para os canais de escuta e diálogo. Nesse caso, além dos professores tutores, os professores de humanas também são um canal importante principalmente para os estudantes que por algum motivo não querem se expor para a instituição escolar.

Numa experiência anterior a da escola, no trabalho com Direitos Humanos como secretária nacional da Pastoral Carcerária houve o aprendizado que a questão dos Direitos Humanos precisa ser fortalecida na sociedade brasileira. Pois, em qualquer espaço institucional representa que são problemas históricos e estruturais. Este trabalho atual buscou compreender um pouco do universo simbólico de quem vive no cotidiano escolar. Pois, a experiência e escuta de vários intelectuais e autoridades do direito, no trabalho com Direitos Humanos é uma experiência de enfrentamento de problemas estruturais que se reproduzem nas instituições públicas e privadas. Entende-se que:

[Precisa ser enfrentado com políticas mais fortes, eficientes e com avaliação. Questão de enfrentamento não é apenas monitoramento das violações como tem sido feito até agora. Falta consenso sobre o valor da proteção dos Direitos humanos. É preciso ter um caráter de emergência para que questões históricas sejam superadas]⁸⁰. (MESQUITA, 2005).

Para os militantes de direitos humanos é fundamental que se reflita qual a democracia queremos conquistar neste país e nas instituições públicas?⁸¹ Os instrumentos de enfrentamento dos problemas e indícios de não respeito aos direitos humanos precisam ser efetivamente cumpridos em qualquer espaço e instituição pública ou privada. Tem como objetivo evitar os constrangimentos causados pelas autoridades públicas e coibir o abuso de autoridade ou arbitrariedades possíveis da instituição estatal.

Os Estados e as instituições não devem deixar os espaços vazios, devem ocupar os espaços com estabilidade, bem como, num contexto de segurança pública cidadã, a sociedade deve ocupar os espaços públicos para que as organizações criminosas não se multipliquem dentro das instituições públicas. Que as repartições públicas sejam entendidas como do povo e não dos governos. Em Latim o PÚBLICO tem o sentido daquilo que pertence ao povo romano. Portanto, como na época eles nem sabiam o que era ESTADO, público não tinha um sentido estatal. Mas, essa noção de coisas que pertencem ao povo nunca existiu no Brasil⁸².

Para o Professor Fábio Konder, a democracia no Brasil sempre foi um lamentável mal entendido, a república foi um lamentável mal entendido. A república como um regime político onde o bem comum do povo está sempre acima dos interesses particulares, não só da chamada sociedade civil, também da burocracia do Estado.⁸³ Ele traz a reflexão histórica da área de humanas das famílias oligárquicas que eram os grandes cafeicultores e só lhes interessava o imposto ao Estado de exportação. Mas, a questão fundamental foi essa minoria na assembleia geral do império que temiam o fim da escravidão.

⁸⁰ Paulo Mesquita no lançamento do relatório de Direitos Humanos- NEV-USP- Terceiro Relatório Nacional de Direitos Humanos de 2002 a 2005 da USP

⁸¹ No trabalho como secretária nacional da pastoral Carcerária e com povo da rua em SP entre 2001 e 2008, antes de atuar com professora de sociologia na educação básica. A experiência mostrou como é importante apoiar e incentivar coletivos autônomos, observatórios de direitos humanos e de responsabilidade estatal quanto as ouvidorias autônomas e independentes com atribuição de fiscalização e investigação, e propor sua criação naqueles estados ou instituições públicas onde o órgão não existe.

⁸² SP- 17/10/2008- Entrevista na TV CULTURA –Programa do Abujamra com o Professor Fábio Konder Comparato- Faculdade de Direito da USP

⁸³ Diz o professor Fabio Konder que “estamos cansados de saber que os interesses financeiros passam a frente do bem comum do povo”. A república no Brasil onde Marechal Deodoro estava convencido em tirar o 1º ministro, só depois, o conjunto positivista do exército convenceu ele que era preciso tirar a monarquia. O que estava por trás disso tudo eram os cafeicultores do RJ, SP e MG.

A escravidão se concentrou nos grandes centros produtores de café e eles sentiam que se a escravidão fosse decidida na assembleia geral do império eles perderiam, então era preciso fazer o contrário da federação – Federação significa união. No Brasil federação é deslocamento de competências. Nesse sentido, essa oligarquia que assumiu o poder de Estado entende que a propriedade privada no Brasil é sagrada porque pertence aos deuses que são os seus possuidores. A nossa justiça eleitoral não tem regras igualitárias nas campanhas e nenhum partido político assumiu como prioridade o povo. Na comunicação de massa há uma certa privatização dos interesses das famílias que comandam o poder político.

Nas reflexões sobre Direitos Humanos⁸⁴ apesar de tantos problemas existentes no país, há uma melhoria ética fundamental. Até o séc. XIX, vários países mantinham a escravidão, hoje a escravidão é considerada crime contra a humanidade no Estatuto Criminal Federal. No caso do Brasil, a escravidão aumentou nos anos de 2007 e 2008, mas sempre vergonhosa. Os políticos que possuem grandes domínios rurais não têm coragem de reconhecer que estão explorando o trabalho escravo. No contexto atual, pós as eleições de 2022 várias denúncias de trabalho escravo vieram à tona e mais de 200 deputados eleitos relutando para punir os fazendeiros que utilizam esta prática no país.

A mídia, as igrejas, a sociedade se escandalizam num primeiro momento com as denúncias que ferem os Direitos Humanos, mas na sequência se silenciam. Qual mensagem educacional o Estado brasileiro oferece a juventude brasileira referente aos Direitos Humanos se não punir tais atrocidades. Como diz o professor Fábio Konder, ninguém pode servir a deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Para ele, ninguém pode servir ao povo e ao dinheiro⁸⁵. Embora haja uma cultura enraizada da impunidade ressaltada por intelectuais⁸⁶ percebe-se que as denúncias foram melhores fundamentadas nos últimos anos, tanto por parte dos militantes dos Direitos Humanos quanto por parte das vítimas. Também, há uma intenção do público e dos órgãos competentes em resolver os casos e evitar que tais práticas continuem.

⁸⁴ Afirmação Histórica dos Direitos Humanos, Prof. Dr. Fábio Konder Comparato Ed. 12, 2019

⁸⁵ SP- 17/10/2008- Entrevista na TV CULTURA –Programa do Abujamra com o Professor Fábio Konder Comparato- Faculdade de Direito da USP

⁸⁶ Foi especificado na introdução deste trabalho que para o Professor Fabio Konder Comparato há 3 fomas da identidade cultural do Brasil: 1- A escravidão; 2- O latifúndio; 3- Privatização do Espaço PÚBLICO, as coisas não mudaram e tiveram pequenas transformações na realidade brasileira, o governador de hoje- embora seja proprietário de terras, ainda é o Senhor de engenho, o delegado é ainda o feitor e os policiais são os jagunços. Ele diz: “É preciso fazer reformas profundas, os novos partidos políticos não poderiam ser tomadores do poder, teriam que ser auxiliares do povo.” (COMPARATO,F.K.)

Houve em vários Estados e instituições públicas, a preocupação em denunciar os agressores e cobrar do Ministério Público a punição dos mesmos. Apesar de todas as dificuldades e perseguições aos ativistas e as vítimas que denunciavam, eis um ponto importante para o trabalho com os direitos humanos que valoriza a luta dos militantes e dos ativistas. Os mecanismos de diálogos e de denúncias faz com que a sociedade olhe para os métodos ainda utilizados no Brasil num contexto de consolidação democrática. É o momento histórico da sociedade olhar-se e efetivar as reformas profundas auxiliando o povo na superação desta cultura enraizada da violência. Violência se combate com civilização e não com violência. Dentro das regras do Estado democrático de direito⁸⁷ em todas as instituições públicas e privadas, a luz da constituição de 1988.

Outro fator importante referente ao Observatório de Direitos Humanos Marielle Franco da escola pública são as recomendações que os estudantes sugerem para a escola. Tais recomendações são discutidas e traz uma narrativa sobre a importância do espaço favorecer o bem estar de todos. As recomendações respondem as questões que refletem como a situação poderia ser abordada diferentemente e o que a escola pode fazer para que tal situação não se repita? Neste caso, os estudantes participam ativamente das possíveis mudanças para que a instituição escolar seja representada pelo corpo discente numa conduta de fortalecimento da cidadania. Foram feitas para a escola seguindo o padrão de relatório de Direitos Humanos as “recomendações para uma melhor educação e escola que queremos”. Na dinâmica da Comissão Gremista de Direitos Humanos, a escola recebe as recomendações e depois irá ouvir pessoalmente os estudantes e dar uma devolutiva sobre os passos possíveis para que as recomendações sejam acolhidas. No próximo capítulo pretende-se dialogar com a Antropologia Visual e o processo de prática da produção das imagens iconográficas e etnográficas na escola. E, onde aparecem as narrativas dos Direitos Humanos. Como a juventude constrói esta narrativa e o que trazem de fortalecimento do discurso do respeito aos Direitos Humanos.

⁸⁷ Paulo Vanucci no lançamento do terceiro relatório de Direitos Humanos- NEV-USP

CAPÍTULO III | A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO PRÁTICO NA ESCOLA E OS DIÁLOGOS COM A ANTROPOLOGIA VISUAL

“Ouvir com atenção a quem nos procura, não importa seu nível intelectual, é dever humano” (Paulo Freire)

A experiência ao lecionar com as escolas públicas começa em 2005 junto a diretoria de ensino sul 1 e depois o remanejamento para a diretoria de ensino sul 3. Antes de se efetivar como professora de sociologia PEBII⁸⁸ em 2014 houve a experiência como OFA⁸⁹ em várias escolas ao mesmo tempo, incluindo a efetivação nesta escola. O princípio metodológico e motivação primeira neste projeto é descrever a partir de uma relação entre a prática educacional ativista e humanista, contrapondo e complementando as teorias sobre ensino-aprendizagem. Nesse sentido, é importante compreender a possibilidade de um trabalho de campo a partir da prática ativista constante, visto com os olhos de quem defende um projeto alternativo popular de educação. Este trabalho revela a importância da prática política interligada à prática de pesquisa participante individual. Vale ressaltar que as teorias são frutos de práticas sociais e são instrumentos de novas práticas. Neste trabalho de campo, o exercício da observação é constante, onde é descrita a experiência de quem acompanha e participa de uma instituição educacional, as imagens produzidas pelos estudantes podem falar por si só. É possível identificarmos quais os elementos significativos que revelam o cotidiano objetivo e subjetivo de uma realidade que conseguiram expressar a voz dos sujeitos sociais (estudantes e professores) que vivem a realidade periférica e as demandas da educação pública hoje.

Torna-se importante problematizar as questões de Direitos Humanos nas entrelinhas das experiências e situações que muitas vezes não chegam nas narrativas ou não chegam nos signos das imagens e somente nas narrativas. Com o auxílio da história oral “registrando os fatos na voz e nos relatos dos próprios protagonistas” é possível recorrer a esta metodologia para a produção do conhecimento. “A história oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si no registro de narrativas da experiência humana”. Relatos que são cheios de significados e sentidos, são histórias de grande valor documental, testemunhal e oral para a antropologia, as histórias das imagens.

⁸⁸ Professor de educação básica II – Ensino Fundamental e Médio.

⁸⁹ Professores que iniciavam na rede sem concurso público, hoje são o que denominamos os contratos ó.

As questões que nortearam essa discussão foram possíveis dialogar democraticamente sobre os temas geradores em Direitos Humanos refletindo qual democracia queremos neste país, a partir de uma descrição e análise sociológica imagética dos fatos, analisar suas representações coletivas é ir além dos objetivos desse trabalho. No entanto, há o desejo de se entender até que ponto o cientista social pode utilizar o recurso da história oral no trabalho de campo? Onde e como eles se localizam numa pesquisa? E quais as mensagens objetivas e subjetivas que esses depoimentos e documentos imagéticos podem oferecer como recurso de pesquisa e interpretação em Antropologia Visual, Sociologia e História. Para o pesquisador Parés (1997), a produção de documentários etnográficos ou de monografias que articulam textos, depoimentos e imagens fotográficas foram, até recentemente, as principais atividades associadas à Antropologia Visual e Social. O autor credita a Antropologia o dever de estender-se ao estudo dos sistemas representacionais da cultura visível, ou seja, ao estudo de meios de expressão de uma sociedade humana, comunicando os seus sentidos através de meios de expressão seja oral ou visual.

O que é mais importante para a Antropologia é apreender os sentidos e significações, entender como os atores interpretam e problematizam as suas práticas e seus valores, desvendar, usando as palavras do autor, a sua complexidade conceitual. Sendo para ele, a função do antropólogo ser essencialmente interpretativa, entendendo a interpretação como um intermédio entre compreensão e explicação. O antropólogo participa de um processo representacional e comunicativo:

Qualquer registro documental traz implícito um certo grau de interpretação do fato representado, pois ele é um recorte subjetivo desta realidade, um ponto de vista sobre a realidade... um caminho, uma janela aberta para ouvir a realidade invisível que se oculta por trás da aparência sensível” (Parés, 1997).

O interlocutor ao dialogar com este trabalho tem um olhar diferenciado, mundos, representações e sentidos diferentes, porém podem interagir com imagens ou os depoimentos transcritos, tendo em vista que a “História Oral” é um depoimento temático e não uma história de vida. Na história de vida é feita a reconstituição do passado. Esse relato que não é conduzido pelo pesquisador pode abranger a existência do informante. Com a História Oral, a temática a entrevista tem característica de depoimento. Embora seja possível decodificar nessas imagens icnográficas ou narrativas estudantis que a vida não está dissociada da luta cotidiana e tão pouco neste tema dos Direitos Humanos o valor testemunhal é de valor inestimável.

Dentro desta proposta metodológica houve uma ampla organização da documentação que preservasse a memória histórica. Os objetivos desta pesquisa, bem como os critérios utilizados foram mencionados na introdução deste trabalho monográfico. Cabe ressaltar que os procedimentos utilizados começam a serem elaborados a partir da sistematização e organização dos documentos que faziam parte da produção acadêmica dos estudantes. A opção metodológica da pesquisa participante utiliza as imagens como recursos de memória e como meio do registro histórico do presente em construção, recorta os fatos narrados e descreve os comentários para o trabalho de enfrentamento de tais práticas observadas pelos estudantes. Foi então, que durante o desenvolvimento do trabalho de campo pretendia-se recuperar a memória da escola, sobretudo, os relatos que contavam a história dentro de um contexto de indignação e impotência. Por isso, este trabalho propunha-se a destacar a importância da reprodução/reconstrução dos caminhos vividos por aqueles que vivem o cotidiano e passam muito tempo de suas vidas em instituições de escolares, bem como observar um pouco se estas histórias e memórias aparecem na produção icnográfica.

Há o trabalho com os estudantes sobre o papel da mídia e as comunicações, a mídia sensacionalista explora as imagens quando são casos de polícia. A mídia também condena quando não dá voz ao indivíduo, o discurso de quem está submetido raramente aparece, quando aparece já está direcionado. Para o sociólogo Marco Antônio Natalino:

Sendo as notícias policiais relatos sobre eventos em que o conflito se desenvolve entre atores sem a mesma legitimidade social, há uma distinção entre os personagens dotados de legitimidade para falar, as “vozes autorizadas”. (NATALINO, 2007)

E há aqueles deslegitimados, rotulados, reduzidos a objeto do discurso. Esse falar autorizado sobre a criminalidade violenta é privilégio dos jornalistas, identificados com o ethos ; dos especialistas identificados como logos ; e das vítimas e familiares, as vozes do pathos .” O autor decodifica estes três atores sociais para falar a partir de uma retórica jornalística que opera um discurso positivista “baseado na defesa da lei, da ordem, da punição aos criminosos, contra a impunidade e a corrupção dos agentes de repressão ao crime.” Haja vista, na democracia mesmo um indivíduo submetido teria direito à voz. Não existe para a sociedade o indivíduo que está preso à possibilidade de se rever se ele é ou não um bandido, tão pouco a chamá-los pelos nomes, eles são “os safados”, “os salafrários”, “os vagabundos”. Para o autor, “o vilão” é uma voz ausente, uma voz não autorizada que é construída na fala dos outros.

A mídia que reproduz o senso comum tem uma notícia que pode ser dada por jornais diferentes e podem representar um olhar monista, ou seja, com a mesma forma de pensar e desta forma consolidando uma cultura da insegurança e da violência, a informação se torna cada vez mais fragmentada. Usando as reflexões de Marco Antônio “o ofício do jornalismo (empresa capitalista e empresa moral) é parte autônoma e integrada da sociedade ... O uso seletivo dessas vozes é que permite ao telejornalismo de referência reivindicar para suas notícias representatividade ao retratar a violência, assim como reivindicar para si legitimidade para falar sobre violência”. Interpretando Bourdieu sobre o ramo jornalístico Marco Antônio (2007) visa compreender as notícias policiais dentro de uma “estrutura possível”, uma possibilidade de cristalização das relações sociais em que esse processo se concretiza, o autor assume “a existência de uma indissociabilidade entre uma teoria do jornalismo e a sua produção e a investigação empírica do contexto em que se produzem as notícias”. Neste sentido, vale ressaltar que para Bourdieu o mundo do jornalismo tem leis próprias. Podemos dizer que estamos lendo e relendo as mesmas coisas, como num canal de televisão onde há uma massificação cultural da produção jornalística sobre a insegurança e a violência.

Devido às péssimas abordagens oferecidas pela mídia nas situações de violência e conflito no sistema prisional, surge a necessidade de uma produção de documentos alternativos e consistentes sobre esta temática. Desta forma, este trabalho conclusivo visa se configurar a partir de uma representação da realidade oferecida pelos sujeitos do processo, sobretudo, a preocupação de se criar espaços de expressão para aqueles que não têm voz na mídia e neste caso, precisa da construção do espaço de escuta da sociedade, visando a construção do conhecimento coletivo e dinâmico.

É importante construir trabalhos acadêmicos não dissociados do contexto que simbolize uma luta coletiva, onde os indivíduos possuem um sentido enquanto grupo excluído socialmente. Cabe aqui uma reflexão, é possível construir conhecimentos coletivos, de cunho acadêmico, fontes históricas, documentos que exercem também a função de denunciar não obedecendo a uma lógica generalizada culturalmente seguindo as regras globalizadas do Estado e do mercado? Para o antropólogo que defende a noção e interpretação de cultura a partir das questões simbólicas como Marshall Sahlins (2003), há a defesa de que “os homens produzem a partir de uma cultura simbólica, sendo esta estrutura também simbólica e anterior a material”. Sahlins (2003) ao estudar a tese de doutorado de Frans Boas diz que Boas torna-se significativo ao ir da física à etnologia e

ao ir para o continente de gelo na Antártida e estudar os Inuit's⁹⁰. Ele usa um conceito físico para dizer aos seres humanos que havia várias possibilidades de se olhar sobre um determinado objeto. Para Sahlins(2003), Boas passa de materialista monista a descoberta significativa de que: “o olho que vê é o órgão da tradição... Para o Homem o orgânico não procede do inorgânico e o subjetivo não procede do objetivo”. A mente do mundo ou a cultura não procede da natureza. Sahlins (2003) coloca que os primeiros passos não foram dados pela ciência humana, mas pela física. Ressalta que Boas avalia as 200 possibilidades da cor da água do mar deixando em aberto as intensidades relativas de luzes que diferem levemente em outras cores, dando outras possibilidades além das 200. Ou seja, ele aprendeu com os Inuit's distinguir 200 tonalidades da cor do branco, mas descobriu que as variações de luzes podem trazer outras tonalidades das cores de branco além do que o seu olho é capaz de ver.

Ao levar essa experiência para o ramo linguístico, Sahlins (2003) comenta que Boas descobriu que os sons considerados idênticos por um orador de uma língua poderiam ser ouvidos como algo completamente diferentes por pessoas que falavam a mesma língua. “A variação quantitativa no objeto não evoca uma variação correspondente no sujeito”. Boas creditava a capacidade linguística à articulação das experiências pessoais dos sujeitos. Sahlins (2003) representa uma linha antropológica que critica a ideia de que as culturas sejam formuladas a partir de práticas ou interesses utilitários. Sahlins (2003) defende uma razão simbólica ou significativa do conceito de cultura, deste modo realça a estrutura simbólica no âmbito da utilidade material, trata-se de uma questão fundamental para o pensamento moderno na antropologia e na sociologia: o debate entre o prático e o simbólico, ele afirma que o significado é a propriedade específica do objeto antropológico. Por sua vez, as culturas são ordens de significados de pessoas e coisas. Quando aquele que é submetido pelo processo de globalização cultural consegue criar outros caminhos de ressignificação da cultura ele mantém a sua estratificação.

A antropóloga Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (2004) da antropologia jurídica ao analisar o ritual lúdico do tribunal do júri e os impasses dos conflitos das relações sociais explícitas e das relações de poderes simbólicos, defende que a etnografia é um meio de olhar o outro e conviver com as diferenças. Seria permitir-se e comunicar-se com outro tipo de lógica, “a etnografia é a descoberta dos significados, das representações e das linguagens, é o exercício de colocar em xeque os próprios valores para entender o

⁹⁰ Nação indígena que habita as regiões árticas do Canadá, do Alasca e da Groenlândia.

outro. Entre a observação e o registro da observação tem muitas diferenças, a construção do texto é o retrato fiel da experiência do antropólogo.”

Ir a campo é a experiência prática, reconstruir um tribunal de júri com os estudantes, traz a possibilidade de trabalhar técnicas do teatro e racismo institucional. Retornar do trabalho de campo é a construção do texto teórico, o narrador opta por descrever segundo a sua vontade, o ambiente é o cenário que é descrito, no seu trabalho a antropóloga apresenta esses empasses. “O escrivão escreve o que o juiz disse e interpretou do diálogo com o preso que o advogado disse e interpretou”. O texto da audiência é um reflexo da forma de pensar do encarcerado que foi reproduzida pela forma de pensar do seu advogado que foi repassado pela forma de pensar deste advogado para a forma de um pensar de um juiz e que foi sintetizado por via da escrita dos meios legais, linguagem burocrática que o direito se dava no direito de dizer que conhecia o indivíduo (o réu) e a partir deste direito exerce o direito de encarcerar e condenar o réu.”

Podemos dizer num prisma antropológico que há 3 ressignificações de linguagens em cima do depoimento do réu e que o juiz irá julgar este depoimento com os olhos da tradição parafraseando Franz Boas (1930), sobretudo, do ponto de vista da cultura os seres humanos são muito diferentes, a subjetividade dos indivíduos mesmo vivendo em sociedade são peculiares e um depoimento capta a subjetividade do sujeito e não ele como um todo. Na área do direito há muitas limitações para a pesquisa por ser um segmento mais positivista do que a sociologia. Mas, é um espaço importante para diálogo interdisciplinar. Há uma separação entre teoria e prática. As relações simbólicas de poder são explícitas, quando o assessor do juiz que leva o copo de água para a audiência, leva um copo de cristal para o juiz, um copo inferior para o promotor, inferior a este para o advogado, copos normatizados para os jurados e o réu não recebe um copo de água. Parte-se da ideia que ele não exercerá do uso da fala e tão pouco precisa tomar água. Neste sentido, não há imparcialidade numa audiência do júri. Para a antropóloga Ana Lúcia, os excessos desta representação jurídica são para condenar o réu, um sistema que já condena a priori não passando por um processo de investigação efetiva e tão pouco seguindo as regras criadas pelo próprio Estado democrático de direito. “Não dando a possibilidade de defesa para o réu, não se dá a possibilidade de se rever a história do indivíduo”. Ele já está condenado pela sociedade e são vozes que não tem direito de falar.

Pensando nisso, é importante destacar quem é o olho que vê o universo da periferia? Para que a realidade possa ser interpretada e discutida, o universo simbólico do mundo permissível da cultura de punição. Onde a educação pode e quer estruturar

novas de relações sociais, onde a organização, a coparticipação proporciona valores e práticas culturais próprias. Pois, dialogar com esses sujeitos sociais causam um certo estranhamento, pois ainda não foi possível, entender as suas subjetividades e suas representações coletivas, nesse sentido é ir muito além, apesar de desafiante não é objetivo desse trabalho.

Para o antropólogo Geertz (1978) cultura é interpretação, ele diz: “O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico, acreditando como, Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, á procura do significado. (Geertz, 1978,15) . Este método da antropologia compreensiva visa analisar e descrever os significados da cultura a partir da percepção dos indivíduos, o essencial é anotar e interpretar o discurso social do ator social em questão. Para Geertz (1978), é importante descrever o que o observador está vendo, o que a cultura em si produz e está desenvolvendo, o que os supostos significados produzem. Devido à falta de estrutura material, política e social que os atores sociais vivem nas escolas brasileiras, a luta cotidiana para sobrevivência possui um sentido que não temos capacidade de compreendê-lo. Necessitando uma vivência maior da realidade, além, da sobrevivência a pressão social externa exercida pela sociedade e pela repressão. Vale destacar que o ponto de vista deste trabalho não é midiático, essa mídia de coisas dadas; não é institucional; não é da antropologia de gabinete. É sim um ponto de vista legitimado pelas pessoas que ressignificam a sobrevivência. Quem são essas pessoas? Qual o caminho que elas fizeram para estar na escola? Num momento em que muitos estudantes estão desistindo de estudar.

Um projeto político pedagógico leva em consideração quem são os atores sociais e parte de uma intervenção na escola, os sujeitos sociais que vão dizer ao interlocutor quais os caminhos de saídas para a situação problemas. As possíveis saídas para as questões que envolvem os dilemas educacionais hoje não saem dos gabinetes do governador ou do sistema de justiça, dos gabinetes políticos ou acadêmicos. As possíveis soluções para os problemas das escolas e da educação pública hoje estão na interlocução da experiência dada pelos sujeitos sociais, somente os atores sociais podem fazer valer as possíveis saídas para os problemas. Eles têm o histórico da vida educacional e comunitária, a trajetória da vida dos que ali estão, bem como, a busca de ressignificar a sobrevivência dentro de uma sociedade cruel para a juventude hoje e muito violenta.

Segue o ponto de vista de quem defende um projeto político pedagógico interagindo com as questões relevantes de quem vive o cotidiano da violência em suas esferas sociais e não tem uma prática de acesso à justiça.

3.1- A Fotografia como instrumento de pesquisa em Ciências Sociais

A fotografia é um recurso fundamental para pesquisa e atuação na formação em Ciências Sociais. Quando os (as) antropólogos (as) se utilizam de recursos visuais precisam desenvolver sua sensibilidade para que o seu objeto tenha liberdade de se expressar, revelar sua linguagem, seus códigos de expressão e sua cultura. Nesse sentido, a utilização dos equipamentos e as preocupações com técnicas fotográficas ou áudio-visuais são importantes para a garantia do material, mas não podem ser colocadas em primeiro plano. Em primeiro plano coloca-se o universo do qual o grupo social está envolvido, seus símbolos, sua linguagem, seus sentidos, sua organização social e, como diz Collier, seus sentimentos e sua cultura. Para o autor:

[a percepção é visual e auditiva, habilidade em corresponder e compreender. Tanto os problemas de caráter humano quanto os teóricos da observação fotográfica, são mais importantes do que um longo manual de técnicas fotográfica] (Collier: 1973;XIX)

Além da preocupação com a utilização do equipamento e com a narração das imagens, neste caso feita pelo antropólogo fotógrafo, há preocupação de como essas imagens serão recebidas pelo grupo. Ainda segundo Collier: “Não podemos supor que todas as pessoas queiram se ver em retratos (...) Precisamos aprender o que elas gostam de ver...” (Collier: 1973;23)

A partir dessa afirmação, surgem algumas indagações. Para a antropologia visual é importante que o antropólogo - fotógrafo esteja mais preocupado com o olhar do outro? Voltemos para uma polêmica levantada pelo fotógrafo documentarista Sebastião Salgado quando diz:

[Na realidade não sou eu que faço a imagem. Eu a recebo da pessoa que está frente a mim. E essa pessoa tem consciência do poder da imagem que está me dando. Há uma interação muito grande entre o fotógrafo e a pessoa que está sendo fotografada. Eu dou oportunidade para ela falar por meio da minha câmara e ela fala para o mundo inteiro (...) percebo como é fabulosa a capacidade da imagem ser compreendida].

Há a intenção no fotógrafo-social acima de se manter o mais neutro possível, como? Para Salgado(2000), é clara a intenção de uma maior interação com o sujeito, podemos dizer que o olhar do outro se manifesta na forma como este recebe as imagens

produzidas, como também, como ele se vê e no que ele vê nessas imagens, sobretudo, reflete a relação dele com o autor dessas imagens. O que elas recordam e quais os sentidos nelas embutidos? Pois para o antropólogo Collier(1973) o ponto central está nos sentimentos internos e nos valores contidos nas informações via imagens.

Seria pertinente aqui se questionar qual o papel do antropólogo -fotógrafo? Na medida que ele está desenvolvendo uma pesquisa, ele(a) direciona o olhar do outro dentro do seu universo simbólico? Constrói uma representação? Salgado se define como um militante da espécie humana, onde a fotografia é o seu vetor principal, colocando-se numa conduta com parâmetros éticos, pois ele não usa uma fotografia em que sinta que o fotografado ao vê-la, não se sentiria digno. No entanto, é importante mencionar que para alguns intelectuais os antropólogos serão poetas e os poetas serão antropólogos, sendo necessário uma conexão entre as atividades dos dois.

Apesar destas questões, para Collier (1973), entender como as pessoas se vêem e recebem essas imagens é o mais importante para o desenvolvimento da pesquisa e podem ser os problemas principais causados no trabalho de campo. Cabe ressaltar aqui que o fotógrafo social e o antropólogo aqui citados possuem métodos de aproximação e utilização dos recursos visuais semelhantes, mas no entanto são personagens distintos, Collier diz que:

[Em algumas culturas, fotos de pessoas que morreram afastam a assistência. Numa cidade do Norte da Índia, as mulheres se escondem para se protegerem dos estranhos. Um marido pode ficar muito aborrecido se você mostrar o retrato da mulher dele à homens estranhos à família. Mesmo em cidades onde as moças podem dançar fora de casa em ocasiões de festa, os mais velhos não gostam que fotos de suas filhas dançando sejam mostradas ao público. As moças não dançam em público]. (Collier: 1973; 23)

Começa-se a partir daí uma discussão sobre o que seria Antropologia Visual? A interpretação da realidade a partir das imagens fornecidas pelos sujeitos que as constroem? A produção e a interpretação de imagens produzidas no decorrer do trabalho de campo, tanto pelo antropólogo quanto pelo grupo? Conforme Collier, fotógrafo que passou quatro anos registrando o papel do petróleo como agente de mudança, a antropologia visual é o significado cultural da imagem fotográfica e áudio-visual:

Em ambos os meios de comunicação (a foto e o filme), permanece sempre o realismo persuasivo que por um lado inibe o estudo de laboratório e por outro oferece a antropologia a sua mais completa visão de cultura. O impressionismo que faz o cientista ser cauteloso nos registros da câmara, também, representa a capacidade que tem os registros do filme e fotografia de abranger a totalidade dos elementos de pesquisa, o que permite ajustar-nos a experiência real, como antropólogos, não percamos de vista instrumentos tão excelentes. (Collier: 1973;206)

Neste caso acima o autor está se referindo à situação em que, no trabalho de campo, o antropólogo consegue fazer com que os indivíduos produzam as suas próprias imagens. Para o estudante pesquisador se torna necessário entender que cada comunidade tem um sistema de vida e o seu sistema de vida é essencial para compreender as suas interpretações das imagens. Segundo o autor: “Uma fotografia quando explicada por um ‘nativo’ (qualquer um que viva no ambiente) torna-se realidade psicológica”. (Collier: 1973,19). Podemos pensar que a observação é rica, partindo da idéia que a imagem fotográfica não objetiva embutir outra realidade no indivíduo e sim representá-lo a partir de sua realidade. Sendo assim, o indivíduo vai se identificar com a imagem e reconhecer-se nela. (SANTOS, 2001)

A imagem fotográfica torna-se uma outra linguagem para fazer interagir dois mundos que são diferentes, o mundo do autor das imagens e o mundo do receptor e, às vezes, construtor das imagens. Podemos entender melhor essa reflexão a partir de outras reflexões de Otávio Paz, quando ele fundamenta que:

A linguagem é significado, sentido disto ou daquilo (129). A imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece, a imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras, sem excluir os significados primários ou secundários. Como pode a imagem encerrando dois ou mais sentidos, ser uma e resistir a tensão de tantas forças contrárias, sem se converter num mero disparate? (...) Mas a imagem não é nem um contra senso e nem sem sentido (130) A imagem do poeta tem sentido em diversos níveis, em primeiro lugar possui autenticidade. Trata-se, pois de uma verdade de ordem psicológica. Em segundo lugar essas imagens constituem uma realidade objetiva, válida por si mesma: são obras....” (Paz:1982;130)

Podemos dizer o mesmo das imagens fotográficas? Poderíamos dizer que as imagens fotográficas para o seu interlocutor possui significados dentro de uma pluralidade de sentidos, constituindo uma realidade objetiva por si mesma. Para o autor: “A pluralidade de sensações e significados se unificam instantaneamente no momento da percepção, e o elemento unificador de todos esses conjuntos de qualidades e de formas é o sentido” (PAZ:1982;131)

Há sentimentos e sentidos diferenciados nas imagens produzidas pelos atores sociais, seja ele um fotógrafo social ou um participante do movimento social, há uma correlação com os sujeitos participantes do processo de documentação e de pesquisa, o fotógrafo social passa ser um interlocutor. As imagens poderiam ser uma linguagem e um instrumento que permite que esses sujeitos falem. Essa relação oferece ainda mais

elementos para investigação, além da integração do fotógrafo com o grupo que se está documentando. Numa relação de confiança, se faz necessário que a câmera passe para a mão do outro, onde o meu olhar que interpreta as pessoas que são vistas nas telas, começa a vivenciar um processo de compreensão, de forma que na imagem não expresse apenas como elas são vistas por outros olhos, mas sobretudo como essas representações se dialogam, como essas pessoas se vêem, se representam, se auto-determinam. As imagens que se produz permite não apenas pensar o outro mas sobretudo refletirmos sobre nós mesmos. Quando a câmera passa para a mão do outro a confiança se legitima, pois, o olhar intruso que está captando as imagens, faz a experiência de se permitir ser fotografado, e sobretudo, a experiência de interagir com o seu interlocutor.

Desta forma se estabelece uma relação de reciprocidade, intimidade e sentidos, possibilitando assim uma nova interpretação na utilização da imagem para expressar uma determinada realidade social.

No entanto, será que as imagens fotográficas poderiam expressar uma realidade objetiva capaz de reproduzir a pluralidade desta realidade e, ao mesmo tempo, provocar no espectador uma percepção e um sentido? Para o antropólogo e fotógrafo Collier, a fotografia é um processo de abstração legítimo, embora seja em si um passo vital para análise. Estas são mais indagações despertadas no decorrer deste trabalho fotográfico que se propôs a entender os sentidos que estas imagens aqui produzidas despertariam nos seus receptores.

Para o pesquisador Parés (1997), a produção de documentários etnográficos, ou de monografias que articulam texto e imagens fotográficas foram, até recentemente, as principais atividades associadas à Antropologia Visual.

Para o autor a Antropologia Visual deveria estender-se ao estudo dos sistemas representacionais da cultura visível, ou seja, ao estudo de meios de expressão de uma sociedade humana, que comunique os seus sentidos através de meios de comunicação visual. O que é mais importante para a Antropologia é apreender os sentidos e significações, entender como os atores interpretam e problematizam as suas práticas e seus valores, desvendar, usando as palavras do autor, a sua complexidade conceitual. Sendo para ele a função do antropólogo ser essencialmente interpretativa., entendendo a interpretação como um intermédio entre compreensão e explicação. O antropólogo participa de um processo representacional e comunicativo. (SANTOS, 2001)

Qualquer registro visual traz implícito um certo grau de interpretação do fato representado, pois ele é um recorte subjetivo desta realidade. Porém do ponto de vista do

espectador uma imagem estática está aberta a múltiplas interpretações e não é capaz por ela mesma de gerar um sentido unívoco, sendo que precisa ser articulada com outras imagens ou com um texto para gerar uma narrativa reflexiva. A virtude da fotografia está na interrupção da duração temporal e na capacidade de análise que deriva daí.

A imagem fotográfica é um artefato socialmente construído capaz de gerar uma ilusão de constituir uma cópia da realidade, ela é apenas uma analogia de um determinado olhar, de um ponto de vista sobre a realidade. Para Parés (1997), hoje prevalecem as teorias que entendem a mensagem fotográfica como um signo convencional, tão arbitrário quanto a linguagem verbal. A subjetividade implícita na produção de qualquer imagem relativista a sua suposta “verdade”, “autenticidade” ou “objetividade”. Segundo este autor, as imagens podem funcionar, não como representações fiéis da realidade fenomenológica, mas como um caminho, uma janela aberta para aceder à realidade invisível que se oculta por trás da aparência sensível.

O olhar receptor que relatamos aqui neste trabalho, têm mundos, representações e sentidos diferentes, porém são relacionados, no terceiro capítulo que se decorre a seguir, vamos perceber alguns sentidos atribuídos as imagens pelos diferentes grupos entrevistados. Trazendo para a atualidade, podemos dizer que o grande analfabetismo de hoje é composto por aqueles que ignoram as imagens vivendo numa sociedade imagética, onde muitas imagens têm um discurso autônomo. Desde Benjamim (1985) até a atualidade, nós lemos as imagens e não somos capazes de explicá-las. É nesse sentido que entendemos que se faz para os pesquisadores uma abertura para buscar compreender esse novo tipo de linguagem, a linguagem visual, elemento fundamental do discurso da contemporaneidade. Kossoy (1985) diz, que há um preconceito na utilização da fotografia como fonte histórica ou instrumento de pesquisa. Por duas razões, a primeira consiste na ordem cultural, pois para o autor apesar de sermos personagens de uma civilização da imagem e, nesse sentido, alvos voluntários ou involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais, e de diferentes categorias, emitidos pelos meios de comunicações e pela mídia, há um aprisionamento multiseular à tradição escrita como forma de transmissão do saber. Como bem esclareceu Francastel: Nossa aliança livresca predomina como meio de conhecimento científico.

[A segunda razão decorre da anterior e diz respeito a expressão e interpretação da realidade, quando a informação registrada visualmente configura-se num sério obstáculo como fonte de investigação. Sendo assim o problema reside justamente na resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação]. (KOSSOY, 1985)

Esta subjetividade, ou melhor, esta objetividade positivista creditada à fotografia para Kossoy (1985) tornou-se uma instituição, na verdade, um equívoco cristalizado, apoiado na aparência, no iconográfico, pois a informação visual do fato representado na imagem, a priori, nunca é colocado em dúvida. Desde o início do século, quando descreve as aplicações da fotografia nos diferentes ramos da ciência, era comum que as “ciências históricas” exaltassem o caráter de realidade e “exatidão” das imagens fotográficas, instrumentos pelos quais fariam a real constituição da história moderna.

Na história recente houve e há uma preocupação de se arquivar como memória das fotos históricas, como fotos de guerras, fatos políticos, personalidades políticas, etc. No entanto essas fotos, geralmente, estão concentradas nas mãos da grande imprensa, dos grandes jornais e redes de televisão que detém um grande monopólio das imagens produzidas no país.

Podemos dizer que a produção fotográfica alternativa poderia ser do ponto de vista do produtor, que não contente com a imprensa tradicional, se propõe a elaborar ele mesmo o seu produto. Ou como diz Caparelli (1982), o leitor que, no mercado capitalista das ideias, tem opção a uma maior diversidade de conteúdos fugindo ao monopólio dos grandes grupos que reforçam o status quo, não agindo no sentido de mudanças na estrutura da sociedade brasileira. Os meios de comunicação da América Latina e do Brasil vivendo a síndrome da segurança nacional bloquearam todo e qualquer canal de expressão que não fossem os oficiais ou que se articulassem em torno do poder.⁹¹ Assim, pensar que para os autores Kossoy (1985) e Caparelli (1982) isso é lamentável, como se o país não tivesse memória, e sobretudo construísse essa memória para a mídia corporativa dominante, para Kossoy (1985) a iconografia fotográfica organizada ajudaria a compreender melhor o passado enquanto o documento tiver relação com a história, ele diz:

[Infelizmente, porcentagem relevante da produção fotográfica realizada no Brasil foi e continua sendo sistematicamente destruída voluntária e involuntariamente pelo homem. Fotografias sobreviventes do passado encontram-se esparsas nos mais diferentes locais: arquivos históricos, museus, bibliotecas, em mãos de particulares, e arquivos de empresas privadas, nos sebos, antiquários e feiras de artesanato, em instituições diversas no exterior] (KOSSOY, 1985)

⁹¹ Sérgio Caparelli (Imprensa alternativa, nanica, independente) 1982 Porto Alegre - RS

Kossoy(1985) chama a atenção para a necessidade das instituições guardarem as imagens, pois na medida em que essas se distanciam mais da época que foram produzidas, mais difícil se torna a possibilidade dessas informações visuais serem resgatadas, se preocupa com o valor que essa documentação terá no futuro.

No Brasil, durante a ditadura, muitas imagens foram censuradas, fotos que comprometiam o regime militar, e até hoje muitas não foram sistematizadas, onde não se sabe quem foi o autor e nem a data do fato e da foto. Naquele período os fotógrafos permaneciam no anonimato. Este anonimato até garantiu a conservação de algumas imagens, como imagens da ditadura brasileira.

Para os fotógrafos dos jornais e aqueles que queriam denunciar ao mundo o que estava acontecendo, era necessário produzir imagens que pudessem falar muito mais do que um texto, e imagens que fossem divulgadas sem texto. Fotógrafos que não tinham seus limites, viviam na clandestinidade e buscavam nas situações de conflito um olhar compassivo, um olhar sensível, um olhar que diferenciase do determinado, embora fosse um olhar proibido. A partir desta reflexão poderíamos pensar em produzir e utilizar fotografias sem texto, não. É importante as pessoas ou os fatos poderiam falar através das imagens. Não é possível na atualidade pensar numa história sem documentos fotográficos. A sociologia mais “jovem”, carece de documentos e poderia incluir a fotografia como parte deles.

As fontes fotográficas são possibilidades de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar as suas informações e, como tal, podem ser meios de interpretação e recuperação dos fatos passados. Os fotojornalistas foram os grandes percussores da fotografia brasileira, diferenciando o olhar e as perspectivas dentro do contexto histórico de sua época, também possuem uma proximidade dos fotógrafos sociais. Para o antropólogo Cláudio Luiz Pereira (1997) o repórter-fotográfico dos anos, 50, 60 e 70 no Brasil, era mais preocupado com a imprensa em si, a ética profissional e a relação com o objeto fotografado. Nos anos 80 e 90, percebe-se um distanciamento do objeto e da ética, sobretudo porque há uma maior preocupação com a rapidez das informações e sua inserção no mercado.

[Aqui o olhar é rápido. O tempo não permite um grande envolvimento com o fato. O volume e a rapidez da informação é cada vez maior. A correria destes dias passou a influenciar diretamente no trabalho do fotojornalista. A palavra de ordem é a agilidade. O repórter-fotográfico assume outra postura diante do objeto fotografado, da imprensa jornalística e da ética profissional] (Pereira: 1997;11)

O tempo histórico, a evolução tecnológica e o olhar do fotógrafo, influenciam diretamente na produção e conservação, na qualidade e na importância das imagens produzidas. Percebemos isso na medida em que a imprensa brasileira conserva suas imagens segundo o seu domínio político, ou seja, o chefe de redação determina o que deve ser guardado e o que deve ser jogado fora, segundo a importância da imagem no cotidiano. Para Brissak (1993):

[Essas imagens têm tempo? Seriam capazes de durar mais, de não passar tão depressa? Nada parece mais impertinente do que pedir a estas imagens aceleradas que fiquem. Esta aspiração, no entanto, no seu anacronismo, aponta para questões atuais do fotojornalismo. Qual a natureza da imagem do jornal? Qual é a materialidade e permanência desta que é tida como uma das formas mais efêmeras e rarefeitas de representação?] (Brissak: 1993;16)

Percebe-se nos dois autores, Pereira(1997) e Brissak (1993), uma preocupação com o olhar contemporâneo, sendo este um olhar sem tempo e que gera imagens condicionadas pela aceleração e a desconstrução histórica das imagens produzidas, ou seja, os fatos exigem uma produção de imagens imediatas e não há muito tempo para conservá-las e organizá-las sistematicamente como documentos históricos.

Permiti-se então pensar algumas indagações. Será que nesta sociedade imagética não há espaço para refletir sobre as imagens que estão sendo produzidas? Há uma ignorância na leitura e na produção dessas imagens? Há um comprometimento ético ? Podemos dizer que a mídia impõe um ritmo acelerado mantendo esse fluxo ininterrupto e descontínuo das imagens? As imagens são produzidas como mercadorias com fins determinados? Ou como diria Brissak :

A luta contra a insubstancialidade do mundo contemporâneo, a falta de consciência das coisas e de personagens, diz respeito a necessidade de resgatar a integridade das imagens, sua capacidade de serem verdadeiras. Imagens que nos restituam, depois de todos esses processos midiáticos, desagregadores, um pouco de real e de mundo. (Brissak: 1993,17)

O autor polemiza a necessidade de se produzir imagens históricas que possam representar e expressar fragmentos da realidade, pois para ele a percepção moderna é a da dispersão, do olhar fugaz, da diversão, o que não significa que nós amadores e iniciantes não tenhamos que lutar contra o tempo, pois para o autor muito dos mistérios da fotografia está na sua impressão de atemporalidade, pois ao contrário do instantâneo jornalístico, teria-se aquele fotógrafo que vagueia, sem direção e nem horário pelas ruas, usando as palavras de Brissak (1993), contemplando o panorama do mundo, com muita

calma, eles têm tempo, sabem esperar e deixar as coisas se configurarem, tudo aquilo que as imagens apressadas não são capazes de apreender. (SANTOS, 2001)

Para o fotógrafo documentarista⁹² da atualidade Sebastião Salgado (2000), o seu trabalho é fotojornalístico e está ligado ao momento histórico do qual estamos vivendo. Ele diz:

Eu acho que a fotografia, esse tipo de fotografia, tem que viajar na crista da história(...) Antes de entrar numa escola de fotografia, entra-se numa escola de economia, sociologia ou antropologia, para tentar ter uma compreensão da história, do momento histórico que está surgindo. E a partir daí, transformar a fotografia numa forma de vida (Salgado:1996;5)

Para Kulcsár (2000), professor da faculdade SENAC de comunicação e artes, há proximidade no trabalho de Salgado e Bresson no que se refere a composição harmônica entre composição e objeto e para ele Salgado segue tradições do jornalismo de Eugene Smith do absoluto engajamento social e político do seu trabalho além da solidariedade com o fotografado, para ele Salgado tem a mistura do momento certo de Bresson e a realidade engajada de Smith, ao seu ver a boa foto não é somente aquela que informa, mas aquela que move, a imagem passa ser uma ferramenta de percepção e transformação⁹³.

A fotografia de Salgado busca rostos com histórias, mas também busca tempo, composição e harmonia. Seu trabalho não se assemelha a estética do fluxo de mercado acelerado, seu último trabalho jornalístico foi construído em sete anos.⁹⁴ Para ele trabalhar com fotografia é trabalhar com símbolos⁹⁵, se faz necessário passar bastante tempo numa realidade para se compreender essa realidade, só fotografa o homem e acredita que deva captar as imagens que expresse a sua dignidade.

Na sociedade moderna, as imagens são utilizadas dentro de uma conjuntura mercadológica e este mesmo mercado confere às imagens um poder em si mesmas. No entanto podemos dizer que as imagens televisivas são acompanhadas de uma narrativa textual, nos jornais a maioria das fotos vêm acompanhadas de um texto que as vezes diz muito mais do que a foto em si. O que vemos é uma sociedade imagética que produz

⁹² Esse tipo de fotógrafo social é chamado documental pela origem medieval da palavra “documentum” pressupõe ser um papel oficial, uma evidência, uma verdade, enfim uns dos clichês da fotografia “a câmera não mente” (João Kulcsár- professor da Faculdade de Comunicação e artes do SENAC).

⁹³ Apresentação da Exposição “Êxodos” de Sebastião Salgado no SENAC-SP em Janeiro de 2000.

⁹⁴ “Êxodos” –Declara Salgado em entrevista ao Programa do Jô na Rede Globo em 1999.

⁹⁵ “Os símbolos são representações culturalmente construídas e aceitas, de coisas, ideias e aspirações. Seus significados dependem inteiramente do grupo social que os utiliza”(Mac Gavy Kevin em “O Contexto Dinâmico da Informação”- pg 18, 2000)

imagens como mercadorias descartáveis creditando um poder para as imagens produzidas. É tarefa da Sociologia descobrir quais os verdadeiros impactos causados pelas imagens na sociedade moderna, quais são as leituras e as linguagens possíveis, qual a objetividade e a subjetividade dessas imagens e onde, para que e para quem elas se colocam?

A imagem fotográfica é uma ferramenta composta de signos e de elementos interpretativos para o autor/pesquisador. Porém, ela sempre vem acompanhada de um texto objetivo que tem como função traduzir a imagem e identificá-la. No entanto, a fotografia com texto identifica ao expectador o que ele precisa enxergar na imagem. Mesmo sendo um fragmento da realidade, como já compreendemos, a fotografia com texto direciona o seu receptor a uma realidade que foi construída pelo autor das imagens. É possível pensar que a fotografia sem texto não direcionaria o espectador à uma leitura condicionada das imagens. É Possível pensar na fotografia como um texto, com uma narrativa própria. Por enquanto, o que ousamos afirmar aqui é que não é possível na atualidade de uma sociedade imagética pensar numa história sem documentos fotográficos para as Ciências Sociais e as Ciências Humanas em geral.

Para Kossoy (1985), toda fotografia é um resíduo do passado, e mesmo com os elementos necessários para a sua constituição, o registro visual na sua individualidade constitui uma fonte histórica. Sendo assim, tanto para o historiador quanto para os cientistas sociais, ou outros estudiosos das diferentes áreas do conhecimento, a mesma fotografia pode ser objeto de estudos nas áreas das ciências e das artes, tendo em vista que a própria estética fotográfica é um elemento, a ser decodificado, pois apresenta diferentes padrões, modelos de um período histórico. Ainda, como lembra Kossoy (1985), ela ultrapassa as abordagens artísticas, obrigando o historiador a situá-la, investigando também a trajetória do fotógrafo, os materiais utilizados, seu estilo etc, além das motivações que concretizaram as imagens. Há que se considerar ainda que a documentação através das imagens é uma rica fonte de memória e conhecimento, que pede decodificação sobre a construção de elementos registrados, elementos intercalados, que indicam informações em forma de mensagens visuais.

É importante a inclusão de documentos fotográficos nas pesquisas científicas, pois eles contribuem para o conhecimento de nossas representações sociais⁹⁶ e sendo a arte fotográfica um processo de abstração legítimo na observação e usando as palavras de

⁹⁶ Artigo “Problematizando o Uso da Imagem na Pesquisa Social” (E. T. Giglio- dez/1993;66)

Collier (1973), são registros preciosos da realidade material e documentos que podem ser organizados em arquivos de consultas diretas e arquivos remissivos, como se fossem verbais.⁹⁷ Apesar de todas as limitações que o uso das imagens podem fornecer podemos pensá-las de forma especial nos seus aspectos e significados, nas suas representações ambíguas, nas suas finalidades.

Enfim, com as imagens numa linguagem visual documental, procura-se dizer algo mais do que é dito ou visto por todos, oferece-se elementos para análise e investigação, tornando sensível que o uso da imagem signifique antes de qualquer coisa, a construção documental a partir de um ponto de vista. E como um instrumento científico, é fundamental decodificar também este ponto de vista, quais suas representações sociais, seu tempo histórico, seu olhar representativo, interpretativo e também espectador. A fotografia como documento possui várias problemáticas como citamos nos parágrafos anteriores. No entanto, ela é considerada uma fonte de análise e investigação por alguns estudiosos da história, da sociologia, da antropologia e da própria fotografia e pode ser uma narrativa curiosa, sendo uma linguagem alternativa e, sobretudo, um recurso, um mecanismo para a pesquisa na contemporaneidade. Fica por enquanto o desafio: quais as interpretações possíveis e os sentidos para os receptores dessas imagens que foram produzidas no trabalho de campo?

Os trabalhos de campo, as oficinas e saídas fotográficas para a produção das imagens trouxeram uma rica fonte de memória e história, que só vieram a enriquecer e somar no Laboratório de Ciências Humanas (LACH) na escola periférica. As fotos produzidas na escola sobre diversidade étnica e africanidades revelam uma riqueza de observações que impactam nas atitudes dos estudantes referente a uma cultura de respeito às diferenças ressaltando a autoestima e beleza da juventude brasileira. Potencialidades estéticas, da autoestima e da ressignificação da cultura. As narrativas dos temas cotidianos: africanidades, etnicidades, trabalho, vulnerabilidades sociais, violências e necropolítica aparecem na produção iconográfica.

As oficinas de fotografia foram no início uma inspiração para atrair os estudantes do ensino fundamental e médio para a produção e a conservação histórica das imagens. Os recursos de iluminação e máscaras teatrais ajudaram o desenvolvimento do olhar. O olhar sociológico ao entorno das escolas, do bairros, da cidade, da metrópole propiciou que os estudantes comesçassem a ter contato com outros espaços que não eram somente o

⁹⁷ “Antropologia Visual: A Fotografia como método de pesquisa” (John Collier: 1973,07)

bairro ou a escola. Muitos estudantes dos bairros periféricos não conhecem o centro da cidade, museus, parques ou o seu próprio bairro. As oficinas começaram para registrar as políticas públicas e ambientais nos bairros em transformações, o entorno da escola e a relação da comunidade com o meio ambiente. A seguir alguns exemplos das reflexões para a prática do trabalho de campo e saídas fotográficas.

3.2- A Antropologia visual como prática e a metodologia de pesquisa participante

“Não são fotografias, são Histórias ”

A metodologia da pesquisa participante, envolve o(a) pesquisador(a) na prática cotidiana interagindo com o processo metodológico. Procura confeccionar o registro dos fatos e produzir representações, retalhando pedaços da realidade. Deste modo, visa, participar da construção do conhecimento, focalizando pedaços do real, criando um sistema de montagem e seleção do mundo. Como diz a autora Annateresa Fabris(1991) e imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais, pois desde o início a fotografia demonstrou ser um agente de conformação da realidade num processo de montagem e de seleção, no qual o mundo se revela semelhante e diferente ao mesmo tempo] (Annateresa Fabris: 1991,24)

Portanto, quando discutimos e pensamos nesta temática se a fotografia dá conta de representar a realidade ou não, percebemos que neste processo seletivo fornecido pelo produtor das imagens, há também uma capacidade de distorcer a realidade, criar e apresentar contradições da mesma, na medida em que esse processo é dinâmico e dialético, pois a imagem não está pronta, ela é a construção de um conjunto de elementos, de experiências e de ideias. A isso Kossoy (1985) chamaria de filtro cultural: o que há por trás de cada autor, de cada imagem, esse mesmo filtro cultural que seleciona e cria uma relação com fatos e os personagens, utilizando um método, uma técnica e sobretudo uma particularidade na sua expressão pessoal.

Segundo Kossoy (1985), qualquer que seja o assunto registrado na fotografia ela não estará isenta de documentar a visão de mundo do seu autor, aspectos que W. Benjamin já chamava a atenção, já nos primórdios da fotografia, sugerindo que em pouco tempo uma ótica mais avançada poderia dispor de instrumentos que suprimissem completamente as sombras (delineava-se cada vez mais nítida uma pose) e fizessem os objetos aparecerem como um espelho. Benjamin (1985) chama a atenção aos reflexos

artificiais e diz que “...a fotografia é sempre de novo uma relação do fotógrafo com sua técnica (...) o fotógrafo tem por pressuposto o mecanismo que está sujeito a leis restritivas...” (Benjamim: 1985;227).

A máquina se torna uma arma e uma potencialidade, aquele que a manuseia tem o poder de controle sobre ela e as ideias emitidas através da produção das imagens. Na pesquisa participante, a máquina manual (mecânica) se torna importante para o trabalho de campo, pois permite ao autor um controle maior da situação da obra fotográfica, define-se o elemento, o objetivo com nitidez, ressalta-se a expressão, cria-se um jogo de luz e uma composição visual e, portanto, cria-se uma linguagem própria, através da qual o elemento passa a ter uma lógica e a imagem passa a ter um motivo para justificá-la. Para o sociólogo e fotógrafo Marcelo Sampaio (2000):

[A imagem chama a atenção e coloca elementos na visão das pessoas, para uma observação mais global do espaço, tem que mostrar com outros olhos, com uma luz alternativa, a imagem ajuda a recriar e firmar uma percepção diferente das coisas, é uma representação e uma interpretação e não somente um registro...” (Entrevista ao Jornal Diário de Marília, 17/10/ 2000)

A partir daí podemos pensar no olhar do autor das imagens que se faz característico pelo seu critério de escolha: torna-se um olhar espectador, observador, crítico, autodidata, escrevendo com a luz dentro de um retângulo, interpretando pedaços da realidade, captando o imediato, o gesto fugaz, o cotidiano. As imagens documentais e sociais são a história de vida, do engajamento político, dos anseios, desejos e perspectivas dos seus autores e, sobretudo, da relação dos mesmos com a técnica, métodos e interpretações da realidade. É a fotografia um produto objetivo, de uma representação subjetiva da realidade. Hoje, quando alguns pensadores definem que vivemos num mundo de imagens, se faz uma discussão que parece ser extremamente necessária na atualidade sobre a ética das imagens.

Segue a descrição de um procedimento metodológico em sequência didática realizada em parceria com o sociólogo Alcir Gonçalves⁹⁸, ao se trabalhar a questão ambiental e a produção do lixo usando dos recursos fotográficos:

O lixo de alguns pode ser a riqueza para outros? A produção de riqueza global e a distribuição desta riqueza relaciona-se com a produção social do lixo. Como o lixo se

⁹⁸ No início do curso de pós graduação em Sociologia, a possibilidade de desenvolver projetos interdisciplinares juntos estabeleceu uma parceria nesta sequência didática onde há a intenção de escrevermos juntos um artigo mostrando os resultados e as imagens produzidas. Alcir Gonçalves teve seu trabalho sobre meio ambiente publicado no link: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/243313>

incorporou à nossa cultura? Da onde vem o hábito cotidiano de descartar a céu aberto? Há uma nítida desconexão dos estudantes com suas realidades culturais e ambientais. Há a necessidade de relacionar com disciplina de História (sobre o período de colonização) e com Geografia referente aos conceitos de vulnerabilidade social, sociedade de risco e desenvolvimento sustentável.

A cultura brasileira não propaga uma conexão entre natureza e equilíbrio ambiental. Os hábitos cotidianos se reproduzem na escola e na rua. A escola poderia produzir uma cultura ambiental que superasse os ditames da casa e da rua. Observar o poder simbólico do consumismo e os impactos sociais da produção do lixo através da cultura individual e coletiva no cotidiano. Usar dos recursos imagéticos para captar mensagens visuais que possam contribuir para esta análise.

Através do olhar sociológico, das rodas de conversas temáticas e das oficinas imagéticas é possível olhar ao redor e perceber os impactos sociais do consumismo e da produção do lixo. Trabalhar os dados que envolvem a temática. Levantar os dados da realidade local para melhor compreensão da concentração de riquezas nas mãos de classes sociais dominantes, a má distribuição de renda e consumo desenfreado (não planejado). Usar dos recursos de produção de imagens para mostrar a produção social do lixo, as fotografias e os vídeos poderão ser montados artisticamente com instalações residenciais sobre a produção familiar de lixo ou de situações cotidianas que expressem a sociedade consumista, os valores individualistas, sobretudo, o consumismo desenfreado. Caracterizando a relação ser humano-natureza nas sociedades contemporâneas. É um desafio usar dos recursos imagéticos envolvendo a produção de imagens fotográficas ou videográficas a partir da interpretação de poemas de Manoel de Barros e relacionando com os seguintes poemas: “O bicho” de Manuel Bandeira

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

As rodas de conversas para sensibilização e escuta ativa são importantes neste processo de reflexão. Debater e refletir sobre a condição humana no mundo natural. As possíveis conexões e desconexões com a natureza. Esse processo traz o debate das possíveis alternativas para os problemas levantados pelos estudantes nas rodas de conversas. Quais são as ameaças ao meio ambiente produzidas pelos seres humanos atualmente? Vivemos em uma “sociedade de risco”, as consequências da degradação ambiental no centro da sociedade moderna são impactantes.

Olhar para as questões que envolvem o meio ambiente e autocuidado; observar o bairro, suas histórias e os ciclos das águas, de agressões ambientais e de produção de lixo. Olhar ao redor, um novo olhar para o espaço, a importância de uma conduta de escolhas ecológicas percebendo as implicações e os problemas que envolvem a produção consumista e desenfreada do lixo. Após isso, focar na produção de alimentos, consumo, indústria alimentar, impactos sociais e ambientais da indústria agrotóxica, pesquisas e estatísticas que envolvam os direitos ambientais, etc., que contribuam para a concretização da realidade. Como proposta de culminância, os estudantes escolhem algum tipo de expressão artística para relacionarem aos assuntos e problemas revelados no decorrer desta sequência.

A partir daí pode-se pensar no olhar do autor das imagens que se faz característico pelo seu critério de escolha seja a escolha pela linguagem poética, literatura marginal através dos raps ou rinhas, seja através dos desenhos ou manifestos, o olhar dos estudantes torna-se um olhar espectador, observador, crítico, autodidata, seja escrevendo com a luz dentro de um retângulo ou interpretando pedaços da realidade, captando o imediato, o gesto fugaz, o cotidiano. Tal método desenvolvido pelos clássicos da pintura, que se utilizavam de paciência, sensibilidade e ética: Hoje, quando alguns pensadores definem que vivemos num mundo de imagens, se faz uma discussão que parece ser extremamente necessária na atualidade sobre a ética das imagens. Para o arquiteto e filósofo Nelson Brissak (2000), o século das imagens foi o século das guerras, tornando para o homem o século das mais importantes imagens históricas, documentais e sociais, as imagens da degradação humana.

As primeiras décadas do século articularam um campo da reflexão e da arte, da produção e da vida cotidiana, assentando sobre a iminência da crise e da

dissolução (...) Este novo mundo não tem espessura: é o movimento incessante que, como uma força centrípeta, dispõe objetos fragmentados e dá aos indivíduos a possibilidade de perceberem e localizarem-se nesta dispersão. Da ruptura da representação, da dissolução e perda das identidades constituídas por seu mecanismo de expressão, nascem a experiência e os pensamentos modernos(1982,10) A guerra e o crime instauram o domínio do instantâneo, das imagens de ação (...) aqui as coisas não tem paz. Rostos e paisagens aparecem como cenários de batalhas (BRISSAK,1993,17)

O que Brissak (1982) chama a atenção é para os limites das imagens, até que ponto a representação do homens deve ser a representação das imagens destrutivas e de autodestruição? Para Brissak (1982), se o mundo estivesse em paz, talvez o homem não produzisse tantas imagens, sobretudo tantas imagens históricas de guerras, apenas fotografaria rostos e paisagens. Este autor fala do fotógrafo, escritor e filósofo esloveno, radicado há muitos anos na França, Evgen Bavcar, que sendo cego desde a idade de onze anos, vem desenvolvendo há muitos anos um impressionante trabalho sobre as relações entre fotografia e cegueira. Traz, portanto, uma fundamental reflexão sobre o estatuto da imagem na contemporaneidade, buscando um equilíbrio e uma composição harmônica da imagens possíveis e revelando os seus silêncios.

Outro aspecto importante para a experiência do trabalho prático⁹⁹ é a metodologia participante, estudantes e professores participam das intervenções pedagógicas de projetos interdisciplinares. Os estudantes têm a liberdade de escolha referente a linguagem imagética que querem se expressar seja fotográfica, poética ou videográfica. Há o desafio de produção de um diário de campo dos estudantes descrevendo sobre as atividades realizadas, suas interpretações imagéticas e poéticas.

O foco trabalhado com os estudantes faz com que questionam e exercitem o olhar ao seu redor, a partir de uma janela de seu lar, o que é visto? O que não era visto antes e agora se vê? Quais são as cores? As luzes e as sombras? Observar tudo no entorno, quais os objetos que se identificam? Quais que identificam a cultura, a ancestralidade, quais imagens são vistas? E, quais se quer guardar como memórias? Qual a realidade vivenciada objetivamente? Quais imagens podem expressar sentimentos? Quais signos e símbolos essas imagens trazem? Quais sentimentos despertam? Porque eternizá-las na memória e na história? Qual importância para os estudantes, para a escola e comunidade ou para a sociedade?

⁹⁹ No Laboratório de Ciências Humanas (LACH) da escola, os professores possuem um interesse em metodologias ativas que possam trazer uma relação mais horizontal com os estudantes.

Num primeiro momento do desenvolvimento do olhar busca-se olhar para si e o seu redor, as imagens existentes e quais teriam sentidos e símbolos. Num segundo momento, o trajeto até a escola, quais imagens chamam a atenção, no caminho da escola o que veem? Este trabalho busca também alertar os estudantes referente a importância cada vez maior da fotografia e da escolha de linguagens que possam incluir o sentido e a evolução dos direitos humanos, ambientais e sociais. Na perspectiva Histórico Cultural, o método é o caminho para uma apropriação e ressignificação da cultura. As imagens que são produzidas serão mais a objetificação do outro ou de si mesmo ou poderemos atribuir significados e sentidos?

As imagens, os desenhos e os poemas completam uma iconografia que podem ser um recurso de produção contra cultura dominante e contrapor as narrativas que reafirmam a retirada de direitos, a comunicação violenta autoritária social, os discursos racistas, homofóbicos, xenófobos e misóginos. No próximo item é importante observar o olhar das estudantes e seus trabalhos fotográficos, os temas aos quais se remetem, as fotos poéticas e jornalísticas, suas poesias e seus desenhos. A sua iconografia e a importância deste olhar dentro da unidade escolar. Na conclusão deste capítulo cabe destacar como se dá o autorretrato coletivo, a conquista do respeito à imagem do(a) outro(a), a arte fotográfica registrando carinho, amizade e a beleza da juventude brasileira. E, as imagens que mostram as narrativas dos atores sociais e defensores de direitos humanos na escola.

3.3- |Os direitos humanos e as fotos poéticas nas representações iconográficas

“Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista com atos e palavras todos os dias.”¹⁰⁰

A construção social do ato de fotografar e o produto final ao dialogar com direitos fundamentais são resultados de uma personalidade autônoma que marca a si mesmo, o grupo social e o território de vivência e atuação dos estudantes. Sabemos que as atividades dadas aos estudantes para a eficácia ou ineficácia do sistema educacional não significa aprendizagem. A relação entre a Antropologia Visual e a produção artística ou jornalística dos estudantes se dá num diálogo constante sobre os “sentidos” das imagens, sobre um mundo do trabalho que dê realizações profissionais e não apenas para subsistência humana, diálogos sobre um comportamento pró ativo diante da vida, possibilidades de

¹⁰⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=2HIhuR7AKw8-> vídeo de funcionários públicos federais, novembro de 2021

escolhas e perspectivas de mundos, sonhos, imaginação, pertencimento, busca de autoconhecimento, compreender a si mesmo para comunicar-se com a sociedade.

A orientação pedagógica dada através da Antropologia Visual busca articular teoria e prática, como professores e educadores somos resultados de nossas vivências e experiências de mundo (Freire, 1997) e buscamos métodos que visam conhecer a realidade dos estudantes, num processo de trocas simbólicas e vivências constantes. O Laboratório de Ciências Humanas surgiu neste contexto de necessidade de atividades pedagógicas que envolvam os estudantes e os levem a superação das violências vividas dentro e fora do seio familiar, habilidades, potencialidades e aprendizagens.

A importância do método pode trazer aspectos importantes das possíveis leituras de mundos dos sujeitos sociais, sendo a produção de imagens uma ferramenta cognitiva, de consciência e autonomia de reflexão. Neste sentido, somente o recurso da produção de imagens proporcionou encontrar uma ferramenta para aprendizagens que os sujeitos sociais possam ter liberdade de expressão e transitar de uma educação tradicional instrumental para a autonomia e conexão com os fenômenos da realidade. Não é possível, a partir desta experiência considerar que haja aprendizagens sem um processo de engajamento ativo de (estudantes e professores) que são os sujeitos sociais desta metodologia participante.

A experiência dos estudantes e educadores numa conexão de saberes é o ponto chave para que num processo educacional ocorra a contribuição para a emancipação dos indivíduos e um interesse maior pela educação e Ciências Humanas. Como diz o professor Paulo Freire (1997)¹⁰¹, o primeiro passo para o aprendizado é a formação que infelizmente é negada aos estudantes e num processo institucional burocrático também é negada aos professores. O ponto de partida para o autor é o método e o planejamento das ações metodológicas, como para vários educadores, as técnicas são ferramentas, mas o que diferencia para ele, seria um método que numa relação dialógica e horizontal construísse um aprendizado afetivo e que levasse ao que ele chama de conexão com o mundo através dos(as) “meninos (as) conectivos(as)”¹⁰². Pois, para o autor, ao ler o mundo dialogicamente essa autonomia de construção pedagógica do conhecimento poderia contribuir para que os(as) atores sociais diminuíssem a distância entre o que se diz e o

¹⁰¹ Palestra gravada um pouco antes de sua morte em 1997 falando da educação para a reforma agrária e divulgado vídeo no ano 2000 nas paradas da marcha dos 100mil para Brasília do Movimento Sem Terras em prol de um projeto de educação para a reforma agrária (PRONERA).

¹⁰² . [tconectividadepaulofreire- JasonFerreira Mafra.pdf](#)

que se faz, até que em um determinado momento, as falas sejam a prática na transformação ética das relações sociais entre si e na sociedade.

As fotos produzidas por Tito e Tina, as estudantes escolhidas aqui para representar um pouco dos olhares juvenis construídos neste processo de produção imagética são o produto final que traz a reflexão do conceito aprofundado na tese de doutorado de Jason Ferreira Mafra (2007) intitulada: “A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire”. As estudantes Tito e Tina são jovens conectivas que leem o mundo, têm si todos os sonhos do mundo e através de uma sensibilidade a partir de suas imagens dialogam com a comunidade estudantil diversas possibilidades na produção de imagens, a atuação no território e afetividade trazem a partir do olhar sociológico, indignação, identidades e afetos sem fim. As estudantes residem cerca de 4 a 10 m de distância da escola. São comprometidas com a vida escolar, o movimento estudantil e além de participarem do ensino integral fazem cursos de aperfeiçoamento como secretariado, inglês e informática. Aproveitam o pouco tempo dedicando-se à fotografia, onde ambas descobriram talentos e mergulharam no mundo das imagens com paixão.

Os registros abaixo possuem 2 autorizações dos (as) estudantes, a primeira autorização de uso de imagem é assinada no ato da matrícula na escola pelos estudantes e pelos pais em função da produção de imagens e divulgações dos projetos nas redes sociais da escola e divulgação dos projetos. A segunda autorização é assinada pelos estudantes que ao participam da eletiva de Antropologia Visual e Sociologia Imagética autorizam as exposições das fotos selecionadas e o uso das suas imagens para fins específicos e pedagógicos, como por exemplo esta dissertação acadêmica¹⁰³.

As fotos abaixo trazem reflexões sobre detalhes dos caminhos por onde as estudantes circulam, os bairros onde vivem e as atividades fotográficas realizadas pelo projeto da Antropologia Visual, como por exemplo: o carnaval, o halloween na escola, o desfile do clube de ancestralidade afro, as oficinas realizadas durante as aulas de Antropologia Visual do autorretrato coletivo e técnicas fotográficas de observação da luz ambiente ou luz fria artificial versus o uso da luz natural ou luz quente. Os trabalhos fotográficos podem ser individuais ou coletivos, onde há a proposta de fotografarem o bairro e as políticas públicas existentes no território, as saídas fotográficas para a represa do guarapiranga é importante para olharem ao entorno e observarem as questões ambientais e os cenários existentes nos bairros em torno da escola;

¹⁰³ As autorizações de uso de imagem estão em arquivos no LACH- Laboratório de Ciências Humanas.

28.11.2022- Tito de escada do bairro -
Cantinho do céu



09.12.2021- Tito de arte de rua



01.08.2022-01.08.2022- Tito de Ruth e
João Victor desfile afro.



09.12.2021- Tito de Mulheres no trabalho



01.08.2022- Tito de desfile afro na escola.	
	
01.08.2022- Tito de Alex desfile afro.	01.08.2022- Tito de Clube de ancestralidade afro que organizou o desfile.
	
25.05.2022- Simone Santos de Tito Fotografando	25.05.2022- Tito de Tina, Luís, Bruna, Bia e Kay na saída fotográfica da represa do Guarapiranga.
	

09.12.2021- Tito de Cotidiano Poético	14.08.2022- Tito de Janela
	
25.02.2022- Tina de Marco em Autoretrato coletivo	12.11.2021- Simone Santos de Tito fotografando Gabi e em oficina no LACH
	

15.06.2022- Tina de Auto retrato	27.11.2022- Tina de Lavínia em Halloween no projeto Auto retrato coletivo
	

Se pensarmos como se relaciona juventude, violência e espaço público, a escola é um espaço de diálogo, entre os jovens, o corpo docente, discentes e a comunidade. Há a importância de se estabelecer vínculos pessoais e coletivos, compromissos com a comunidade, relações de identidade e pertencimento. O papel da escola precisa ser ressignificado diante das violências que se prolifera “nestes tempos” e nestes espaços que são públicos. Parafraseando Moreira (2011) em seu trabalho de conclusão do curso de Filosofia sobre o conceito de violência em Hannah Arendt (2006), a escola pode se propor a educar através do que os gregos denominavam de Paidéia¹⁰⁴ ressignificando valores essenciais para a formação humana e integral da juventude nesta cidade, onde o espaço da formação se ficar vazio pode ser ocupado pelas experiências que geram violências. Para o autor, que é um parceiro no desenvolvimento de metodologias ativas usando os recursos da história da arte para o desenvolvimento do olhar, é importante destacar que para ele, a escola faz um contraponto a violência vivida no seio familiar e o papel dos

¹⁰⁴ A ideia de concepção de uma escola onde as pessoas se sentem livres para participar do processo de aprendizagem e quem participa é interlocutor e produtos do conhecimento hermenêutico.

professores é trocar saberes tentando ser um referencial de vida, que neste caso, auxilia no comprometimento ético. Podemos acrescentar aqui também as violências nas ruas e nos espaços de circulação e transitoriedades da juventude “para além dos muros da escola”, as experiências vividas pelos (as) estudantes na escola e no território são muito importantes para o que chamamos na sociologia de sentido social para os estudantes.

O espaço público que é a escola é um território onde se encontram vários territórios, parafraseando o professor Milton Santos (2001), o território é um espaço apropriado e transformado pelas relações humanas, sendo identidade. Para o autor, os limites do território são definidos pelas pessoas, grupos econômicos, políticos e sociais. Neste sentido, a escola é território de conflito e paz, definido por grupos sociais a partir das representações constituídas. A escola é o espaço da prevenção da violência e do racismo. Pois, é preciso sensibilizar para o olhar poético e para que os estudantes olhem a sua volta, percebam que não estão sozinhos, que possuem relações repletas de sentidos e significados. Olhem para o entorno e vejam as estigmatizações e o quanto elas aumentam em função dos locais de moradias e das questões raciais.

A violência tem um perfil, atinge mais os meninos e é em relação a figura masculina que se constrói uma tipificação idealizada de “senso comum” do que é um bandido. Muitas vezes a discriminação impede o acesso aos espaços públicos e determinados espaços da metrópole. Professor Milton Santos (2001) irá dizer que em eras de globalização o corpo se torna uma fronteira e um limite de relações sociais no espaço urbano e muitas vezes, nos espaços públicos. Pois, o modelo de cidade que temos é segregado, muitas mudanças econômicas da década de 50 para cá, novos padrões migratórios e sem planejamento o espaço urbano ficou desordenado e as áreas periféricas marcadas pela ausência completa de acessos aos direitos básicos da população previstos na Constituição Federal de 1988, pós ditadura militar no país.

O processo de colonização do país e os 21 anos de ditadura fortaleceram espaços e relações sociais violentas. Pensando “tempos sombrios” na reflexão da autora Hannah Arendt (2017), o mal banal pode se infiltrar nas relações sociais, onde as pessoas fazem o mal acreditando fazer o bem para a sociedade. Se a escola deve garantir o igual e o diferente ao mesmo tempo, é possível acreditar que uma possibilidade de resistência as práticas violentas e banais são para a autora a capacidade que só a educação tem para a reflexão e escolhas dos indivíduos, o pensar, o querer, o escolher são virtudes éticas que poderão são recursos para impedir a prática do mal banal.

Tornar a escola um dos espaços públicos mais democráticos é um desafio cotidiano, principalmente, com relações mais humanitárias entre os sujeitos históricos. A partir do processo educacional numa sociedade imagética desenvolver e produzir as mensagens objetivas e subjetivas que essas imagens oferecem, utilizar desses recursos de pesquisa e interpretação em Ciências Humanas e Sociais é uma conquista e um método de atuação. As representações imagéticas expressam as motivações e narrativas do olhar sociológico dos estudantes. A produção artística e antropológica da comunidade escolar traz força de potência da juventude, auto estima, um novo olhar para a escola e temáticas que ressignificam temas cotidianos como mundo do trabalho e necropolítica, africanidades e etnicidades. O processo de produção de imagens iconográficas e etnográficas revelam potencialidades estéticas, éticas e cognitivas, além de, conectar um diálogo com os direitos humanos e fundamentais que são necessários para a prática cidadã e ressignificação da cultura imagética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Vão dizer que eu não existo propriamente dito.
Vão dizer que tenho vocação pra ninguém.
Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir
o som das palavras ou é ninguém ou zoró.
E veio uma iluminura em mim.
Foi a primeira iluminura.
Daí botei meu primeiro verso:
Mostrei a obra para minha mãe.
A mãe falou:
Agora você vai ter que assumir as suas
Irresponsabilidades
Eu assumi: entrei no mundo das imagens.
(O POETA de Manoel de Barros)*

Entender o universo óptico e ilustrativo dos estudantes da escola pública é participar de um verdadeiro desafio de leitura de subjetividades, busca de significados, ético e político. Pois, somente levando em conta a nossa ignorância em relação ao mundo das imagens é que conseguiremos chegar mais perto de possíveis leituras e de seus limites. A imagem pode ser composição, a busca da luz, uma estética e outras diferentes formas de expressão que conduzem a conhecimentos infinitos sobre técnicas fotográficas e linguagem visual.

No entanto para outros, as artes visuais podem ser autoconhecimento, busca de identidade, um contato íntimo consigo mesmo(a) e com o meio. As artes visuais e imagética levam a um aprendizado constante e diário, há um desejo de ver o mundo do qual todos somos anônimos, a busca de significados, sentidos e desafios. A busca do sentido se torna elementar para a utilização das imagens sem texto ou com textos, pois:

[o sentido não é somente o fundamento da linguagem como também de toda apreensão da realidade (...) Parece que nossa experiência da pluralidade e da ambiguidade do real se redime no sentido. A obra da imagem produz-se a instantânea reconciliação entre o nome e o objeto, entre a representação e a realidade. Portanto, o acordo entre sujeito e objeto dá-se com certa plenitude(...) um poema não tem mais sentido que suas imagens].
(Paz:1982,p.131 e 133).

Não é possível na atualidade de uma sociedade imagética pensar numa história sem documentos iconográficos. Para as Ciências Sociais e as Ciências Humanas em geral, é importante a inclusão de documentos fotográficos nas pesquisas científicas, pois eles, contribuem para o conhecimento de nossas representações sociais e sendo a arte

fotográfica um processo de abstração legítimo na observação e usando as palavras de Collier (1973), que são registros preciosos da realidade material e documentos que podem ser organizados em arquivos de consultas diretas e arquivos remissivos, como se fossem verbais. Apesar de todas as limitações que o uso das imagens pode fornecer, podemos pensá-las de forma especial, nos seus aspectos e significados, nas suas representações ambíguas, nas suas finalidades e sobretudo nos seus sentidos.

Manifesta-se na prática enquanto iniciantes e apaixonados por imagens, descobrir primeiramente o nosso desejo com o uso das artes visuais, esclarecer a sua verdadeira finalidade enquanto documento de representação social, penetrar neste universo que é um verdadeiro desafio ético e político, sensibilizar-se com inteligência, criatividade e descrição, compreender as relações e as representações da técnica e dos atores sociais e com criatividade provocar reflexões, esses seriam alguns critérios e valores subjetivos que nos diferenciariam do olhar comum sobre o mundo. No capítulo terceiro, vale ressaltar as potencialidades estéticas das imagens produzidas, bem como, mostram autoestima da juventude e se há ressignificação da cultura da violência objetivando uma cultura de valorização dos direitos fundamentais. Foi fundamental desconstruir e desnaturalizar alguns paradigmas que estão socialmente colocados sobre o uso dos recursos visuais.

Dialogar com as imagens e os estudantes que são sujeitos sociais é entender suas representações coletivas. Há o desejo de se entender até que ponto o cientista social pode se utilizar das artes visuais como recurso para compreender a juventude, seus sentimentos e suas narrativas. As representações imagéticas expressam as motivações e narrativas do olhar sociológico dos estudantes. Quando as imagens são transmitidas segundo um sistema de signos, ela é descrita segundo os cânones tradicionais da comunicação escrita, vale ressaltar que possui uma linguagem própria e subjetiva, dentro de uma narrativa real e objetiva. As imagens que os estudantes trouxeram mostram a falta de políticas públicas nos bairros, mostram os caminhos que percorrem até chegar a escola, as imagens trazem representações do belo e mostram que o belo é criativo e excêntrico.

Os problemas consistem em aceitar, analisar e interpretar a informação contida na imagem. Os grupos excluídos socialmente podem contar muitas histórias com suas imagens, podem revelar ao mundo interpretações de suas realidades e abstrações. Poderão ser histórias contadas sobre circunstâncias reais, sendo de fato um material emocional inesperado, representações que apresentam elementos objetivos e subjetivos, que podem revelar e provocar sentidos, como também revelar um processo de luta objetiva, sendo a

memória da luta social. Podendo ser um instrumento que traga esta população ou grupo para falar à sociedade, exteriorizando o olhar constituído, mostrando valores, a compreensão de mundo ou expressão artística.

Segundo os índios Waiãpi, localizados no Estado do Amapá, comentam que a magia representada pela imagem traz a pessoa assim como o seu espírito. No entanto, para eles não é qualquer imagem que possui tal poder. Refletindo as palavras de Collier (1973) e dos antropólogos acerca da etnia Waiãpi podemos dizer que a fotografia usada nas entrevistas para o trabalho de campo será sempre um produto objetivo de uma representação subjetiva. Nesse sentido, é fonte de invenção e imaginação. Um objeto, usando palavras de Barthes, certamente, repleto de sentido, constituído de mensagens culturais. (SANTOS, 2001)

Um dos desafios deste trabalho é a produção de imagens que revelassem harmonia em sua composição e a ocasião do registro. Mostrar imagens de um conjunto de fatores inter-relacionados, buscar os sentimentos que recordam essas imagens e as atitudes que os sujeitos vão ter diante delas. Criando assim representações e sentimentos diferentes entre esses grupos. É possível dizer após o trabalho de campo que as imagens fotográficas possuem significados dentro de uma pluralidade de sentidos, construindo uma realidade objetiva por si mesma na medida que o sujeito social se reconhece nela. Num primeiro momento ao participarem das oficinas, os(as) estudantes não gostam de serem fotografados. Pós visualização das imagens, eles solicitam que fotos de cenários x,y z estejam também lá representadas. A imagem fotográfica é capaz de provocar o espectador a uma percepção e um sentido, pois, “o homem é a sua imagem” usando as palavras de Otávio Paz (1982). Por outro lado, mostrando o seu cotidiano, a família, os detalhes que somente os envolvidos no grupo social podem identificar, a imagem pode ser um espelho na medida que o autor das imagens produz um conjunto de representações que ao entrarem em contato com os receptores de outro grupo social, usando as palavras de Foucault (1995), coloca os receptores dentro da cena da imagem.

O autor pode se ver nas imagens que está captando, visto que o fotógrafo herdou do pintor o jogo de representações onde joga com a composição visual, permitindo direcionar o olhar espectador, seja para o centro da imagem ou para as bordas. Para Foucault (1995), onde, o conhecimento de quem observa, direciona o seu olhar segundo o conhecimento que possui, sendo assim, a compreensão deste conhecimento mostra que o sujeito poderá adaptá-lo às suas ideias e interpretações o homem é os olhos que têm. Podemos dizer, que se ela for produzida pelos sujeitos que a interpretam, as fotos seriam

fontes ricas de interpretação da realidade fornecidas por estes sujeitos e um documento parte do seu cotidiano, onde não fosse necessária a descrição, somente o sentido da produção. Mas, no trabalho acadêmico, as imagens possuem uma intervenção em outro plano, ilustrando as teorias e metodologias.

A busca do sentido se torna elementar para a utilização das artes visuais no texto, pois, o sentido não é somente o fundamento da linguagem como também de toda apreensão da realidade. Parece que a nossa experiência da pluralidade e da ambiguidade do real se redime no sentido. O autor entende que a obra da imagem produz a instantânea reconciliação entre o nome e o objeto, entre a representação e a realidade. Portanto, o acordo entre o sujeito e o objeto dá-se com certa plenitude. Transferindo para a obra de arte que é a fotografia, a partir desta reflexão podemos dizer que este acordo seria impossível se o fotógrafo(a) não utilizasse o meio da linguagem, usando as palavras de Otávio Paz, é preciso recuperar sua riqueza original, para que o sentido da imagem seja a própria imagem. Este trabalho de pesquisa abriu muitas portas. Além de proporcionar um sentido importante para a atuação no Laboratório de Ciências Humanas na escola. É importante para além das reformas educacionais e dos desafios que envolvem a educação hoje, que os intelectuais orgânicos que se mantiveram nas escolas públicas possam trazer as suas metodologias e linguagens possíveis para um alcance mais próximo dos (as) estudantes.

A Antropologia Visual na escola pública ocupa um espaço importante e cada vez mais valorizado pela instituição educacional e pelos sujeitos neste processo de construção e reconstrução de novas metodologias de aprendizagens. Mas, ainda há muito o que se conquistar e fortalecer o Laboratório de Ciências Humanas é um processo difícil na continuidade das ações interdisciplinares. Há neste local a “sorte” de professores da área serem coesos na aplicação conceitual e na prática cotidiana a partir do diálogo constante entre si e com os sujeitos históricos desse processo educacional. As narrativas e produções artísticas relacionadas com pautas identitárias e ativistas é também um processo de construção e reconstrução constante, que sem a formação humana conceitual não seria possível a resignificação de uma cultura de valorização e compreensão da importância das representações imagéticas do respeito à dignidade da pessoa humana.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. D. Obra poética, Volumes 4-6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.
- ANDUJAR, C. “Yanomami” Ed. Posigraf. Curitiba-PR. 1998
- ARENDT. H. A condição humana. Editora Forense. 1981.
- ARENDT, H. A crise na educação. Fapesp, 2017. Orgs: José Sérgio Fonseca de Carvalho e Crislei de Oliveira Custódio.
- ARIÈS.P. A História da criança e da família.
- ARNS, D. P . E. “Brasil nunca mais” Ed. 16º Vozes, RJ, 1978.
- ARNS, D. P. E. “Em Defesa dos Direitos Humanos” Ed. 2º Civilização Brasileira, RJ, 1986
- ARROYO, M.G. “Da Escola Carente a Escola Possível”. Loyola 2ª ed. SP, 1986.
- ASSAD.F;ZILIOTTI.F;GUADAGNUCCI.J;CAZOTTI.R “O Olhar em Preto e Branco: Uma Reflexão sobre o fotojornalista”. 1997. SP
- AUMONT. J. “A Imagem”. Ed. Nathan. SP. 1990
- BARROS, M. “Ensaio Fotográficos”. Ed. Record. SP. 2000.
- BAZZO. E. F. “Mendigos: Parias ou heróis da Cultura? ”. Lilith publicadora e Cia. Brasília, 1998-DF.
- BARTHES, R. “O óbvio e o obtuso- ensaios críticos III” Ed. Nova Fronteira.
- BENJAMIN. W. “Sociologia”. Ed. Ática. 1985. SP.
- BENJAMIN, W. “O narrador”. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. SP. Ed. Brasiliense, 1994.
- BERGSON, H. “O Riso”. Ed. Zahar, RJ, 1980
- BOUDIEU, P. “O Poder Simbólico”. Rio de Janeiro: Berrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, C. R. “Pesquisa participante”. Ed. Brasiliense, SP, 1985.
- BRISSAK, N. P. “A sedução da barbárie”. Ed. Brasiliense, SP, 1982.
- BRISSAK,N.P. “Cenário em ruínas: a realidade imaginária contemporânea”. Ed. Brasiliense, 1987.
- CARDOSO. S. “O olhar viajante (Do Etnólogo) ” SP. 1991.

CARVALHO, A, J. “O poder da mídia: um estudo de caso do MST no jornal da folha de SP”.(Monografia de bacharelado do curso de Ciências Sociais em 2000).

CASSIER, E “Ensaio sobre o Homem” Trad. Tomaz Rosa Bueno.SP. Fontes.1994 Cap.

VIII “A Linguagem”

CAPARELLI, S. “Imprensa Alternativa, nanica independente” Porto Alegre- RS

DIAS, Maria Odila Silva “*Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*” in Projeto História – Trabalhos da memória. SP. Nº 17, 1998.Documentário. RJ, 1979.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro, Zahar, 1996

ELIAS, N. “O Processo Civilizador” V. I. Ed. Zahar. RJ,1990 – CAP I

ELIAS, N. “Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”. Ed. Zahar, RJ, 1990 –CAP I

ENGELS, F. “As Lutas de Classe na França (1848-1850)” In Marx.. K e Engels . F. Ouvres Choiesies. Moscou. Ed du Progrès, 1975. Trad. José Paulo Neto e Maria Filomena Viegas, texto de 06/03/1895

FERNANDES, F. A sociologia no Brasil. SP: Petrópolis-RJ. Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. Relações de raça no Brasil: realidade e mito. In: FURTADO, Celso. Brasil: tempos modernos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

FOCAULT, M. “As palavras e as coisas”. Martins Fontes, SP, 1995.

FRANCASTEL, P. “A Realidade Figurativa: elementos estruturais da sociologia da arte. Trad. Mary Amazonas Leite Barros. São Paulo: EDUSP, 1973

FREIRE, P. “A pedagogia da autonomia”. Paz e Terra, SP, 1997 .

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

GALLO, S. “Educação Anarquista: Um Paradigma para Hoje” Ed. Unimep. São Paulo, 1995

GEERTZ. C. “A Interpretação das Culturas”. Koogan. RJ. 1997

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GOHN, M. G. “Educação não-formal e cultura política” Cortez, SP, 1999.

GOLDGRUB, F. “Mito e Fantasia”. Ed. Ática. SP. 1996

GOMBIN, “As origens do Esquerdismo”. Ed. du Sevil, Paris. 1972. Trad. Antônio Pescada.

JR. COLLIER, J. “Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa”. EDUSP, 1973. SP.

KOSMINSKY, E. V. “Situação Familiar da Criança e dos Adolescentes pobres: Um estudo dos Indicadores Sociais utilizados no Brasil”. CERU. Série 2, 1994

KOSSOY. B. “Fotografia e História”. Ed. Ática. SP. 1989.

LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. SP. Edição 2- Centauro Editora, 2004.

LOUREIRO, I. M. F. R. “Hebert Marcuse: A Grande Recusa”. Ed. Vozes, RJ, 1999

LUXEMBURGO, R. “Reforma ou Revolução” Ed. Expressão Popular 1º edição, SP, 1999

MARCUSE, H. “Ideologia da Sociedade Industrial” Zahar, RJ, 1964.

MARTINEZ, V. C. “O Cidadão de Silício”. Ed. Unesp. SP. 1997.

MAFRA, J.F. “A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire”- SP. 2007. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.: [tconectividadepaulofreire- JasonFerreira Mafra.pdf](#)

MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva. RJ: Vozes, 2005.

MENDONÇA, S.G.L. “A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico”. Cede, Campinas, vol 31. N.85, pg 341 a 347- set. dez- 2011.

MILLS, C. W. “A imaginação sociológica”. RJ. Zahar, 1972.

MOREIRA, S. J. Análise do conceito de violência em Hannah Arendt e possíveis interlocuções na sociedade – Monografia-Univ. Metodista de São Paulo - 2011).

MOURA, M. O. et AL A atividade orientadora de ensino como unidade entre ensino e aprendizagem. In MOURA, M. O. A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília: Liber-livro, 2010.

OLIVEIRA. R. C. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever” SP. 1996 (Revista de Antropologia da USP)

PARES, Luis Nicolau, Tese: “The phenomenology of spirit possession in the Tambor de Mina: na ethnographic and áudio-visual study”. London, SOAS, 1997.

PAZ.O “O Arco e a Lira :A Imagem” Trad. Olga Savary. RJ. Nova Fronteira. 1982

PEIXOTO. C. E. “Envelhecimento e Imagem: As fronteiras entre Paris Erio de Janeiro”. Annablume Ed. SP. 2000. CAP II

PEY, M. O; TAVARES, I. C; CORREA G. C. KASSIK C. N.; BELTRÃO, I. R. “Espaço para uma reflexão da história da escola no Brasil: Algumas reflexões literárias”. Achiamé. Rio de Janeiro, 2000.

PONTES, J. A . V. ; CARNEIRO, M. L. “1968: Da Revolta dos Estudantes ao fim das liberdades democráticas, do sonho ao pesadelo”. O Estado de São Paulo, 1968

PRADO, Heloísa de Almeida. “A técnica de arquivar”. Polígono, SP, 1970.

QUEIRÓZ. M. I. P. “Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva”. Ed. T. A . Queiróz. SP. 1991

QUEIROZ . M. I. P. “Relatos Orais: do Indizível ao Dízível”. 1995

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, D. “O povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil”. Companhia das Letras, 2002-SP

SAFATLE.V. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. SP. Ed. Autentica.2016

SAHLINS, M. D. 1930- “Cultura e razão prática” Marshall Sahlins; tradução Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão; revisão técnica Luís Fernando Dias Duarte- RJ: Jorge Zahar Ed. 2003

SALLA, F. e ALVAREZ M. C. no artigo: “Apontamentos para uma história das práticas de torturas no Brasil”- Revista Brasileira de Ciência Criminas nº 63- Editora Revista dos Tribunais- IBCCRIM- Dezembro de 2006- ano 14

SALGADO, S. “Terra”. Prefácio de José Saramago. Ed. Cia das Letras. SP.1997.

SALGADO, S. “ Trecheiros do mundo- Gente Rua”. Entrevista concedida ao Jornal O Trecheiro- da Rede Rua de Comunicação. Janeiro/1997.

SAMPAIO. M. “Olhar Marília: Um convite interessante” Núcleo de Ensino -UNESP- Campus de Marília-SP 1999

SANT’ANA, R. “Molduras da Miséria”. O recado. SP, 1980 .

SANTOS, J. Moreira. Angústia em Heidegger, Saramago e Graciliano. Revista Contemporâneos. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n13/resenhas/AngustiaEmHeidegger.pdf>

SANTOS, J. Moreira. Sobre a concepção de um laboratório de pensamento numa escola pública. Disponível em: <https://revistacontemporaneos.com.br/sobre-a-concepcao-de-um-laboratorio-de-pensamento-numa-escola-publica-jailson-moreira-usp/>

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, S. C. “Um olhar aprendiz para a reforma agrária”. (Monografia de bacharelado do curso de Ciências Sociais em 2001) sob orientação da professora Dra. Célia Aparecida Ferreira Tolentino.

SCHRITZMEYER, A. L. P. “Sortilégio de saberes: curandeiros e juízes nos tribunais brasileiros (1900-1990)”. São Paulo, IBCCRIM, 2004.

SCHRITZMEYER, A. L. P. “Controlando o poder de matar: uma leitura antropológica do Tribunal do Júri - ritual lúdico e teatralizado”, São Paulo, Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2002.

SIEBERT, S. S. “Educação Libertária: textos de um seminário – Movimento centro de cultura e autoformação”. Achiamé. SC, 1996.

Relatório Final da Conferência Livre: II Seminário do GT Segurança Pública, Justiça e Cidadania: “*Uma nova segurança pública é possível*” - 21-03-2009

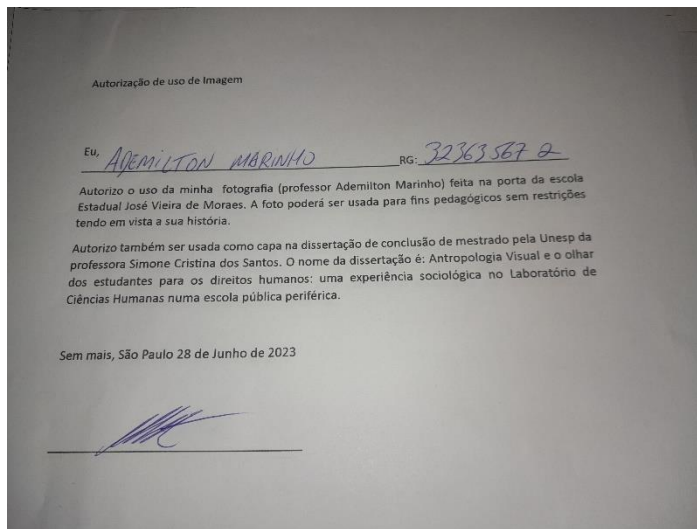
Terceiro Relatório Nacional de Direitos Humanos de 2002 a 2005 da USP/NEV

TOLRA, P. L; WARNIER, J. P. “Etnologia e Antropologia” 2º ed. Vozes.1997. RJ

VALLE, E. ; QUEIRÓZ, J. J. (orgs.) “A Cultura do Povo” 2ª ed. São Paulo: EDUC, 1982

WEBER, M. ”Sociologia”. SP, Ed. Ática; 1999; 7º Edição (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

ANEXO: 1- Foto da Capa



OBS: A foto de capa foi um pedido dos estudantes para que o professor de filosofia fizesse a foto antes que a polícia chegasse na frente da escola e fizesse a abordagem policial. Pois, a polícia estava estacionando. Então, os estudantes fizeram a representação da imagem que queriam e solicitaram que o professor fizesse a foto rapidamente.

A autorização do uso de imagem desta foto- capa e da iconografia estudantil apresentada aqui estão no arquivo da escola do Laboratório de Ciências Humanas e os direitos autorais foram pagos com os recursos da bolsa recebida através da capes para a realização da pesquisa. A tabela de referência da Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de SP- ARFOC-SP- 2022 e 2023- Foto Capa- Livros Educacionais e Didático- 761,00 e fotos internas 217,00 (Sendo 10 de autoria de Beatriz Tito e 3 de autoria de Valentina- Tina). Os portfólios feitos pelos estudantes são para divulgação dos trabalhos individuais dos estudantes. No ato da matrícula na escola todos assinam a autorização de uso de imagens para fins pedagógicos, divulgação dos projetos no instagram e no site da escola.

ANEXO: 2- Planejamentos das Eletivas de Antropologia Visual e Sociologia Imagética e Registros de oficinas, das exposições fotográficas apresentados em formação para o conviva na Diretoria de Ensino sul 3- dia 01.07.2022

<https://docs.google.com/presentation/d/1nmrB8Cl9ealTnZiXjDDK1fiTirPJ1oN96Z1OReC42Fk/edit#slide=id.p26> -Divulgação em encontros pedagógicos- 2022

Fotos de Simone Santos sobre Atividades de parcerias no LACH- Laboratório de Ciências Humanas

Festival de Teatro Paideia e Peça Teatral- Vamos à Escola



Plano da eletiva- 2022	
Título	Sociologia Imagética: a fotografia, o desenho, o teatro e o rap como narrativas estudantis que leem o mundo.
Professor(es)	SIMONE CRISTINA DOS SANTOS
Ementa	
A ELETIVA de Sociologia Imagética propõe um diálogo interdisciplinar nos campos da arte, história e sociologia proporcionando que estudantes deixem de ser "agentes passivos" receptores de conteúdos instrumentalizados e passem a ser "sujeitos ativos" construtores do conhecimento no cotidiano. A iconografia e recursos visuais produzidos pelos jovens (vídeos, desenhos, rinhas, raps, literatura marginal e poesias) são importantes para o desenvolvimento do “olhar sociológico”. Pois, tais recursos relacionam toda produção sensível sobre o cotidiano que os cercam e um olhar sociológico, territorial e histórico. Várias imagens representam uma interpretação do “belo” num local vulnerável ou um instante de fuga para olhar a natureza que premia num momento de angústia, um pôr do sol como consolo na falta de perspectiva que assombra a juventude da periferia brasileira. Trazendo para as oficinas das eletivas um espaço para narrar a partir das imagens produzidas os sentimentos que os(as) envolvem e os limites da produção de imagens hoje, bem como, a ética no uso das imagens e as leis de que envolvem o uso de imagens nas redes.	
Justificativa	
A pandemia do covid-19 em 2020 agravou a evasão escolar, aumentando com o isolamento as depressões estudantis, os conflitos familiares e a violência doméstica. Questões muito complexas que impactaram a vida dos estudantes. O desemprego dos familiares obrigou vários adolescentes ao mundo do trabalho rapidamente, causando uma evasão enorme na educação pública. O acesso escolar garantidos pelas leis educacionais e constitucionais já não estão assegurando o direito à educação. Urgentemente é preciso criar alternativas que motivem o interesse da juventude na educação. Este trabalho é relevante e se justifica justamente porque o laboratório de Ciências Humanas trabalha com temáticas relevantes e geradoras de debates e conscientização entre os jovens. A consciência coletiva e a importância de exercitar a discussão sobre africanidades, pluralidade e cidadania relacionada à ética, respeito ao outro, reconhecimento de humanidade, diferenças entre olhar e perceber que, o espírito de coletividade e o processo de criação são essenciais para a sobrevivência humana como um produto do homem desde a pré-história.	
Objetivos	
1)Desenvolver um olhar para a formação, vivência e convivência humana e social, a partir da produção de imagens. 2)Através das rodas de conversas, o desenvolvimento de técnicas e olhares em artes e representações imagéticas, incluindo questões étnicas, éticas, culturais e estéticas que possam contrapor às violências simbólicas vividas e favorecer um olhar para os direitos humanos e fundamentais. 3) Relacionar-se de forma dialógica com os (as) estudantes, através da troca de ideias e experiências sobre os valores que ajudam na compreensão da conduta ética no uso de imagens nas redes sociais; 4)Ressaltar a importância do papel da escola enquanto política pública preventiva. 5)Desenvolver através do Laboratório de Ciências Humanas uma parceria com a equipe de tecnologia para as possibilidades de criação de sites, vídeos, blogs, livros digitais e podcasts; 6) Organização e manutenção do banco de dados de textos, poesias, crônicas e das imagens produzidas durante o projeto como um mecanismo de conservação das fotos digitalizadas e memória dos eventos realizados na escola e nos estudos de meios, assim ressaltando a importância das imagens como documentos históricos;	

Conteúdo programático
Bimestre 1 e 2: a) Técnicas de análise de imagens (enquadramento, ângulos diferentes, foco, perspectiva, profundidade de campo e objetivo da imagem); b) Produção de manifestos ou vídeos sobre os temas: (março- Consciência feminina; abril-Trabalho, censura e ditadura; maio e junho- Liberdade e escravidão; c) Estudos do meio para exposições e represa do Guarapiranga; d) Levantamento da realidade vivida junto aos estudantes no espaço escolar e quais os sentidos de educação e escola para eles; e) A partir das rodas de conversas temáticas sobre democracia e educação como patrimônio cultural da comunidade; Bimestre 3 e 4: a) Desenvolvimento de técnicas fotográficas, de produção de desenhos, vídeos e poesias; b) Refletir a ditadura militar como “conduta” da exclusão. O tratamento desumano e degradante dos “indesejáveis”. c) A decadência de uma nação (filme) ou (KKK) nas dinâmicas que envolvem a violência e o racismo institucional, as violações dos direitos humanos e os desafios para a democracia na cultura do “mal banal” em Hannah Arendt; d) Live sobre a República dos Marginais (Teatro e censura na década de 60) ou Dos porões às prisões, encarceramento e necropolítica; e) Produção de desenhos, poemas e literatura marginal sobre os temas; f) Apoio na documentação fotográfica das eletivas, clubes juvenis e atividades da escola, como festa junina, semana afro e eventos sociais; g) Oficina de Rap, cinema e teatro
Metodologia
A produção metodológica está ligada à questão da autoestima e valorização do olhar estético. O Autorretrato coletivo propõe qual a imagem que queremos mostrar de nossa escola, qual imagem nos representa? O apoio ao centro de memória digital do banco de imagens da escola é um importante espaço de aprendizado, escolhas e organização do uso das imagens; A metodologia participante traz os desafios de refletirmos os atores sociais e seus espaços de interlocução social. A Eletiva de Sociologia Imagética, através do Laboratório de Humanas, busca parcerias com as demais áreas de linguagens e códigos. Trabalhar os saraus de canto e poesia para a interlocução dos jovens artistas na expressão de seus talentos poéticos e literários. A metodologia participante é um diálogo entre o sujeito, sua autoimagem coletiva e o olhar interlocutor da sociedade ou da própria comunidade escolar. O processo se dá em fases de produção. Na primeira fase partimos das rodas de conversas e oficinas para interação social. As oficinas ocorrem para a produção dos sentidos e significados para os (as) estudantes referentes aos temas, bem como, as perspectivas e sentimentos de pertencimento. Num segundo momento da metodologia participante, os (as) estudantes começam a aprofundar as questões que envolvem uma estrutura de violências sociais e a partir dos temas sugeridos para a produção imagética, eles podem escolher o trabalho artístico temático e produzir representações, retalhando pedaços da realidade. Deste modo, visa, participar da construção do conhecimento, focalizando pedaços do real, criando um sistema de montagem e seleção do mundo que possa ser interlocutora da realidade vivida pelos atores sociais.
Recursos didáticos

Os recursos didáticos são: Máquinas fotográficas, celulares, filmes fotográficos, ampliação de imagens. Estrutura do laboratório de Humanas para baixar fotos e alimentar os arquivos de imagens da escola; Slides de história da arte para leitura de imagens e análise de imagens. Caixa de som e computadores para ouvir músicas para sensibilização, pendrives, hd para cópia dos arquivos de imagens, recursos para exposições fotográficas, 1 armário para arquivo de imagens. pastas pretas com plásticos para arquivo dos desenhos, poesias e raps produzidos na eletiva; 1 armário de vidro para guardar as máquinas fotográficas, revistas e livros utilizados na eletiva;
Culminância
Nesse sentido, se pretende com a eletiva 3 momentos: 1) Descrever as narrativas construídas pelos estudantes sobre os sentidos da democracia, educação e da escola para eles, as subjetividades que trazem sobre os tipos de violências que vivenciam e os significados e potencialidades de superação dos ciclos das violências; 2) Atuar através da pesquisa participante, no Laboratório de Humanas na comunidade escolar para sensibilizar o olhar interlocutor para a produção imagética e artística. Realizando projetos interdisciplinares , estudos do meio, visitas aos museus e documentação dos eventos e memória da escola. 3) Respeitar a imagem do outro, dialogando com os atores sociais na área preventiva e reconhecendo a importância da sociologia imagética como um importante recurso de comunicação social, interdisciplinar e com os demais professores e professoras que atuam no laboratório, nas demais eletivas, clubes e nos coletivos comunitários dentro e fora da unidade escolar. Proporcionar o uso ético das imagens e a reflexão sobre as imagens produzidas, os critérios usados para divulgação nas redes sociais, o hábito cotidiano de socializar as imagens sempre com a autorização do uso de imagens sendo feita num momento constante e cotidianamente.
Avaliação
A avaliação da eletiva se dá em conjunto com os estudantes semestralmente. É feita uma avaliação da eletiva em si e da participação de todos;
Referências
Os referenciais teóricos são autores da escola de Frankfurt, da antropologia visual, sociologia cultural e clássicos da fotografia e literatura, como Collier, Bresson, BrissaK, Cláudia Andujar, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Anthony Giddens, Darcy Ribeiro, Gilberto Velho, Walter Benjamin, kafka, Adorno, Horkheimer, Foucault e Hannah Arendt; Os poemas trabalhados na eletiva são dos autores: Carlos Drumond de Andrade, Manoel de Barros, Cecília Meirelles, Otávio Paz, Neruda, Rubem Alves, Arnaldo Antunes e as poesias feitas pelo clube de poesias da escola e as poetisas da eletiva.
Cronograma semestral

Bimestre 1 e 2:

1. Olhar ao redor- a importância do ciclo das águas na região ou a produção consumista do lixo; Meio ambiente e as represas Billings e Guarapiranga;
2. Autorretrato coletivo e dia do abraço na culminância das eletivas- Retratos de amigos – estética e beleza dos jovens brasileiros; Interação com coletivos comunitários e estudos do meio; Produção de desenhos, poemas e literatura marginal sobre os temas na exposição final e culminância;
3. Estudo do meio na exposição Sebastião Salgado: Amazônia
4. Produção de fotos, poesias e raps das fotos;
5. Apoio na documentação dos eventos escolares, estudos do meio, redes sociais e sistematização e organização do centro de memória da escola;
6. Documentação dos clubes juvenis e eletivas
7. Documentação dos eventos realizados na escola, reunião de pais, etc;
8. Estudo do meio DOPs, Pinacoteca e Museu Afro (segundo semestre)

Bimestre 3 e 4:

1. História da arte ou filosofia da arte e existencialismo- Fotografia e Poesia (poesia: “Suposta existência” de Carlos Drummond de Andrade) Quem sou eu? O que faz parte da minha identidade? Como representar este tema através das minhas imagens? Diversidade na escola (Coisa de menino ou coisa de menina); Autorretrato coletivo; Desfile coletivo de respeito à identidade e singularidades dos estudantes;
2. O meu bairro e suas histórias. Um novo olhar para o espaço. Os estudantes usam a melhor linguagem imagética para expressão dos temas;
3. As Manifestações culturais africanas no nosso cotidiano - a Fotografia como instrumento de identificação da cultura e história da África”; Interação com o espaço cachuera e PAIDEIA de tradições e cultura africana, museu Afro e outras atividades dos coletivos afros do entorno;
4. A imagem da violência contemporânea, cultural e midiática. Observar os impactos da globalização no bairro e patrimônio histórico-cultural da cidade de SP.
5. Trabalhar vídeo do Poema ou teatro: Morte e Vida Severina- Trazer um conto, poesia ou crônica sobre a vida do nordestino em São Paulo;
6. Oficina de Direitos Humanos e cinema para a produção dos manifestos-Artigos da Declaração; Oficina de fotografia e literatura marginal pelo direito de sonhar; Oficina de produção de zines, poemas, livros digitais, sites ou blogs;
7. Documentação de Halloween e oficinas na semana Afro- Apresentação de teatro negro com da última gestão do grêmio da escola; Oficinas da semana Afro com ex. Alunos da escola;
8. Produção da peça teatral: Eles não usam black tie ou saltimbancos;

Obs: Em 2023 a eletiva foi feita em conjunto com a professora de Língua Portuguesa e jornalista independente: Débora Amorim e focamos mais na produção poética e divulgação das imagens produzidas.

Plano da Eletiva- 2023	
Título	Antropologia da Comunicação Visual- Narrativas estudantis como leitura de mundo
Professor	Débora Amorim e Simone Cristina dos Santos
Ementa	
Exercitar o diálogo interdisciplinar nos campos das linguagens e códigos, arte, história e sociologia proporcionando que os estudantes deixem de ser "agentes passivos" receptores de conteúdos instrumentalizados e passam ser "sujeitos ativos" construtores do conhecimento no cotidiano. Se tornou necessário abrir diálogo para os demais recursos produzidos pelos jovens (cartas, diários, vídeos, desenhos, rinhas, raps, literatura marginal e poesias). Pois, tais recursos trouxeram um conjunto sociológico imagético, um olhar que busca relacionar toda produção sensível sobre o cotidiano que os cercam e um olhar sensível, crítico, territorial e histórico. Trazendo para as oficinas das eletivas um espaço para narrar a partir das imagens produzidas os sentimentos que os(as) envolvem os limites da produção de imagens hoje, bem como, a ética no uso das imagens.	
Justificativa	
A pandemia do covid-19 em 2020 agravou a evasão escolar, aumentando com o isolamento as depressões estudantis, os conflitos familiares e as violências cotidianas, seja na escola ou doméstica. Questões muito complexas que impactaram a vida dos estudantes. O desemprego dos familiares obrigou vários adolescentes ao mundo do trabalho rapidamente causando uma evasão enorme na educação pública. O acesso escolar garantidos pelas leis educacionais e constitucionais já não estão assegurando o direito à educação. Urgentemente é preciso criar alternativas que motivem o interesse da juventude na educação. Este trabalho é relevante e se justifica porque estamos fazendo uma parceria entre a área de linguagens e o laboratório de Ciências Humanas com temáticas relevantes e geradoras de debates e conscientização entre os jovens. A consciência coletiva e a importância de exercitar a discussão sobre africanidades, pluralidade e cidadania relacionada à ética, respeito ao outro, reconhecimento de humanidade, diferenças entre olhar e perceber que, o espírito de coletividade e o processo de criação são essenciais para a sobrevivência humana como um produto do homem desde a pré-história até os dias atuais numa era mais tecnológica;	
Objetivos	
1)Desenvolver ações interdisciplinares para a formação, vivência e convivência humana e social, a partir das rodas de conversas, do desenvolvimento de técnicas e olhares em artes e representações imagéticas, incluindo questões étnicas, éticas, culturais e estéticas que possam contrapor à violência simbólica vivida nos arredores. 2)Relacionar-se de forma dialógica com os (as) estudantes, através da troca de ideias e experiências sobre os valores que ajudam na compreensão da conduta ética e da importância do papel da escola enquanto política pública preventiva 3)Desenvolver através do Laboratório de Ciências Humanas uma parceria com a equipe de tecnologia para as possibilidades de criação de sites, blogs, livros digitais, podcasts, para um banco de dados de textos, poesias, crônicas e das imagens produzidas durante o projeto como um mecanismo de conservação das fotos digitalizadas e memória dos eventos realizados, assim ressaltando a importância das imagens como documentos históricos;	

Conteúdo programático
1- Levantamento da realidade vivida junto aos estudantes no espaço escolar e quais os sentidos de educação e escola para eles, a partir das rodas de conversas temáticas sobre democracia e educação como patrimônio cultural da comunidade; 2- Desenvolvimento de técnicas de escrita, fotográficas, de produção de desenhos, vídeos e poesias; 3- O isolamento social no período pandêmico trouxe novas demandas para o espaço escolar, como o aumento da violência entre os estudantes (bullying); 4- Live sobre a República dos Marginais (Teatro e censura na década de 60) ou Dos porões às prisões, encarceramento em massa e necropolítica; 5- Produção de cartas, desenhos, poemas e literatura marginal sobre os temas propostos pelos estudantes.
Metodologia
A produção metodológica está ligada a questão da autoestima e valorização do olhar estético. A metodologia participante traz os desafios de refletirmos os atores sociais e seus espaços de interlocução social. As eletivas através do Laboratório de Humanas buscam parcerias com as demais áreas de linguagens e códigos. Trabalhar os saraus de canto e poesia para a interlocução dos jovens artistas na expressão de seus talentos poéticos e literários. A metodologia participante será um diálogo entre o sujeito, sua autoimagem coletiva e o olhar interlocutor da sociedade ou da própria comunidade escolar. O processo se dá em fases de produção. Na primeira fase partimos das rodas de conversas e oficinas para interação social. As oficinas ocorrem para a produção dos sentidos e significados para os (as) estudantes referentes aos temas, bem como, as perspectivas e sentimentos de pertencimento. Num segundo momento da metodologia participante, os (as) estudantes começam a aprofundarem as questões que envolvem uma estrutura de violências sociais e a partir dos temas sugeridos para a produção imagética, eles podem escolher o trabalho artístico temático e produzir representações, retalhando pedaços da realidade.. Deste modo, visa, participar da construção do conhecimento, focalizando pedaços do real, criando um sistema de montagem e seleção do mundo que possa ser interlocutora da realidade vivida pelos atores sociais.
Recursos didáticos
Os recursos didáticos são: Máquinas fotográficas, celulares, filmes fotográficos, ampliação de imagens. Estrutura do laboratório de Humanas para baixar fotos e alimentar o arquivo de imagens da escola; Slides de história da arte para leitura de imagens e análise de imagens. caixa de som e computadores para ouvir músicas para sensibilização, pendrives, hd para cópia dos arquivos de imagens, recursos para exposições fotográficas, 1 armário para arquivo de imagens. pastas pretas com plásticos para arquivo dos desenhos, poesias e raps produzidos na eletiva; 1 armário de vidro para guardar as máquinas fotográficas, revistas e livros utilizados na eletiva;
Culminância
1) Expor e descrever as narrativas construídas pelos estudantes sobre os sentidos da democracia, educação e da escola para eles, as subjetividades que trazem sobre os tipos de violências que vivenciam e os significados e potencialidades de superação dos ciclos das violências; 2) Acompanhar atuando através da pesquisa participante se o Laboratório de Humanas na comunidade escolar poderá sensibilizar o olhar interlocutor para a

produção imagética e artística. Respeitando a imagem do outro, dialogando com os atores sociais na área preventiva e reconhecendo a importância da sociologia imagética como um importante recurso de comunicação social. De forma interdisciplinar e com os demais professores e professoras que atuam no laboratório, nas demais eletivas e nos coletivos comunitários dentro e fora da unidade escolar.
Avaliação
A avaliação da eletiva se dá em conjunto com os estudantes semestralmente. É feita uma avaliação da eletiva em si e da participação de todos;
Referências
Os referenciais teóricos são autores literários e poéticos (Vinícius de Moraes, Toquinho, Carlos Drummond, Manoel Bandeira, Clarice Lispector- contos, Manoel de Barros, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos) e sociológicos da escola de Frankfurt, da antropologia visual, sociologia cultural e clássicos da fotografia, como Collier, Bresson, Brissak, Cláudia Andújar, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Anthony Giddens, Darcy Ribeiro, Gilberto Velho, Walter Benjamin, Kafka, Adorno, Horkheimer, Foucault e Hannah Arendt.
Cronograma semestral
Bimestre 1: a) Um novo olhar para o espaço- Olhar ao redor- os sentidos e os significados da escola; b) As Manifestações culturais africanas no nosso cotidiano - a Fotografia como instrumento de identificação da cultura e história da África”. Se possível visitar o museu Afro ou da Independência para as saídas fotográficas ou Interação com o espaço cachuera de tradições e cultura africana. Bimestre 2- a)A imagem da violência contemporânea, cultural e midiática. Observar impactos da globalização na comunicação. Produção de desenhos, poemas e literatura marginal sobre os temas; b)Trabalhar vídeo do Poema ou teatro: Morte e Vida Severina- Trazer um conto, poesia ou crônica sobre a vida do nordestino em São Paulo; c) História da arte ou filosofia da arte e existencialismo- Fotografia e Poesia (poesia: “Suposta existência” de Carlos Drummond de Andrade) Quem sou eu? O que faz parte da minha identidade? Como representar este tema através das minhas imagens? Autorretrato coletivo- Retratos de amigos – estética e beleza dos jovens brasileiros; Interação com coletivos comunitários; Oficina de produção de cartas e de Direitos Humanos-Artigos da Declaração; d) Oficina de fotografia e literatura marginal pelo direito de sonhar; e) Oficina de produção de portfólios, de banners, de zines, poemas, livros digitais, sites ou blogs; OBS: Documentação de Oficinas, Eletivas e eventos na escola feita pelos estudantes.

ANEXO: 3 -Registros de oficinas, do concurso de fotografia e das primeiras exposições fotográficas dos primeiros trabalhos fotográficos com adolescentes de escolas públicas na zona sul de São Paulo- Comunidade Vila Aparecida- Região Pedreira- FOTOS:(Simone Santos)- Divulgação em TV.



OBS: Adesivo elaborado pela artista Adriana Rocha- O início do trabalho social da Afago foi com um mutirão de construção de casas de alvenaria onde 150 famílias foram beneficiadas. Foi criada uma rede de solidariedade com pessoas, famílias, empresários que atuam mantendo as crianças no Projeto. A AFAGO-SP é uma associação filantrópica fundada em dezembro de 1993 que atua na comunidade Vila Aparecida com 180 crianças e adolescentes carentes, oferecendo uma oportunidade para as crianças participarem de oficinas artísticas no período em que não estão na escola. A Oficina de fotografia surgiu neste contexto. De trabalhar com crianças muitas vezes expulsas das escolas, usando da fotografia como recurso de expressão de sentimentos, sentidos e manifestação de uma realidade, além de, instrumento de resgate da identidade e da autoestima das crianças no território.





Fotos: Simone Santos

A primeira prática fotográfica proporcionou ao grupo conhecer e registrar o bairro onde viviam, a escola onde estudavam, os momentos familiares e na sequência o centro de São Paulo. Houve participação no 1º Concurso Fotografe o Centro de São Paulo,¹⁰⁵ onde as crianças ganharam os 10 primeiros lugares. Entre mais de 1500 fotos, avaliados por mais de 45 fotógrafos, os inscritos no concurso Fotografe o Centro de São Paulo mostrou um olhar diferenciado sobre a metrópole, registrando os patrimônios históricos e compondo com as fotos técnicas do desenho, como por exemplo, uma preocupação com as cores, linhas, fundo, enquadramento, perspectivas e profundidade de campo.

¹⁰⁵ Concurso organizado pelo produtor cultural Maurício Coutinho- mauricioimprensa@yahoo.com.br/ Pg facebook- Simone Santos- Da premiação e participantes do projeto https://www.facebook.com/Afagomaiscliques/photos/?ref=page_internal

Técnicas básicas de fotografia que ajudaram a com composição de mensagens visuais muito sensíveis e num certo cuidado com a luz. Os participantes do concurso no dia da premiação entrevistaram os estudantes e ouviram as histórias das fotos, bem como, os desafios para a produção das imagens e as dificuldades para o desenvolvimento do Projeto: Afago+Cliques no território. Os ganhadores do Concurso também deram depoimentos sobre a importância da fotografia para eles, como gostaram do projeto e sonhavam com profissões que poderiam proporcionar um trabalho com fotografia e imagens. Os 10 primeiros colocados do Concurso Fotografe o Centro de São Paulo tiveram a oportunidade de ir ao Programa da TV Cultura- Roda Cambalhota- para expor as fotos vencedoras e contar a experiência. O vídeo do programa está no site do Projeto Afago:



Fotos: Simone Santos

A produção de imagens e sua catalogação foi possível através do projeto Afago+cliques, onde teve um incentivo da fundação telefônica que consertou as máquinas quebradas de uma campanha na comunidade Vila Aparecida- Região do Pedreira que arrecadou 30 máquinas compactas, onde diversas pessoas se solidarizaram nesta mobilização do projeto Afago+Cliques.

Realizou-se a partir da campanha de arrecadação das máquinas fotográficas 4 trabalhos fotográficos com a participação de 85 crianças e adolescentes:

Trabalho fotográfico 1: Documentando os primeiros moradores do bairro, as mulheres e mães da comunidade Vila Aparecida.

Trabalho fotográfico 2: Fotografando o centro de São Paulo, as árvores da cidade de São Paulo, o Ibirapuera e o Museu Pinacoteca.

Trabalho fotográfico 3: Ecologia e meio ambiente na Comunidade e na Região do Pedreira e represa Bilingues

Trabalho fotográfico 4: Retratos de familiares, Autorretrato coletivo e detalhes coloridos na comunidade. (As fotos poéticas)

Após análise feita por 45 jurados que formaram a banca examinadora de 1500 fotos, as 10 fotos selecionadas nos primeiros lugares foram dos(as) adolescentes do PROJETO DE SOLIDARIEDADE PEDREIRA da AFAGO-SP, foram premiados no dia 15 de junho às 19 horas e 30 minutos no Teatro da ACM, à Rua Nestor Pestana, 147 – centro – SÃO PAULO – SP.

OBS: Todos (as) adolescentes que foram premiados hoje são maiores de idade e muitos deles que participaram do projeto trabalham e fizeram universidades em áreasque envolvem estética e imagem, como artes cênicas, moda, desing, etc.

FOTOS PREMIADAS NO CONCURSO FOTOGRAFE O CENTRO DE SÃO PAULO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA AFAGO-SP

1º lugar- Natália Martins



2º lugar- Guilherme Ribeiro



3º lugar: Walquíria Marquart



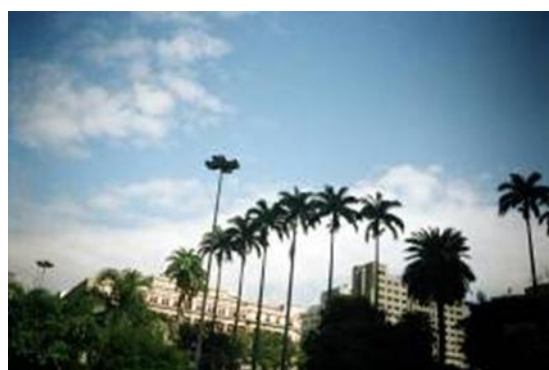
4º lugar: Waléria Marquart



5º lugar: Vanessa Ferreira



6º lugar: Miriam Silva



7º lugar: Renata Feitosa



8º lugar- Renan dos Santos



9º lugar- Israel de Oliveira



10º lugar: Caio Borges- 10 anos



Foto: Waléria Marquart de Ernandes fazendo foto de Luís Moreira ao lado- Foto de Ernandes foi selecionada pela curadoria para representar a exposição da Afago



SALÃO DA FOTOGRAFIA CONSIGO
MOSTRA FOTOGRÁFICA
Aprendendo a se Expressar
PROJETO AFAGO

Aprendendo a se Expressar
PROJETO AFAGO
MOSTRA FOTOGRÁFICA
De 03 a 27 de Fevereiro
ENTRADA FRANCA
De Seg. a Sex. das 8 às 19h
e aos Sábados das 8 às 13h
SALÃO DA FOTOGRAFIA CONSIGO
R. Conselheiro Crispiniano, 105 - 1º And. Centro - São Paulo / SP - CEP 01037-001

WWW.CONSIGO.COM.BR

A AFAGO-SP é uma associação filantrópica fundada em 1993 que atua na comunidade Vila Aparecida, região da Pedreira. A prática de produção de imagens neste projeto visa utilizar a fotografia como recurso que possibilite a expressão dos sentimentos individuais e coletivos. Mostra também resumos de debates de aproximadamente 180 crianças e adolescentes sobre seu bairro e as pessoas que nele vivem.

MATÉRIA SOBRE CONCURSO FOTOGRAFE O CENTRO DE SÃO PAULO- CONCURSO DE FOTOS SOBRE SÃO PAULO DIVULGA RESULTADOS

Com participação gratuita de toda e qualquer pessoa, o Concurso Fotografe o Centro de São Paulo, projeto que visou ampliar o interesse da população pelo centro da cidade e

analisar diferentes pontos de vista dessa região tão bela, divulgou os resultados após seleção acima de mil e duzentas fotografias. O projeto é de autoria do jornalista e produtor cultural Maurício Coutinho que informa que o concurso foi dividido nas categorias infantil e adulto, que buscaram as imagens da arquitetura do centro e a social que enfocou a degradação de algumas áreas, além de personagens em inclusão/exclusão social. Os resultados podem ser encontrados no site www.fotografeocentrosp.blogspot.com.br, e as fotos premiadas estarão expostas no Shopping Light, R.a Xavier de Toledo, 23;

RELAÇÃO DE PREMIADOS- CATEGORIA INFANTO-JUVENIL

1. Natália Martins, 12 anos
2. Guilherme Ribeiro, 9 anos
3. Walquíria Marquart, 11 anos
4. Waléria Marquart, 9 anos
5. Vanessa Ferreira, 12 anos
6. Míriam Silva, 12 anos
7. Renata Feitosa, 11 anos
8. Renan dos Santos, 12 anos
9. Israel de oliveira, 11 anos
10. Caio Borges, 10 anos

CATEGORIA SOCIAL

1. Patrick Soares, 39 anos, administrador
2. Diego Diniz, 22 anos, estudante
3. Danilo Costa, 19, estudante
4. Robson Gomes, 31 anos, repórter fotog.
5. Ariane Silva, 21 anos, fotógrafa

Entidades e empresas apoiadoras:

Spturis/São Paulo Turismo/PMSP; Ação Local Ramos de Azevedo; ACM-Centro/Associação Cristã de Moços; ADVB/Assoc. dos Dirig. Vendas e Mark.do Brasil; Angel Equipamentos Fotográficos; Câmera Show; Colégio Inaci; Edna Queiroz Gastronomia & Idéias; Estúdio Paulista de Vídeo e Fotografia; Federação dos Clubes 21 Irmãos Amigos; Flávio Feitosa Hair Salon; Foto Óptica Conselheiro; Fundação Mário Covas; Gráfica Marc Press; Grand Hotel Ca'd'oro; Inst. Cultural Galeria do Rock; IAB/Instituto de Arquitetos do Brasil; IRES/Inst. de Respons.Social da ADVB; Jcz Design; Escola de Samba do Lavapés; Madras Editora; Módulo Telecom; Naturiche Buffet; Optisom; Oruam; Parque da Mônica; Playcenter; Rotary São Paulo; Shopping Light; Sinhores/Sind.de Hotéis, Rest., Bares e Simil. SP; Spa

Sorocaba; Super Eletro.Com; Universo Asse. Imprensa; Way Comunicações e Yóga Ganapati-INFOREMAÇÕES À IMPRENSA: Maurício Coutinho- 9803.9796 – 6978.6099 – mauricioimpremsa@yahoo.com.br

ANEXO: 4- Planejamento apresentado para o Projeto de Vida de 2022

Docente: Simone Cristina dos Santos- Efetiva em exercício da área de Sociologia

Discentes das Turmas 1C, 1D e 1E- parte do projeto INOVA- Da área (Projeto de Vida)
- 2022

Objetivos:

- Fazer uma discussão sobre o processo de socialização contemporâneo dando destaque às demandas trazidas pela juventude hoje;
- As reflexões terão como base as transformações recentes ocorridas nestes espaços de referências identitárias, como família, escola, trabalho, a rua e suas transitoriedades;
- A intenção é trabalhar com os estudantes as contribuições teóricas de alguns autores da sociologia contemporânea (sociologia dos sentidos e do afeto) ao tratar os conceitos habitus, capital cultural e filtro cultural para o leque de possibilidades e escolhas do individual ao coletivo, capital cultural artístico, reflexividade e interlocução pessoal e social serão vistos como eixos norteadores dos debates em sala, bem como, os sentidos e significados da família, trabalho, religião e escola.

Justificativa:

- a) Necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o processo de socialização em um mundo em constante transformação;
- b) Necessidade de explorar teoricamente o alcance de conceitos relativos à demanda trazida pelos estudantes durante o exercício do diálogo em sala;
- c) Exercício intelectual de relacionar a contribuição de teóricos em um tema relevante dentro da sociologia dos sentidos e afetos, referente à educação, trabalho, cultura, sonhos e arte.
- d) Trata-se de uma iniciativa que propõe refletir pelas transformações pelas quais as instituições estão vivendo a partir de demandas sociais para a construção de um projeto individual e de pertencimento;
- e) Haverá discussão sobre experiências artísticas em suas variadas formas: arte convencional, indígenas, afros, cultura e literatura da periferia da cidade de São Paulo.

f) Se houver possibilidades a disciplina contará com a participação de convidados especializados nestas diversas expressões de cultura e papel social para troca de saberes e experiências de vida.

Conteúdos propostos:

1 - Família, Trabalho, Religião e Escola - agentes clássicos e modernos da socialização (habitus familiar e habitus escolar).

2 - Elementos constitutivos da nova ordem social (ressignificação do tempo e espaço/ desencaixe / reflexividade)

3 - Indústria cultural - configuração histórica e sociológica- a mídia enquanto referência identitária pulverizada, exposição pública da vida privada e fragmentada na construção do eu;

4- Dialogar com a filosofia existencial, ancestralidade, pertencimento, felicidade e emancipação;

5 - Relações entre os espaços de socialização e intervenção cultural

Metodologia:

Através do diário de campo aprofundar:

- a) O processo de socialização primária, secundária e terciária (família, escola, trabalho, etc)
- b) O processo de reconhecimento de identidade social e ancestralidade.
- c) África como terra mãe de todos nós- Principais grupos que vieram para o Brasil e de onde vieram, matrizes de formação da identidade cultural;
- d) Os sentidos de educação e de escola para os estudantes;
- e) Os talentos específicos de cada turma;
- f) Os sentidos e significados do mundo do trabalho;
- g) O perfil e filtro cultural da turma, referente à música, livros, filmes, etc.
- h) Produção de desenhos, poemas e literatura marginal;
- i) Trabalhar vídeo do Poema ou teatro: Morte e Vida Severina- Trazer um conto, poesia ou crônica sobre a vida do nordestino em São Paulo
- j) Os impasses e impactos da vida familiar e doméstica. Diversidade na escola (Coisa de menino x coisa de menina)

Através do Laboratório de Humanas realizar:

- a) Fotografia e Poesia (poesia: “Suposta existência” de Carlos Drummond de Andrade) Quem sou eu? O que faz parte da minha identidade? Como representar este tema através das minhas imagens?
- b) Oficina de Produção de portfólio;

Através do Laboratório do Pensar (Professor Jailson):

- a) Diferenças entre moral, tradição e ética como possibilidades de escolhas individuais e coletivas;
- b) A importância da afetividade para a construção da felicidade;
- c) Fazer uma interlocução com filosofia e existencialismo e escolher com jovens uma reflexão sobre o setembro amarelo;

Bibliografia para os estudantes:

Ângela Cruz e Mônica Waldhelm- Ser em Foco- Livro de Projeto de Vida. Ed. do Brasil págs. 46-47 (pertencimento);

48- 58-59 (juventudes);

76-77- dependência química em debate;

98-99-(sustentabilidade);

108,109- (Eu etiqueta- Drummond e juventude conectada);

124-125 (arte como possibilidade);

150-151-167- Roda da vida e mundo do trabalho;

158-159- Diversidade humana e constituição de 1988- art. 3 ao 5;

Bimestre 1- Apresentações, introdução aos sentidos de socialização primária, família, educação, escola, moral, estereótipos, estigmas, ética (através do manifesto) - Dia da mulher e interlocução cultural na comunidade escolar- mulheres que nos inspiram;

Bimestre 2- Diário de Campo parte 1- Dia da amizade (20.07) - Interlocução com os laboratórios;

Bimestre 3- Diário de Campo parte 2- Dia do estudante e internacional da juventude (12.08); Setembro Amarelo e interlocução com os laboratórios;

Bimestre 4- Produção do material da sala, portfólio e livro digital;

Habilidades dialogando com ciências Humanas:

EM13CHS502 e EM13CHS503- Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas, etc. desnaturalizando e problematizando formas de desigualdades,

preconceitos, intolerância, discriminação e identificar ações que promovam os direitos humanos, a solidariedade, o respeito, às diferenças e as liberdades individuais;

Habilidades dialogando com Linguagens e códigos: (EM 13LGG101- Compreender e analisar processos de produção de narrativas nas diferentes linguagens para fazer escolhas fundamentais em função de interesses pessoais e coletivos; EM13LGG204- Dialogar e produzir entendimento mútuo nas linguagens artísticas, corporais e verbais, com vistas ao interesse comum, pautado em princípios e valores de equidade na democracia e direitos humanos; EM13LGG301- idem acima e levando em conta a produção de sentidos em vários contextos; EM13LGG702- Vivenciar e significar no projeto de vida, autoconhecimento, socialização, autocuidado e entretenimento; EM13LGG602- Aguçar sensibilidade, imaginação e criatividade; EM13LGG701- Explorar tecnologia para práticas de linguagens diferentes, utilizando de modo ético e criativo para diferentes contextos)

Bibliografia para aprofundamento:

BOSI, Éclea. O tempo vivo da memória. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de Campo - a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro, Zahar, 1996

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva. RJ: Vozes, 2005.

SAFATLE.V. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. SP. Ed. Autentica.2016

Artigos:

Afetos e Representações Sociais: Contribuições de um Diálogo Transdisciplinar-

Carolina Fernandes Barros- Escola Nac. de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP /

FIOCRUZ; Ângela M.S. Arruda -

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/jqqHqRpV8PWHLnBm6ksYVhB/?lang=pt&format=pdf>

AFETOS, PAIXÕES E FEMINISMO – A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES- Selene

Herculano- [https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-](https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/AFETOS_v2_PAIX%C3%95ES_E_FEMINISMO__A_SOCIOLOGIA_DAS_EMO%C3%87%C3%95ES_fev2012.pdf)

[content/uploads/sites/149/2017/09/AFETOS_v2_PAIX%C3%95ES_E_FEMINISMO__A_SOCIOLOGIA_DAS_EMO%C3%87%C3%95ES_fev2012.pdf](https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/AFETOS_v2_PAIX%C3%95ES_E_FEMINISMO__A_SOCIOLOGIA_DAS_EMO%C3%87%C3%95ES_fev2012.pdf)